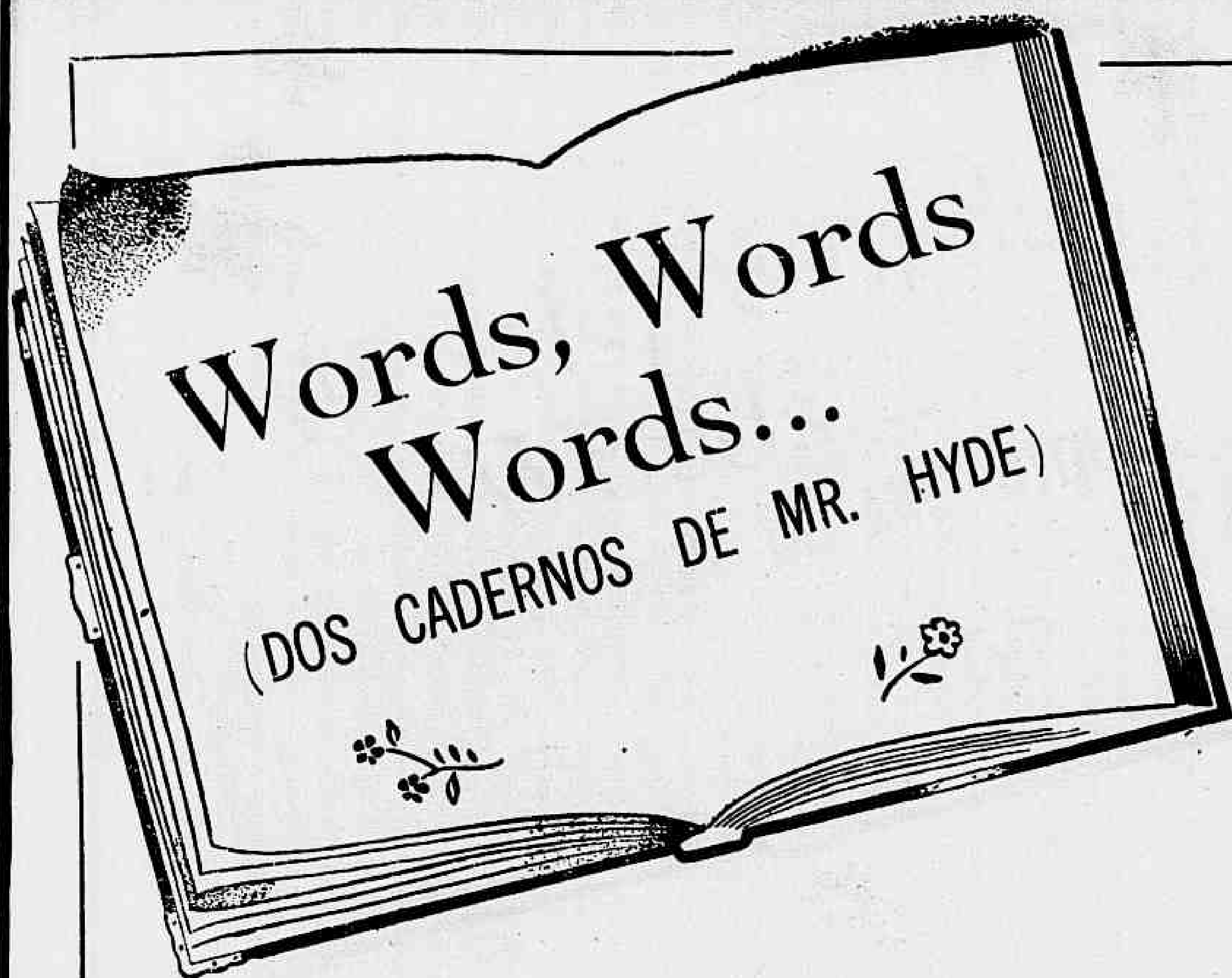
REVISTA DA SEMANA

Nº 43 ★ 23-10-50 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: ENXADRISTAS EM AÇÃO - A MODERNA CANAAN - AS MÃOS DE MARGARIDA - A GUERRA NA CORÉIA


MADERAS DE ORIENTE
MADERAS ORIENTE
madera de oriente
MYRURGIA
EXTRATO · LOÇAO · PÓ DE ARROZ
Um perfume de
MYRURGIA



TEM-SE, às vêzes, a ilusão de que, através da vida, dos erros e das decepções, a gente vai se aperfeiçoando. Mas, na realidade, não há tal. Ouviremos sempre as mesmas censuras, as mesmas objeções, as mesmas palavras duras — sempre que ouvirmos, a nosso respeito, a opinião alheia. Até as mesmas palavras. Prestem atenção: as mesmas palavras.

★

NÃO há nada tão inútil como um bom-exemplo. O bom-exemplo não estimula ninguém: ou o sujeito age bem, espontâneamente, ou não se interessa pelas boas ações.

★

INÚTIL procurar uma solução. E' a vida que não tem solução. Nós vamos indo, levados pelos acontecimentos, simplesmente. Não há outra solução.

★

TÔDA vez que confiarmos em alguém, poderemos ter certeza de mais uma decepção.

★

NÃO viva com amargura. A amargura não resolve nada. Nem faça de sua dor um poema — como está em Goethe. Seria inútil. Inútil também. Como tudo.

★



ARMEMO-NOS de uma grande indiferença: qualquer que seja a nossa atitude, em qualquer ocasião, em geral nos dá um profundo arrependimento.

★

A verdade — qualquer que seja a verdade — será sempre aquilo que não se deve dizer a uma mulher.

★

SEMPRE te arrependerás de não teres sido egoista.

★

É covardia — mas tranquiliza a nossa vil matéria — achar alguém responsável pelos nossos erros.

★

NO pedestal da estátua da glória há sempre essa mistura de ódio e lama que o despeito amassou com o suor do seu rosto.

NADA aflige mais profundamente os indivíduos inferiores do que a certeza da superioridade alheia.

★

CONSIDERA-TE feliz se conseguires contar, na vida, três amigos: teu pai, teu filho e teu cão. A maioria dos homens só pode contar mesmo um amigo — seu cão.

★

SE não queres perder um amigo — não lhe peças nada.

★

NUNCA penses que o céu, às vêzes, é azul. Aquêle azul que, às vêzes, aparece, límpido e polido, por sôbre nossas cabeças — na realidade não existe, é ilusão, distância.

★

NÃO tenhas nunca certeza. De nada. Tudo pode acontecer.

★

A vida é uma anedota sem graça que repetimos todos os dias.

★

AS mulheres incompreendidas, em geral, são mulheres que não têm nada para a gente compreender.

★

O amor é uma ociosidade. Talvez seja um passatempo interessante, quando não há o bilhar ou o dominó, para evitar que duas pessoas se entediem juntas.

★

AS mulheres não são a esfinge sem segrêdo, de Wilde... São as esfinges com um segrêdo que as amigas se encarregam de revelar... Ou que elas mesmas, inquietas, impacientes, costumam dizer ao nosso ouvido.

★

AS mulheres fatais se diferenciam das outras apenas porque são mais caceles.

★

HÁ dias em que podemos perfeitamente dizer: — Hoje estou chuvoso.

★

QUANDO se fala mal das mulheres, pensa-se em geral em uma mulher. As mulheres — sempre encantadoras — também sabem disso. E sorriem do inimigo que, no fundo, não passa de um amigo que confiou de mais e está sofrendo de mais — aquela dor inconfundível e sem analgésico.

★

SALVADOR Dali adotou o telefone como uma espécie de símbolo do espírito moderno, na sua pintura. Jean Cocteau já fizera do telefone a personagem de um drama. Petty, o ilustrador de Chicago, que faz deliciosas figurinhas femininas, tornou o telefone a segunda frente da já célebre "Petty girl". E o poeta Enrique Larreta fêz um admirável poema ao telefone, em que êle diz — colhêr uma voz como uma flor...

★

JÁ Hamlet, príncipe da Dinamarca, queixou-se uma vez dos discursos — fazendo o seu, é bom que se diga:
Words, words, words...
Afinal, tudo não passa, mesmo, de simples palavras.

EDMUNDO LYS



AS MULHERES espanholas são boas donas de casa e apreciam as prendas domésticas. Vejam estas que vêm fazer seu «tricot» na via pública, enquanto batem um papinho saboroso...

ESPANHA DE HOJE-A MESMA DE SEMPRE-I

PAÍS DOS CONTRASTES MAIS VIVOS ★ TRADICIONALISTA AO EXTREMO ★ ONDE POBRES E RICOS POSSUEM O MESMO CARACTERÍSTICO DE NOBREZA DE ATITUDES.

(Exclusividade I.P.A. — REVISTA DA SEMANA)

A Espanha de hoje, é a Espanha de sempre! O país dos contrastes mais vivos, tradicionalista ao extremo, onde os pobres e os ricos possuem o mesmo característico de nobreza de atitude, bem como a graça de uma beleza meridional. Apesar de tôdas as vicissitudes que atravessa, a Espanha continua parecida consigo mesma... Como em todos os países meridionais, o luxo grandioso está lado a lado com a maior miséria. Mas, para aquêles que não têm os meios de possuir uma grande mansão, a vida continua a se desenrolar nesta cena idéal que é a rua, calma durante a claridade excessiva do meio-dia, mas que principia a animar logo que começa a refrescar a tarde. E foi na rua que colhemos as cenas mais características da Espanha de hoje.

PAÍS TRADICIONALISTA AO EXTREMO

Em plena Madrid, e ainda mais para o sul, vêem-se homens e mulheres carregar fardos à cabeça, em equilíbrio, da mesma maneira que se fazia há milhares de anos atrás, e como ainda hoje se faz no continente mais atrasado: a África. A Espanha é tradicionalista ao extremo em seus costumes. Mesmo a farda de um guarda do famoso parque madrileno "O Retiro" ainda é a mesma que a de seus predecessores, de 300 anos passados. A moda das saias compridas é para as moças. Parecem estar vestindo camisolas. Quando fazem parte de famílias ricas, e possuem boas roupas é agradável admirá-las, mas quando se trata de filhas do povo, chega a ser um tanto ridículo! A tradição exige ainda que elas usem os cabelos em longas tranças, caindo sôbre os ombros, como no tempo de nossas avós...



AS ETERNAS montanhas nevadas dos Pirineus, que dividem a Espanha da França.

TERRA DO VINHO

Terra do vinho, a gente do povo não toma os aperitivos reservados à clásse elegante. "Dá-se um golpe atrás da gravata" — expressão tìpicamente espanhola, que significa tomar um copo. Isto consiste em beber o equivalente a um meio litro de vinho rosado ou vermelho, num curioso recipiente provido de um bico cuja ponta não deve tocar os lábios — exercício muito difícil. E' pre-

O GUARDA do tráfego é, em Madri, um cidadão bem vestido.

★

ciso fazer boa pontaria, porque senão a camisa se tinge de vinho. Com exceção do pleno inverno e no norte do país, vive-se na rua, e o clima o permite, generosamente. Esta é a razão pela qual as casas populares espanholas são muito pouco confortáveis. Não se parece viver em casa, e até de noite fica-se na calçada, conversando. Esta é a razão pela qual se vê mulheres fazerem tricot em plena praça. Na rua, a gente se sente bem melhor do que em casa, e vê passar o povo... Ao contrário de outros países, o trem é o lugar para o qual a gente se véste com o que tem de melhor. E o último salão onde se conversa, é o lugar onde a gente se exíbe. As crianças véstem suas roupas domingueiras.

O PAIS DOS LEQUES

A Espanha é o país dos leques. Pode-se saber a classe a que pertence esta ou aquela, pelos leques. Existem leques muito baratos à venda, mas outros custam por vêzes mais de 1.000 pesetas. São freqüente, em tôda a Espanha, os vendedores de água nas ruas, carregando o precioso líquido em moringas. As mesmas moringas também se vêem-se nas janelas de cada casa. Freqüentemente, os vendedores da água são crianças. A polícia espanhola é luxuosa. Principalmente em Madrid, onde é trajada com grande apuro.

Quem não gostaria de visitar a Espanha, ver suas belas mulheres, suas praças de touros, seus costumes e danças folcloricas que ainda cheiram a canticos mouros? País da Arte e das tradições mais encantadoras, a Espanha é um dos mais atraentes lugares da velha Europa. Vizinha de Portugal, liga-se à velha terra de D. Henrique, pela fraternidade dos destinos, tanto na língua, como nos encantos de um passado muito parecido. Para nós, brasileiros, ir a Portugal e não extender a viagem à Espanha, é ter deixado de realizar por completo êsse banquete intelectual.

E muito que ver tem a pátria de Cervantes. Não sòmente os belíssimos monumentos históricos, as cidades horóicas, os museus de tôda espécie. A Espanha também pode mostrar ao mundo o que de mais lindo possui como realização moderna, tanto em arquitetura, como em Artes e progresso. E' uma terra de encantos que provoca entusiasticos aplausos a quantos a visitam. Seu povo é cortês, educado, com aquela urbanidade que tanto distinguia o cavalheirísmo do passado.

A vida alí também passou pelos processos de adaptação a que foi o mundo inteiro obrigado pelas conseqüências da última grande guerra, e, embora a Espanha não haja sofrido destruições em seu próprio território, sentiu os efeitos da hecatombe, uma vez que também mandou para o teatro da luta divisões de soldades de sua elite militar. Antes disso, viu o solo patrio retalhado pela

★





COMO EM todas as grandes cidades, são comuns os tipos de ruas!



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — Em que local da Av. Rio Branco havia o Pavilhão Pascoal Segreto, destruido pelo povo em 1910:

NO PONTO ONDE ESTA O EDIFÍCIO «S. BORJA»?
ONDE ESTA O LICEU DE ARTES E OFÍCIOS?
ONDE SE ERGUEU O TEATRO MUNICIPAL?

2 — De que autor é a tragédia de Hamlet:

SHAKESPEARE?
MOLIERE?
GIL VICENTE?

3 — Qual o político brasileiro que, na intimidade, chamava de «sacripanta» aos adversários:

QUINTINO BOCAYUVA?
PINHEIRO MACHADO?
RUY BARBOSA?

4 — Qual o escritor que, ao morrer, disse à esposa: «Adeus! Não nos veremos nunca mais!»:

VOLTAIRE?
ROUSSEAU?
ANATOLE FRANCE?

5 — A média na duração da vida humana está:

AUMENTANDO?
DIMINUINDO?
ESTACIONANDO?

6 — Em que ponto da Europa é fabricado o famoso vinho moscatel denominado «Lacrima Cristi»:

NA BORGONHA?
NAS FALDAS DO VESÚVIO?
NA CATALUNHA?

7 — Por que motivo é o túnel de S. Gotardo um dos mais originais do mundo:

PELO TRAÇADO EM ESPIRAL?
PELA EXTENSÃO?
PELA NATUREZA DO SÓLO?

8 — Que nome tem a camada atmosférica logo que termina a estratosfera:

IONOSFERA?
PIROSFERA?
ELETROSFERA?

9 — Em que parte do mundo caiu o maior meteoro até hoje conhecido:

NO BRASIL?
NA RÚSSIA?
NA ÍNDIA?

10 — Qual a primeira vitamina descoberta:

A?
B?
C?

11 — O mata-borrão foi descoberto:

POR ACASO?
DEPOIS DE MUITAS EXPERIÊNCIAS?
NUM SONHO?

12 — A uva possui valor nutritivo:

BAIXO?
MÉDIO?
ELEVADO?

13 — Qual a velocidade com que se transmite a impressão nervosa ao londo dos nossos nervos:

150 QUILÔMETROS POR HORA?
DOIS QUILÔMETROS POR MINUTO?
250 QUILÔMETROS POR HORA?

14 — Qual o nome científico de «vista cansada»:

MIOPIA?
PRESBIOPIA?
OFTALMIA?

15 — Qual dentre estas palavras a que é o sinônimo de lágrima:

EPIFORA?
SINQUISE?
EDEMA?

16 — Que nome se dá à dilatação de prazo a um devedor em dificuldade:

LOCK-OUT?
WARRANTAGEM?
MORATÓRIA?

17 — Qual a função do nervo hipoglosso:

PRESIDIR AOS MOVIMENTOS DA LÍNGUA OU FARINGE?
AUXILIAR O MOVIMENTO DOS OLHOS?
SECRETAR A BILIS?

18 — Que significa «staccato» em língua musical:

PRELÚDIO?
ABERTURA DE ÓPERA?
OU DESTACAR AS NOTAS NITIDAMENTE?

19 — Qual o educandário do Brasil que goza da fama de ser o mais bem organizado:

O CARAÇA?
O GRANBERY?
O PEDRO II?

20 — Qual o motivo de os surdos de nascença serem mudos:

DEFEITO ORGÂNICO?
PORQUE NUNCA OUVIRAM OUTRA PESSOA FALAR?
INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA?

(Resposta na página 58)



ESTA GAROTINHA de Espanha, leva sua mais bonita roupa, nesta viagem de trem, sem nenhum pó.

★

guerra civil do que resultou o esmagamento da República. Mas, por maiores que sejam os infortunios entre os destroços de lutas civis ou de participação em guérras externas, a Espanha continua a ser um dos mais encantadores lugares do mundo, onde o turista pode renovar seus conhecimentos de história, de arte e de beleza nos domínios da cultura e da civilização.

★

FUTURAS RAINHAS de Beleza ibérica, embora a morena não acredite. Mas a de «new look»...





A SEMANA EM REVISTA

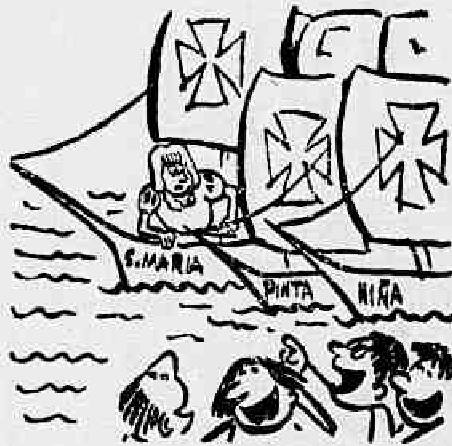
REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ Nº 43 ★ 28-10-50

ADEUS! BELÉM DO PARÁ.



O sul do Brasil, especialmente o Rio e São Paulo, exerce irresistível atração no espírito dos nordestinos e dos nortistas pròpriamente ditos. Quando há fartura e corre dinheiro a rodo lá pela Amazônia, os trabalhadores do nordeste sobem os mares e se embrenham pelo dédalo indecifrável do Amazonas e seus afluentes de ambas as margens. Mas, em tôdas as épocas, chova ou faça sol, haja crise ou rolem cruzeiros, o nordestino e o nortista descem para o sul em busca do Rio o de São Paulo. E' uma fatalidade na demografia dinâmica de nossas populações. Todo mundo, logo que atinge a idade capaz de fazer suportar fome, frio e outras desgraças fora do lar, mete-se num vapor, num caminhão, num trem, ou vem a pé mesmo, em direção ao Rio... Foi o que fêz êste infeliz motorista João Lemos. Solteiro, espírito audaz, aventureso, um dia não quis mais saber da cidade nortista em que vivia e arrumou as trouxas, vindo para a Capital da República. Mas, contra os seus sonhos e planos, não foi feliz aqui. Sofria horrores. Não tinha lugar para dormir, nem para comer, nem para viver as horas de folga. Era um homem sem lar e sem destino. Começou a lembrar-se de sua terra natal, dos parentes, dos amigos, das namoradas, dos dias de missa, das noites de festa. Como sentia saudades! O norte! Aquelas praias bordadas de coqueiros sempre farfalhantes, sempre agitados, sempre alegres como as andorinhas que voejam de manhã à noitinha! E as jangadas! E o mar, tão verde que parece lhe espremeram folhas de oiticica sôbre as ondas. Não suportando a saudade, não tendo onde morar, um coração amigo, uma palavra de estímulo, matou-se João Lemos, desesperado e com saudades do Norte...

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA



A 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo descobre êste continente. Segundo dizem as crônicas, o navegador genovês não tinha em mente nada disso. O que desejava era descobrir o caminho das Índias, pelo Ocidente. Achava êle, bem como todos os cartógrafos contemporâneos ou já falecidos, que, navegando-se de Portugal ou Espanha na direção do Ocidente, devia-se encontrar uma grande terra que nada mais era do que a Índia Ocidental, ligada à Oriental. Depois de muito lutar com os reis de Portugal no sentido de que lhe dessem armada, homens e recursos para realizar essa audaz proeza, nada conseguiu. Então, pondo-se a caminho de Castela onde reinavam os soberanos católicos, Fernando e Isabel,, Colombo lhes apresentou o plano em tôdas as suas minúcias. Como os reis não entendessem muito de "mares nunca dantes navegados" chamaram astrônomos e cientistas dos conventos, êsses frades que possuíam grandes cabedais de cultura aristotélica e, embora também desconfiados, estavam certos de que êste mundo era muito maior do que se poderia imaginar. Enfim, depois de muitos anos de "mais tarde", "vamos ver", "deixe para amanhã", "von consultar a rainha", etc., pôde Colombo obter a frota e o pessoal. Mas, que frota? Uma ridicularia! Três barquinhos que hoje causariam riso às crianças que moram à beira-mar e que estão habituadas a ver os transatlânticos. Dizem os historiadores que foram os barcos denominados "Santa Maria", "Pinta" e "Niña" (menina). Cristóvão Colombo se fêz ao largo e, depois de lutar contra o derrotismo, descobriu êste hemisfério, que lhe foi muito ingrato, a começar com o nome: América, em lugar de Colômbia...

DE BLUSA E TAMANCO



Há, em tôrno das eleições de 3 de outubro, uma já bastante farta literatura que vai da anedota aos episódios reais de grande efeito. Veja o leitor êste que nos vem de Aracaju, a risonha capital de Sergipe. O candidato petebista ao govêrno do Estado, sr. Francisco Macedo, está até agora com significativa maioria de votos contra os demais concorrentes. No comício de encerramento de sua propaganda eleitoral, declarou o mesmo que, no dia de sua posse, poria abaixo as portas do palácio ali da praça Fausto Cardoso, dando entrada franca aos operários e promoveria um baile de arromba nos salões do palácio sede do govêrno, no qual os trabalhadores poderiam dançar de blusa e tamanco! E' claro que foi enorme o sucesso do povo diante de tão atrativas perspectivas. Entrar no palácio, sem nenhuma etiqueta ou burocracia, já é uma felicidade, que não dizer-se da ventura suprema de bailar-se de tamanco e blusa? Uma delícia. Ou por isso, ou por aquilo, o fato é que o sr. Macedo está com a desejada maioria e, quando tomar posse, tem que cumprir a promessa. O palácio do govêrno de Aracaju vai experimentar uma dessas emoções com que jamais sonhara. Receberá em seus salões de luxo e de honra, o povo, a massa, o proletariado sergipano e lhe proporcionará momentos de grande sensação. Mas... e depois? Sim, depois? O povo também quer ver a carne mais baratinha, a banha fácil, o pão de trigo puro, bom e barato, os transportes resolvidos, a barra do Cotinguiba desentupida, e Aracaju recebendo navios do norte e do sul. Isso é que é dançar no arame, sr. Governador!

A DEGOLA NO LEGISLATIVO



Embora, ao escrevermos estas notas, ainda falte considerável número de urnas a apurar em todo o Brasil, já se desenha por todo o panorama nacional, em relação à Câmara Federal e ao Senado da República, verdadeiro "massacre" eleitoral contra figuras de alto prestígio político nos Estados. Calcula-se em cêrca de 150 o número de deputados e senadores que não voltarão a sentar-se em suas cômodas cadeiras no Congresso Nacional, uma vez que foram derrotados nas urnas pelos novos representantes do povo brasileiro, no pleito de 3 de outubro. Houve "degola" em todos os Estados e em todos os partidos, numa prova flagrante de que desapareceu o "voto de cabresto". Até parece que o eleitorado já sabe que, na cabina indevassável cada eleitor é um Rei! Não mais o voto "a pedido do coronel" e do "seu dotô". Agora, é no duro mesmo: quem tiver prestígio, que leve a melhor. Deputados e senadores que se julgavam re-eleitos, já experimentam o amargor da derrota. E perguntam atônitos: "Que foi que aconteceu, minha gente?" Mas o povo responde na sua ironia bem humorada: "Foi a camélia que caíu do galho..." A camélia que cái do galho, dá dois suspiros e depois morre mesmo. Assim os senhores deputados e senadores representantes dos vários Estados do Brasil. A segurança de seus postos legislativos estava nas mãos dos eleitores; mas êstes já descobriram que voto secreto é mesmo secreto e o título lhe dá direito de votar na chapa que bem entender. E foi aquêle desmoronar de posições que já parece uma catástrofe...

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1938

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 18 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

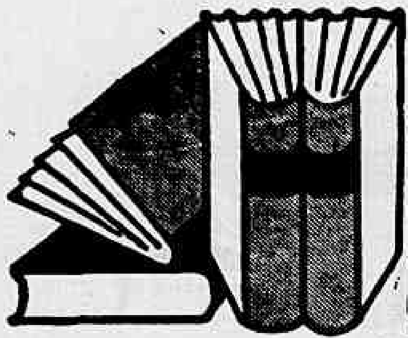
TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 23-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA

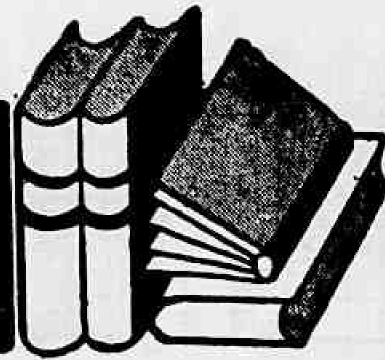
COM a aproximação do fim da luta na Coréia, resultante do esmagamento das fôrças nortistas pelas tropas da ONU, avolumava-se o temor de agravamentos entre a política do Oriente e a do Ocidente representada pelas maiores potências com pêso nas conchas da balança universal: os Estados Unidos, com a ocupação do Japão, não podem ficar alheios a tais ameaças, uma vez que todo o Pacífico está compreendido nas linhas de segurança de seu território continental. Enquanto as fôrças militares da ONU triunfam na Coréia, exércitos franceses são batidos na Indochina pelos guerrilheiros comunistas, reabrindo-se assim, um novo teatro de luta cujas conseqüências devem ser imediatamente destruídas para o bem da tranqüilidade mundial. Mac Arthur é, antes de tudo, um militar. Não é delegado diplomático. Suas idéias podem colidir com as do govêrno americano no setor da política. E isso, muitas vêzes, pode trazer sôbre uma vitória das armas, uma derrota diplomática. Foi para traçar idéias e estabelecer linhas de procedimento exatas e úteis à política das Nações Unidas, em face da esfinge russa, que o presidente Truman voou até à ilha de Wake, um pontinho perdido na imensidão do Pacífico, a fim de encontrar-se com o general Mac Arthur, ambos assistidos pelos técnicos em política e em assuntos militares. Os pontos capitais dêsse encontro, um dos mais famosos da história contemporânea, permanecem às cautelas dos gabinetes de Estado; mas, pelo que veio à tona, pelo que o próprio presidente dos Estados Unidos declarou à imprensa, o ponto essencial das conversações de Wake, se baseou na união de vistas que deve manter-se entre os dois polos da atual ação militar da Coréia e de todo o Oriente: o militar e o político. O seu discurso de 3.500 palavras pronunciado em S. Francisco, ao regressar de Wake, a 17 de outubro, é a confirmação dêsse ponto de vista que assegurará a continuidade da paz mundial. Praza aos céus, que os esforços do chefe do govêrno norte-americano, consigam deter a marcha destruidora dos perturbadores dessa paz tão ambicionada.



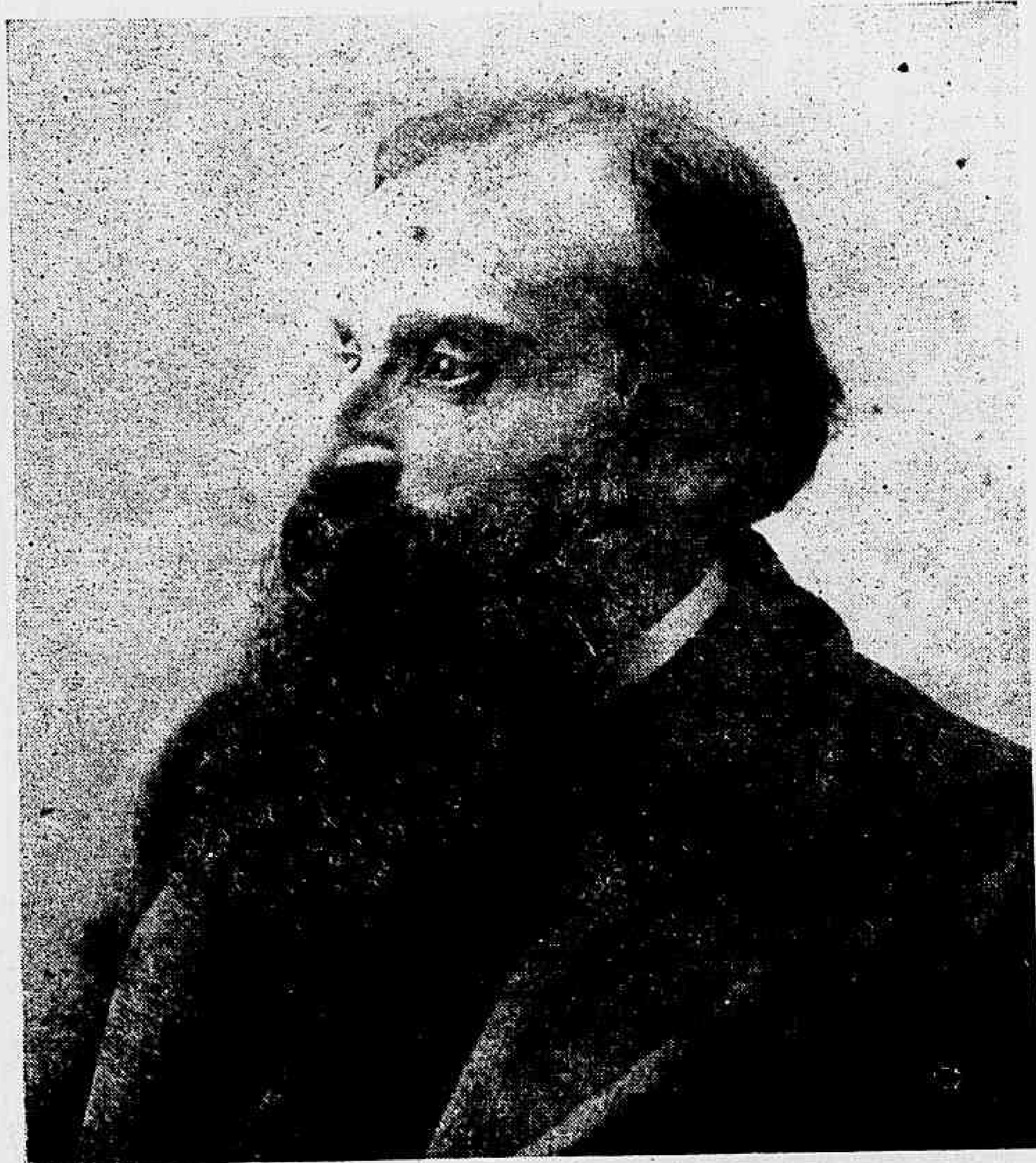
Presidente Harry S. Truman



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



GUERRA JUNQUEIRA

CELEBROU-SE em setembro último o centenário do nascimento de Guerra Junqueiro, considerado o maior poeta de Portugal depois de Camões, nascido precisamente a 15 de setembro de 1850. Antes mesmo de concluir o bacharelato em Coimbra, tendo como condiscípulos vários daqueles que viriam a ser também expoentes da poesia, do romance, e da história de sua pátria, como Antero do Quental, Eça de Queiroz, Pinheiro Chagas e outros, já o autor de "A morte de D. João" vazava em versos admiráveis as suas emoções de jovem integrante de uma geração que vivia a fase romântica da literatura universal, com as figuras exponenciais de Victor Hugo, na França; de Goethe, na Alemanha; e de Castro Alves, no Brasil. Guerra Junqueiro, imbuído das idéias então dominantes, começou demolindo deuses e fantoches. O seu "hugoanismo voltairiano" — se assim é possível dizer-se — alcançou, por vêzes, alturas até então inatingíveis. Anticlerical, o poeta zurziu com estrofes de bronze o clero e a igreja; republicano por índole e por princípio, golpeou o trono dos Braganças com dardos impiedosos. E, em pouco tempo, era uma espécie de voz oracular do povo, ansioso de reformas sociais. Agigantou-se como poeta, fêz escola e teve imitadores. A República, que êle propagara e ajudara a fundar, acabou também não sendo a de "seus sonhos..." E Junqueiro, depois de passar pelo Parlamento, já cinqüentenário e possuidor de considerável riqueza, desiludido dos governos e dos governados, ferido no cerne do seu espírito por uma quase que espetacular conversão, afastou-se de tudo e de todos e, renegando a musa demolidora da mocidade, passou a cultivar a poesia misericordiosa e mística de "Os Simples", contraste chocante de "A Velhice do Padre Eterno" e da "Musa em férias". Essa conversão, que foi, para muitos, uma apostasia, valeu-lhe as farpas de uma crítica impenitente, que o não abateu, entretanto. Insulado na sua quinta, cercado das peças raras de seu museu de antiguidades, continuou a trabalhar em um poema de amplo sentido cristão e fraterno, poema que não concluiu, colhido pela morte.

Transcorrido, agora, um século de seu nascimento, os que transpõem os cinqüenta anos de vida e que vibraram de indignação ou de aplausos ante a sua obra demolidora, e se enternecem com a sua musa de doce e mística ternura, cultivam-lhe a memória, recordando seus versos e atitudes, porque, para êstes, Junqueiro continua sendo um gênio imperecível nos dois extremos da sua extraordinária figura de poeta.

RECORDAÇÃO DE JOÃO DO RIO

O último número do "Boletim" da S.B.A.T., comemorativo do trigésimo terceiro aniversário de nosso grêmio de autores teatrais, abre-se com uma página de recordação de João do Rio.

Data venia, aqui transcrevemos a página em questão:

"O primeiro Presidente eleito que teve a SBAT é um dos mais felizes e raros exemplos de um grande homem de letras que conseguiu ser um grande homem de teatro. Um caso como o de Arthur Azevêdo e o de Coelho Neto, tão ilustre no teatro como demais gêneros.

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, fundada, há trinta e três anos, teve como seu presidente, no ato da instalação, a 27 de setembro de 1917, o acatado crítico do Jornal do Comércio, Oscar Guanabarino. Mas quando se tratou de escolher a diretoria definitiva, redigidos e aprovados os primeiros estatutos, foi a João do Rio que a primeira assembléia regular confiou o primeiro mandato.

João do Rio, cujo pseudônimo bem carioca encobria o nome civil de Paulo Barreto, era então uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro. Jornalista, modernizador da imprensa. Fez tudo em jornal, com igual brilho: a reportagem, a crônica social, a crítica de arte, o artigo de fundo. Secretariou a *Gazeta de Notícias*, foi co-fundador e co-diretor do *Rio-Jornal* e, por último, fundador e diretor proprietário de *A Pátria*. Grande parte de sua obra literária — crônicas e contos — é fruto de sua transbordante atividade de imprensa: *Dentro da Noite. Crônicas e frases de Godofredo de Alencar. Pall-Mall. Correspondência de uma estação de cura. Vida vertiginosa. As religiões do Rio. Alma encantadora das ruas.*

Acadêmico aos 29 anos, foi, depois de Magalhães de Azevêdo, o escritor que entrou mais moço para a Academia Brasileira de Letras. Seu elogio de Guimarães Passos é um dos seus belos trabalhos no gênero, antecipando às qualidades que depois o consagraram como um dos nossos melhores conferencistas. Suas conferências sôbre o *Avêsso* e sôbre o *Amor*, por exemplo, alcançaram êxito incomum. Em suas conferências, parte lidas, parte improvisadas, não se limitava a ler ou dissertar: representava. Todo êle era uma permanente representação: andando, conversando, gesticulando. Possuía notável mobilidade fisionômica. Era o homem nascido para o teatro. Só não deu mais ao teatro porque a imprensa lhe monopolizou o talento e a imensa capacidade de trabalho.

Sua bagagem teatral não é grande, mas é uma das mais brilhantes. Com a alta comédia *A bela Madame Vargas* assinalou um dos maiores triunfos da temporada oficial de 1910, logo após a inauguração do Municipal. Marcou outro sucesso com Eva, uma obra de fina psicologia e diálogo encantador.

"Que pena ser só ladrão" em um ato, foi várias vêzes representada com agrado e curiosidade, quér no original, quér na tradução francêsa, sob o título de "Seul un Voleur, quel malheur".

Traduziu, além de várias obras literárias, a "Salomé", de Oscar Wilde, escrita, como se sabe, diretamente em língua francêsa. E deixou alguns trabalhos inéditos inacabados, entre êles a peça em três atos "A Serpente" cujo mauscrito se conserva guardado no arquivo teatral da SBAT".

EDMUNDO LYS

NOTICIÁRIO

CLÃ E JOSÉ

ACABA de sair o número X da revista "Clã" que, desta vez, reúne interessantes trabalhos apresentados por ocasião de um festival da Moderna Poesia Francesa realizado, há algum tempo em Fortaleza, por iniciativa da Associação Cultural Franco-Brasileira, em colaboração com aquela revista.

Nessa festa tomaram parte os escritores Charles Pomerat (dinâmico diretor dos cursos da Alliance Française no Ceará), Antônio Girão Barroso, Artur Eduardo Benevides, Jairo Martins Bastos, Aluízio Medeiros e Fran Martins.

Traz ainda, além de poemas de Antônio Girão Barroso, Eliardo Farias, Jairo Martins Bastos, estudos críticos de Joaquim Alves e Braga Montenegro.

Também será apresentado a público, dentro de breves dias, mais um número de "José", o vibrante jornal de Antônio Girão Barroso, agora sob o formato de revista.

★

GULLIVER E SWIFT

Enquanto se anuncia para breve uma edição integral das "Viagens de Gulliver" (que até agora só apareceu no Brasil em adaptações para a juventude), com um estudo introdutório de Eugênio Gomes — na Inglaterra continuam a sair monografias consagradas à personalidade complexa de Swift.

A última delas, "The Conjured Spirit Swift" (The Hogarth Press, Londres), é obra de Evelyn Hardy, já conhecida pela sua biografia de John Donne. Pela primeira vez, uma mulher se atreve a abordar o assunto delicado das relações de Swift com as duas mulheres dominantes de sua vida, Stella e Vanessa. A infelicidade dessas relações é frequentemente apontada como o motivo principal da frustração sentimental de Swift.

O livro de Miss Hardy é uma tentativa de biografia psicológica e, através do estudo da personalidade do autor, esclarece vários aspectos de sua obra complexa.

★

UM DRAMA BRASILEIRO SÔBRE BALZAC

O escritor pernambucano José Carlos Cavalcanti que, em "Neblina" e "Padrão G", revelou talento original de contista, acaba de escrever "A Comédia de Balzac", peça em que apresenta o grande romancista nos episódios mais movimentados e curiosos de sua existência.

Segundo suas declarações, o novo dramaturgo encontrou a matéria-prima de sua obra na "Vida de Balzac", de Paulo Rónai, incluída no volume I da edição brasileira da "Comédia Humana".

★

DICIONARIO ANALÓGICO

Está merecendo o maior interêsse o "Dicionário Analógico da Língua Portuguêsa" ("Idéias Afins"), do erudito goiano Francisco Fereira dos Santos Azevedo, publicado

COM A ESTRÊLA DALVA NA MÃO

De ELIARDO FARIAS
(Do número 1 da revista Clã)

A música da chuva,
A visão do subúrbio,
A beleza da vida:
Pra mim e pra ti.
(Os outros também.)
Novamente acender teu cigarro
Novamente beijar tua mão.

A aragem fatigada da praia
Ou outra aragem qualquer.
Basta que afague nossos olhos,
Basta que assanhe nossos cabelos.
Sôbre teu corpo, rosas despetalar,
A cauda do cometa Honda, presentear-te.

Contigo ler o livro do poeta:
Coração... luta — tipografados.
Ajudar à humanidade,
Ouvir o ruído da fábrica,
Compreender a vida do prelo.
(Nossas almas cheias de compreensão!)
Na noite helênica afundar
E pela madrugada voltar
Com a Estrêla D'Alva na mão.
Nas nossas mãos, amada. Existência.



ILUSTRAÇÃO de BABOSA LEITE

G. B. S.



BERNARD SHAW acaba de declarar a um jornalista que talvez não escreva mais. Indagado se não concluiria a peça que ultimamente trabalhava, declarou: — Essa vai ser a minha «sinfonia inacabada». Pela falta de espírito dessa resposta, é de supor-se que, de fato, o famoso dramaturgo não volte a escrever.

recentemente. A obra sai oito anos depois da morte do autor, tendo-se incumbido da organização e disposição da matéria, assim como da revisão, José Batista da Luz.

★

GENÉTICA

O nome dessa ciência é dos que mais frequentemente aparecem nos jornais. E' a parte da biologia que estuda a evolução especifica dos indivíduos, conforme as leis da espécie, ou que, segundo outra definição, trata dos principais fatos da hereditariedade e da variação. Até agora era muito difícil obter-se no Brasil uma idéia certa acêrca dos problemas da nova ciência e das soluções encontradas, pois não havia nenhum livro em português sôbre o assunto. E' essa lacuna que o engenheiro agrônomo E. A. Graner acaba de preencher com os seus "Elementos de Genética", que tem o subtítulo "Bases para o melhoramento de plantas e animais".

★

CURIOSIDADES

Quem teve um dos melhores secretários do mundo foi Goethe. Seu fiel secretário, colaborador, amigo e interlocutor, J. P. Eckermann manteve um diário exato de tôdas as suas palestras com o grande poeta e publicou-o depois da morte dêste. Suas "Conversações com Goethe" tornaram-se um dos livros mais famosos da literatura alemã, agora em versão portuguêsa de Marina Leivas Bastian Pinto, com prefácio de Augusto Meyer.

★

Deve haver muitas pessoas desejosas de afastar-se da companhia de seus semelhantes e ir viver numa ilha, uma vez que o sr. Donald McCormick achou negócio escrever um livro, "Islands", que o editor Peter Garnett, de Londres, anuncia para outubro. O livro conterá uma lista completa de tôdas as ilhas do mundo para alugar ou vender.

★

— Já leu meu novo livro?
— Sim.
— Que pensa dêle?
— Bem, para ser sincero, penso que as capas estão separadas de mais. (MacCall Spirit).

★

DEFINIÇÕES

"A "temperatura" é a forma por que Deus se manifesta aos nossos sentidos".

"O "éter" constitui tôdas as coisas e é o que chamamos Deus".

"A "inteligência" é a propriedade que possuem os corpos de acionar os outros". — (De "Uma Síntese da Vida", de Manuel Palmeira).

FORA DO PRELO

UMA LUZ APENAS — Oswaldo Roscoe — Pongetti — Rio. Êste pequeno romance, publicado no ano passado, nos traz, mais uma vez, a história ingênua de fabulação primária, o que poderíamos chamar de romance da vida medíocre. E' verdade que essa vida medíocre tem inspirado grandes romancistas e, entre eles, podemos logo citar o exemplo que acode, no caso, a todo o mundo: Lima Barreto. Acontece, entretanto, que para o êxito de obras essa ta. são necessárias muitas e raras qualidades que não precisam ser recordadas, quando sòmente queremos dizer que «Uma Luz Apenas» terá, talvez, a originalidade de ser uma história de colorido róseo, onde tudo se passa com felicidade e os únicos dramas pertencem ao domínio da morte natural. Além d'sso, o romancista não conta com a passagem do tempo e os seus heróis, desde a infância até a maturidade, conservam os mesmos caracteres com que os concebeu, figurando-os, sem fazê-los viver. Finalmente, o estilo da narração é aqui e ali afetado, de uma falsa literatura, com o propósito do brilho inútil.

★

MAYA — Ursulino Leão — Pongetti — Rio. Outra história da vida medíocre, como a acima. Nesta, já encontramos, entretanto, um pouco de substância romanesca, embora o caso de «Maya» não desse pròpriamente para um romance. As figuras que encontramos aqui são demasiado compostas, não dão ao leitor o sentimento da vida, servindo às digressões do autor e padecendo um tratamento crítico que lesa sua realidade, sem contar que o estilo de Ursulino Leão muitas vezes se touca de dispensável vidrilho, de vão rendilhado, comprazendo-se nessa maneira telegráfica que irrita um pouco o leitor de uma história.

«Maya» nos leva pelo «bas fond» carioca, nesse ambiente fácil e nauseante para o qual se exige mais que o simples talento. Gostaríamos que o nosso romance se afastasse preferencialmente desse ambiente «noir», toda vez que não nos pudesse dar uma obra-prima. E' que, optando por êsse meio, em geral o romancista nos apresenta, em vez de realidade, apenas abjeções com o ar inconfundível de um realismo «faná». De fato, o autor de «Maya» tem aptidão para contar uma história longa e realmente interessante, pelo seu drama, pelo seu conteúdo de verdade, por sua experiência humana. Mas, aqui, ainda não a contou.

★

GOTA D'AGUA — Seleneh de Medeiros — Livros de Portugal - Rio de Janeiro Seleneh de Medeiros não é uma estreante, muito pelo contrário, tratase aqui de uma poetisa consagrada por muitas vezes autorizadas, consagração que êste livro de poemas largamente confirma, pois encontramos nêle inspiração e técnica, a que se soma uma espontaneidade que a fórma tradicional, preferida pela poetisa, em nada prejudica.

Aqui vão alguns dos juizos críticos que coroaram os livros anteriores de Seleneh de Medeiros e que, melhor do que nossas palavras, falam do merecimento desta poesia:

«Seleneh de Medeiros dá às suas criações um sentido direto, presente, humano, que vem, não apenas do ideal da poetisa, mas também da sensibilidade da mulher. — João Luso.

Até mesmo nos temas fatigados a poetisa consegue sair de tudo quanto pode constituir camerrão. Esse o traço principal da sua poesia. Seleneh de Medeiros é calorosa. Daí o permanente interêsse que nos contamina ao longo da leitura dos seus poemas. «Noite de Primavera» é prova indiscutível disto. Há nestas estrófes o fogo sagrado da inspiração. — Eloy Pontes.

... deslumbrado pela leitura dos seus versos admiráveis, saudando não já a promessa, mas a realidade da sua glória. — Júlio Dantas.

E é um encanto ouvi-la. Diz tudo, sem dizer demais. A poesia escorre dos seus versos, como óleo em mármore polido. Algum dos seus poemas merecia figurar na antologia grega, tal a pureza simples da factura, inspiração, sinceridade.

Nasceu-nos um poeta e é tanto dever como alegria anunciar... — Afrânio Peixoto».

★

UM NOVO ROMANCE DE FANNY HURST



FANNIE Hurst é uma das mais ilustres figuras femininas das letras contemporâneas. A autora dessa página emocionante e humana que é "A Esquina do Pecado", vem agora de publicar mais um romance altamente reputado pela crítica: "Anywoman". De novo, a romancista trata dos destinos e dos problemas da mulher, neste violento mundo masculino. E trata-os genialmente.

★

LENDAS DO BRASIL MARAVILHOSO - Maria Portugal Milward — Gráfica Laemmert Limitada — Rio. Esta obra merece todo o interêsse dos amantes do folclore, pelo acêrvo de pesquisas que revela, pelo notável tratamento que lhes dá, a tantos assuntos, a autora. Aliás, em prefácio às páginas de dona Maria Portugal, o eminente Basílio de Magalhães, uma autoridade no assunto, disse, entre outras, as seguintes palavras:

«Ouso assegurar que ela — a autora — é uma das nossas patrícias mais conhecedoras do muito que os aruãs, de certo por influência incáica, deixaram sepulto nos cerâmios da hiléia amazônica. E o seu entusiasmo empolgante pelo que de mais artístico e expressivo nos legaram as mãos dos primitivos donos do Brasil deve ter indubitàvelmente contribuído para que a maior das vias públicas da América do Sul, prestes a ser rematada nesta formosa Guanabara, venha a ter os seus amplos passeios ornamentados com as combinações lineares e as figuras singulares do estilo marajoara.

Em boa hora resolveu D. Maria Portugal Milward enfeixar em volume algumas lendas brasileiras, com a mira de demonstrar que o nosso tão desprezado folclore é um dos mais fecundos e mais estéticos do mundo.

Como se vai ver, ela escolheu e estilizou os mitos mais sugestivos do nosso complexo populário, enriquecido pelos três principais fatores da sua etnia: o índio, o íbero e o africano.

Tentou-a, mais que todos, o opulento alfôbre do nosso rio-mar. Não deixou, contudo, de trasladar para o seu estilo, onde cintilam frequentemente verdadeiras luminosidades de rara estesia, outras tradições da nossa demopsicologia, ainda hoje vivas até no sul do Brasil, e nas quais transparece ora o conjunto leucoxantodérmico (qual a lenda do «Bororé», tão lindamente perpetuada nos versos de Vargas Neto), ora o conjunto xantomelanodérmico (qual a lenda do «Negrinho do Pastoreio», evidente transformação da do Saci»).

Nada mais me resta dizer senão que o trabalho de D. Maria Portugal Milward merecerá, seguramente, as justas loas da crítica idônea e probidosa».

★

SÉRIE GLOBI — Edições Melhoramentos — São Paulo Toda criança gosta de travessuras, como todo adolescente aprecia aventuras. Pois travessuras e aventuras, de grande vibração, formam os volumes da série Globi, das Edições Melhoramentos.

E' um papagaio engraçadíssimo, Globi, como engraçadíssimas são as ilustrações. Estes os títulos dos livros da encantadora coleção que em boa hora a Melhoramentos mandou traduzir — e que o foram primorosamente — para a nossa juventude: «Globi, o amigo das crianças»; «Globi no exílio»; «Aventuras de Globi»; «Globi em Paris»; «Vitórias e derrotas de Globi».

Todos os volumes são muito bem apresentados, com copiosas ilustrações, sendo que a coleção tem o mérito de divertir instruindo, de leitura amena e de tal fórma que poderá interessar também o público adulto.

★

OUTROS LIVROS Com a publicação do famoso romance de Albert Camus — «A Peste», um dos maiores sucessos da literatura francesa moderna, a Livraria José Olympio apresenta também o sétimo volume do «Club do Livro Selecionado», que obedece à orientação literária de Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo e Agripino Grieco.

Albert Camus, cujas conferências no Brasil alcançaram ruidoso êxito, tem em «A Peste» o mais célebre de seus livros. A obra, na versão brasileira, nada perdeu de suas marcantes qualidades. Justifica-se, assim, o notável romance que vem despertando o interêsse em todas as livrarias, eloquente atestado do bom gosto de nosso público.

ASSISTIDA PELO DR. POMPEU BORGES, PRESIDENTE DA F. M. X., PELO SR. ALFREDO SANTOS SOBRINHO, PRESIDENTE DO OLIMPICO CLUBE E POR UM DOS JUIZES, VEMOS A PARTIDA REALIZADA ENTRE J. T. MANGINI, O CAMPEÃO, E ARRIGO PROSDOCIMI, DO RIO G. DO SUL.





NOVE DOS FINALISTAS, pela ordem: Sabino Ribeiro, Eduardo Asfora, José Thiago Mangini, Ary Camargo Silveira, Arrigo Prosdocimi, Nelson Dantas, Fernando de A. Vasconcelos e sentados Souza Mendes e Eugênio German, respectivamente o mais idoso e o mais jovem dos concorrentes. Durante quinze dias se defrontaram em camaradagem e esportivamente aceitaram os resultados finais do Campeonato.

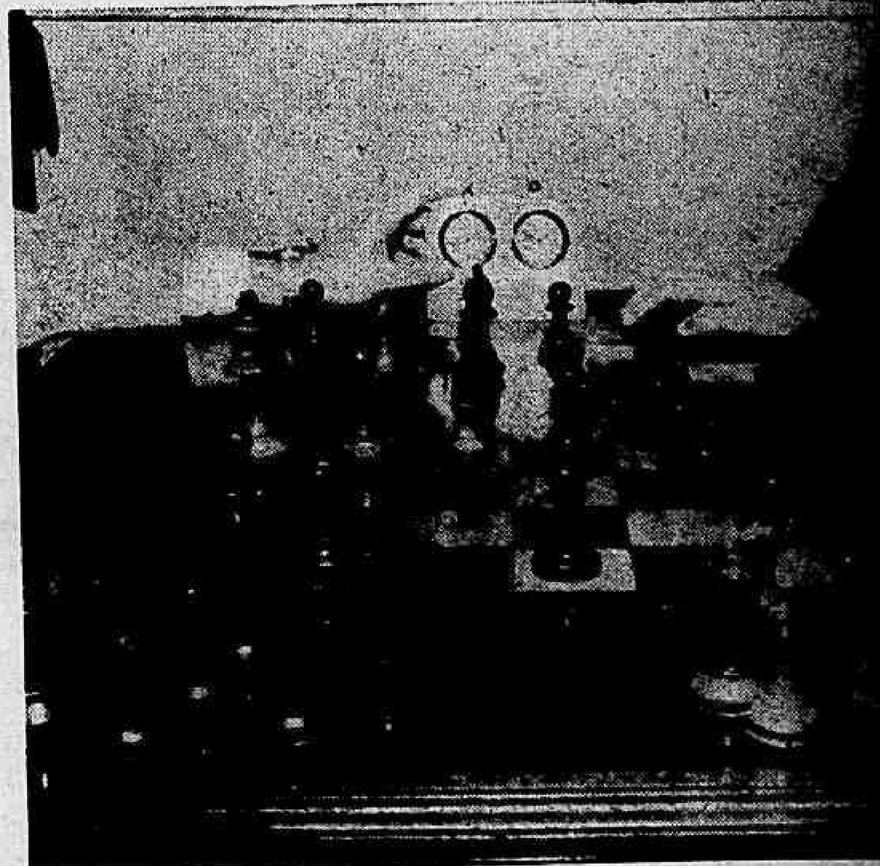
ENXADRISTAS EM AÇÃO

O ÚLTIMO TORNEIO BRASILEIRO ★ ESPÔRTE DOS INTELETUAIS ★ HISTÓRICO ★ DIVULGAÇÃO NO BRASIL ★ SITUAÇÃO ATUAL DO XADREZ NO CENÁRIO NACIONAL E MUNDIAL.

Texto e fotos de SABINO CANALINI

PATROCINADO pela Confederação Brasileira de Xadrez, realizou-se durante a primeira metade do mês de outubro, na sede do Olímpico Clube, o Campeonato Brasileiro de Xadrez. Num período de mais de quinze dias seguimos o desenrolar do torneio que se iniciava tôdas as noites às 20 horas, para só terminar depois da meia-noite, quando eram interrompidas as partidas inacabadas, que tinham prosseguimento na tarde dos dias imediatos. Assim como ao alpinismo, também ao xadrez poderemos chamar de esporte diferente. Sim, porque afinal se trata de uma competição desportiva em que se defrontam dois ou mais contendores, pelos vários sistemas de torneios. Diferente, porque, na realidade, o jôgo se desenvolve de maneira nada parecida com qualquer outro esporte. Duas pessoas, sentadas frente a frente numa mesa quadrada, separadas por um tabuleiro, igual ao do jôgo de dama, com 32 peças, 16 de cada lado, brancas e pretas, com feitios curiosos e nomes engraçados: Rei, Dama, Tôrre, Bispo, Cavalo e Peões. A atitude pensativa dos dois, mostra claramente que o jôgo não consiste em luta de músculos, os movimentos restringem-se, quando muito, ao que pode fazer um braço pegando um peça e colocando-a em outro lugar no próprio tabuleiro. No campo psicosomático das atividades humanas, pode-se dizer que o jôgo de xadrez está justamente colocado no limite em que terminam as atividades físicas e começam as do espírito. Pois, incluindo entre as físicas os raros movimentos do braço necessários para deslocar as peças no restrito campo de luta e o esfôrço de concentrar nas células cinzentas do cérebro tôda a atenção provocada pelo pensamento, que pertence nitidamente ao lado psíquico da questão, estaremos formando um todo homogêneo em que não se sabe onde termina a ação física do corpo e onde começa a espiritual. Eis a diferença que o distingue dos outros esportes. Não se admiram gestos estéticos e elegantes dos corpos, não se escutam gritos de incitamente e brados de vitória. O silêncio domina a sala em que mais de dez concorrentes se digladiam com invisíveis correntes do pensamento e em que leva vantagem o que fôr mais sutil, mais perspicaz, o que demonstrar maior poder de previsão, maior memória. A atitude exterior dos concorrentes, iguala-os em suas pequenas diferenças: todos sentados, recostados nas cadeiras alguns, apoiados outros com os cotovelos nas mesas, segurando o queixo entre o polegar e o indicador da mão que parece sustentar a cabeça, ou apoiando a fronte na mão escorada na mesa. Lembram a bela criação de Rodin: o Pensador. Pensam, e o pensamento parece pesar-lhes, obrigando-os instintivamente a tomarem atitudes quase de defesa do centro psíquico do corpo: a cabeça.

Tendo se iniciado com 16 concorrentes, houve pouco depois a desistência de quatro dêles, não sabemos se por falta de espírito esportivo ou se por outra razão qualquer. Representantes de cinco Estados, além dos do Distrito Federal e de um representante das classes armadas, apareceram ao começo do Campeonato. Mas, entre os finalistas, ficaram apenas um enviado de Minas Gerais, outro de Pernambuco e outro do Rio Grande do Sul. A colocação final foi a seguinte: 1º — José Thiago Mangini (D.F.); 2º — Eduardo Asfora (Pern.); 3º — Nelson Dantas (D.F.);

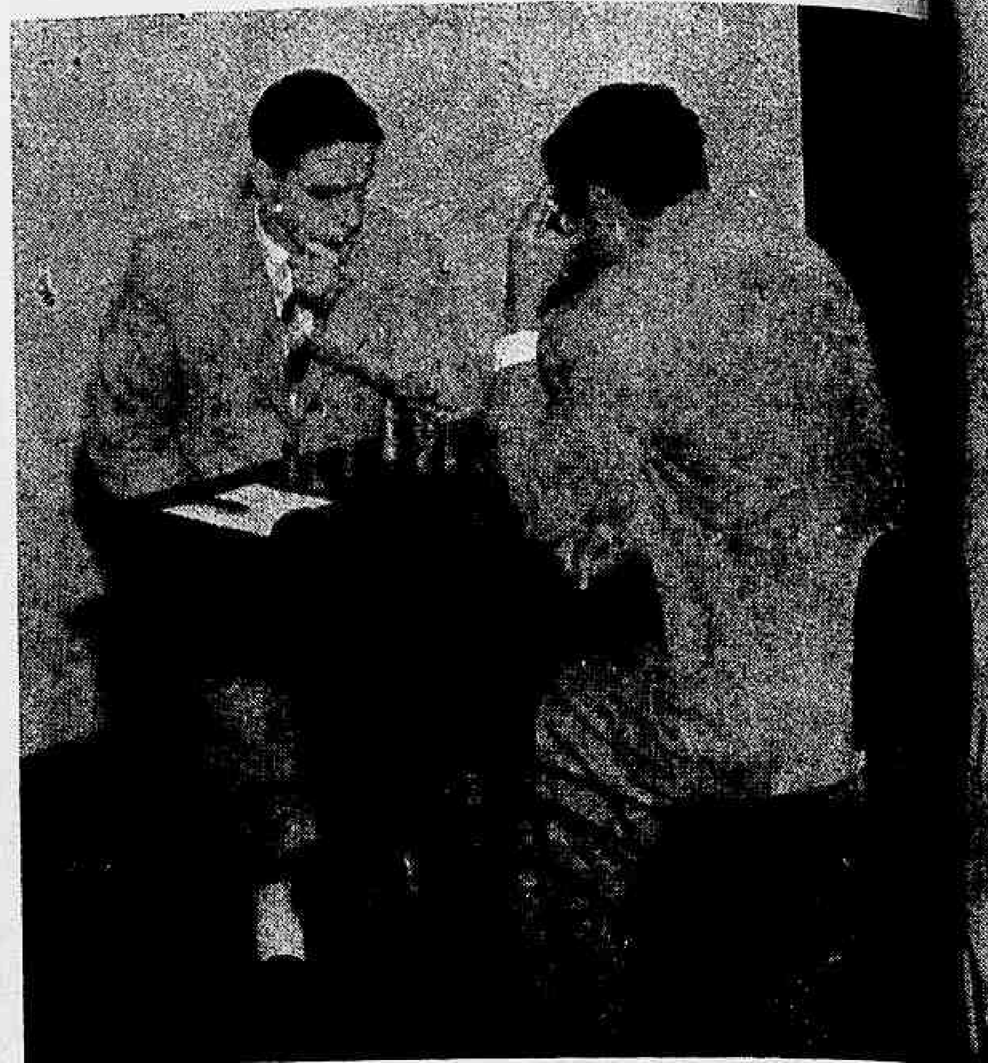


DETALHE de um dos jogos, vendo-se as mãos nervosas, próximas dos relógios que alternadamente marcavam os tempos para os jogadores.



ASPETO parcial da sala onde se desenrolou o Campeonato, vendo-se as mesas encostadas às paredes, isoladas por cordões do centro da sala, acessível aos juízes e a quantos quizessem assistir. Em baixo uma exibição do campeão, à esquerda, fóra do torneio.





EUGÊNIO GERMAN, de 18 anos, representando Minas Gerais, durante uma de suas primeiras e mais difíceis partidas a que tomou parte.

4º — Fernando de A. Vasconcelos (D.F.); 5º — Souza Mendes (D.F.); 6º — Eugênio German (M.G.); 7º — Arrigo Prosdocimi (R.G.S.); 8º — Madeira de Ley (D.F.); 9º — Sabino Ribeiro (D.F.); 10º — Oswaldo Cruz (D.F.); 11º — Hugo Kametzer (Mil.); 12º — Ari Camargo Silveira.

Decorreu o torneio na maior ordem e disciplina possível, houve respeito às regras e condições do Campeonato por parte de todos os candidatos. Apenas uma coisa ouvimos nos meios enxadrísticos da cidade: pela ausência do bi-campeão brasileiro Walter Cruz e de alguns dos melhores enxadristas estaduais, o campeonato de 1950 não representou a real fôrça enxadrista de nosso país. Poucos foram os representantes dos Estados que puderam vir competir. Na impossibilidade do campeão estadual deixar sua vida particular para vir até o Rio tomar parte no torneio, é substituído pelo segundo ou pelo terceiro, conforme a disponibilidade. De modo que nem todos que vieram ostentam os títulos de primeiros colocados nos cenários regionais. Isso, porém, não diminuiu a lisura do certame, que se processou legalmente e que, oficialmente, proclamou o novo campeão brasileiro de xadrez.

E' êsse jôgo um dos mais antigos que se conhece. Perde-se sua origem nos albôres da história da humanidade, dizendo alguns que o devemos aos gregos, outros aos árabes, outros ainda aos indianos, aos chineses. Bastante conhecida é a lenda indiana sôbre sua origem, encomendado que foi por um rei triste para se divertir. Uma vez atendido, resolveu premiar o genial descobridor do jôgo, oferecendo-lhe o que quisesse. O inventor pediu apenas um grão de trigo para a primeira casa do tabuleiro, dois grãos para a segunda casa, quatro para a terceira, oito para a quarta e assim sucessivamente, sempre dobrando o número de grãos até a 64ª casa do tabuleiro. O rei admirou-se de tanta modéstia e mandou que fôsse atendido. Muito mais admirado ficou quando foram lhe dizer que nem tôda a colheita da India seria capaz de pagar aquêle preço, já que o número de grãos necessários seria de 18 quintilhões, isto é, 18 seguido de mais 18

(Cont. na pág. 49)



EDUARDO ASFORA, à direita, de Pernambuco, junto com Eugênio German de Minas. Sem dúvida dois dos melhores entre os participantes.



TRÊS DAS MESAS de um dos lados da sala, os candidatos completamente alheios ao que se passa em volta, prestam atenção, aos lances, enquanto enchem de guimbas os cinzeiros.



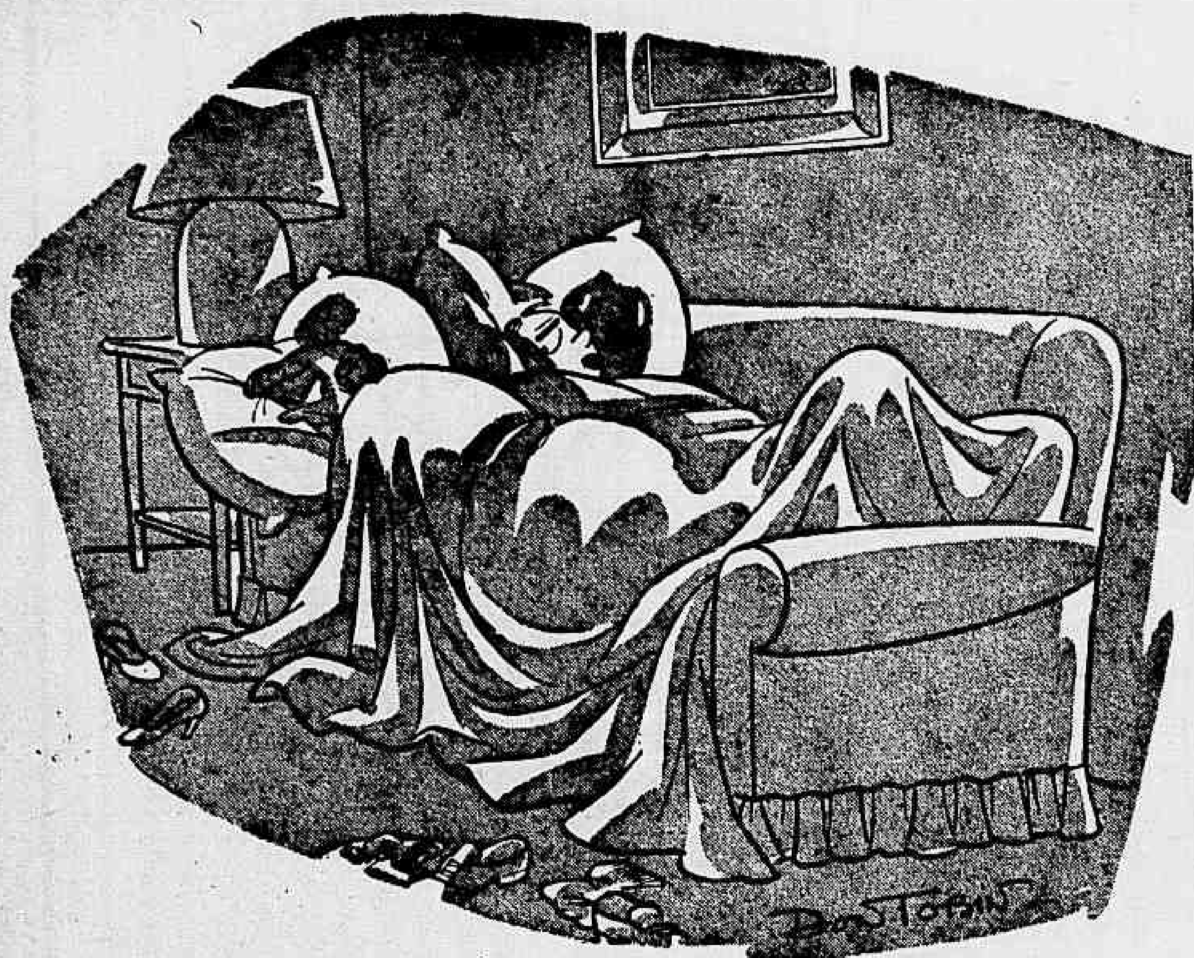
O VICE-CAMPEÃO E O CAMPEÃO. A diferença entre ambos foi de apenas meio ponto. O campeão conseguiu oito pontos e meio, o segundo oito.



ENCERRANDO o Campeonato, o Cte. Gama e Silva, presidente da Confederação Brasileira de Xadrês lê os resultados finais e as colocações.



ESSA ATITUDE era muito comum. Por entre os assistentes podia-se vêr um ou outro competidor com a cabeça apoiada numa das mãos.

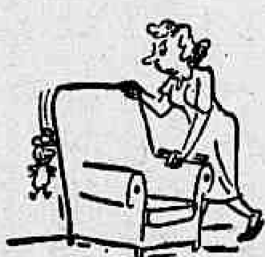
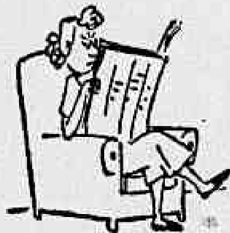


— Juro querida, que quando aceitei o convite julguei que o sofá fosse conversível.



— WHISKY — RUM ou GIN?

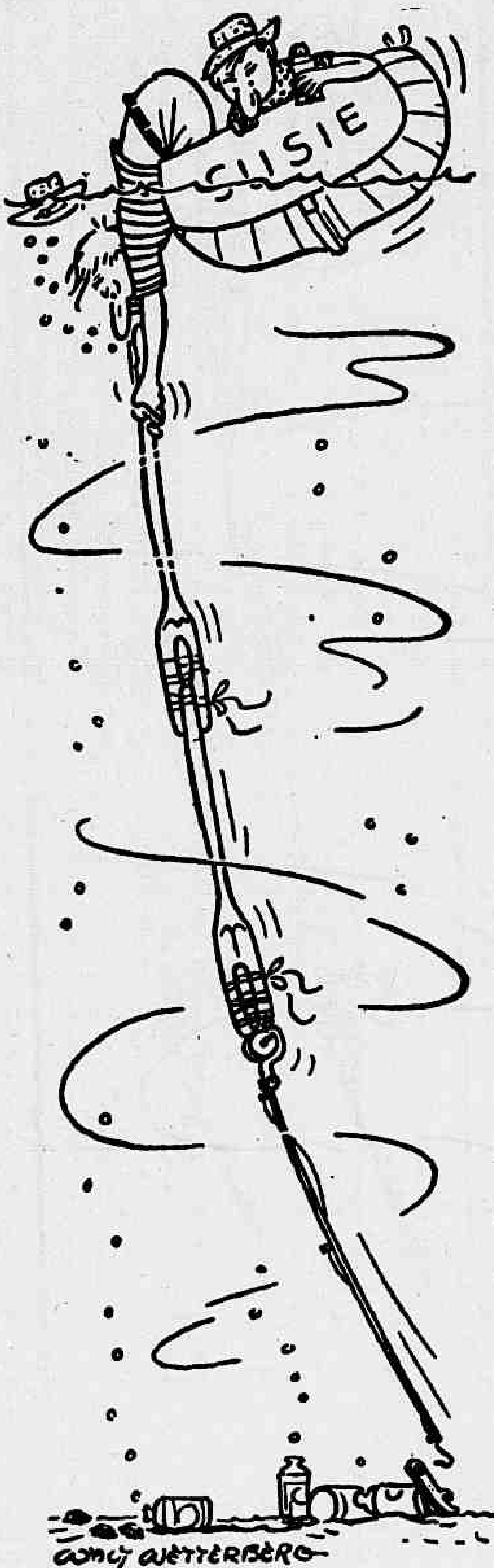


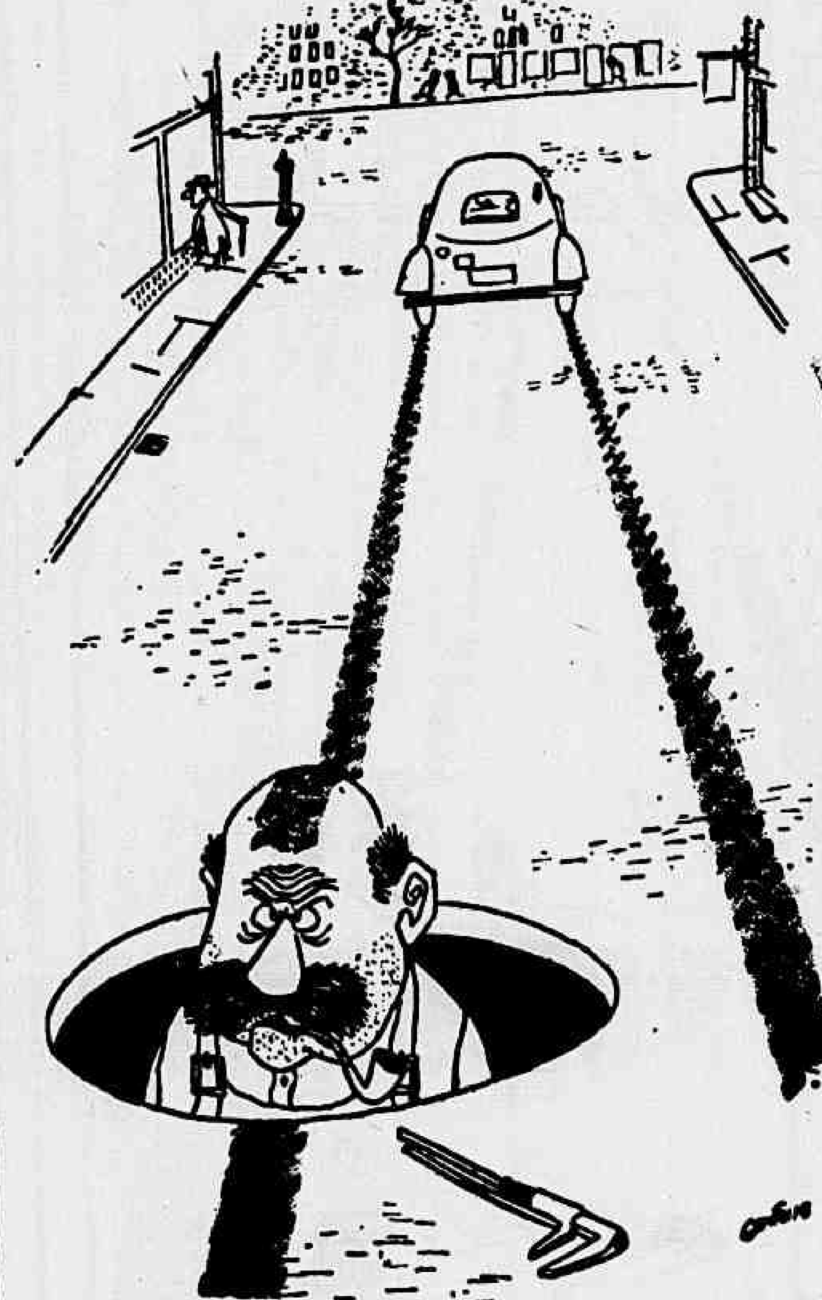



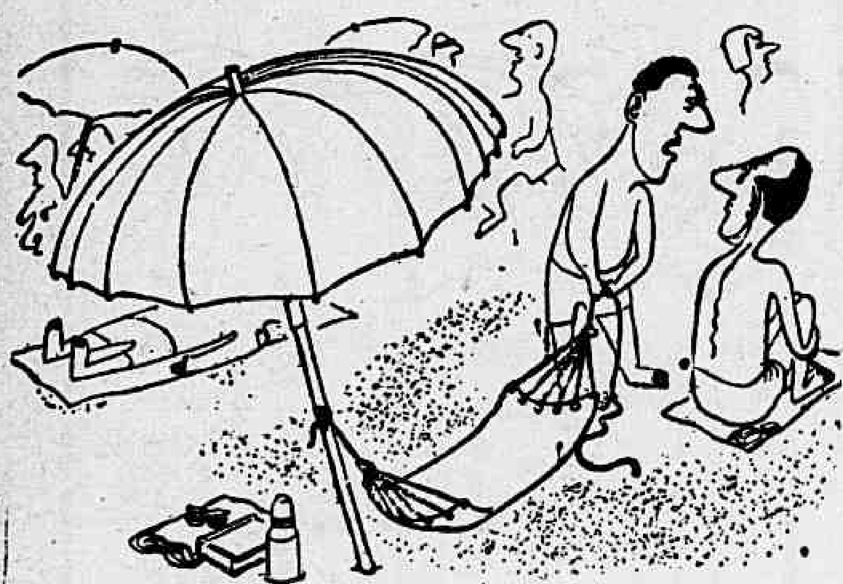
BOM HUMOR



— Mas seu guarda eu moro aqui!







— Pretende ficar na praia muito tempo?



— Cavalheiro, seria incomodo dar uma olhada na minha pequena?



EM ISRAEL, como em toda a parte, a juventude é alegre e feliz, praticando os esportes, a vida ao-ar livre e as longas caminhadas, com vontade e firmeza. Esses jovens, vindos de todo o mundo, falam os mais diferentes idiomas, numa autêntica babel de línguas - o árabe inclusive. A princípio não se entendiam, mas acabaram por compreender-se e hoje se estimam.

A MODERNA CANAAN

ISRAEL, BALUARTE DA DEMOCRACIA NO MEDITERRÂNEO ORIENTAL ★ "ATÉ PELAS ASAS DAS AGUIAS VOLTARÃO OS FILHOS A SEU LAR..." ★ HEBRAICO, O DENOMINADOR COMUM LINGUÍSTICO ENTRE OS JUDEUS PROCEDENTES DOS QUATRO CANTOS DO MUNDO

Por HENRI MAU

(Exclusividade IPA para «REVISTA DA SEMANA»)

QUANDO nos lembramos do antigo Oriente, vêm-nos à mente as gloriosas nações que marcaram os primeiros passos da civilização: egípcios, assírios, babilônios, hebreus, persas, medas, gregos, romanos e outros ainda. Entretanto, apesar do grande esplendor dessas nações no passado, seus descendentes desapareceram nas trevas da história. As nações que hoje estão estabelecidas no território antes ocupado pelas acima citadas, quase nada têm de comum com elas; salvo uma única exceção: o Estado de Israel, estabelecido há dois anos, e que congrega os descendentes dos hebreus, de que nos fala a Bíblia, em sua antiga pátria. De fato, processa-se hoje uma volta dos judeus de todo o mundo, em considerável número, para o recém-nascido Estado hebreu. Judeus de todas as procedências en-



ESTA MULHER do povo, foi, com o filhinho ao colo, do Yemen ao sul da Península Arábica, para Israel, onde vive. O marido morreu na luta com os árabes, faz quatro anos.

MEMBROS de uma colonia de pesca no mar da Galiléia. Estes são os tipos de «sabras», nativos de Israel, homens fortes e afeitos aos trabalhos rudes. Preferem o contacto com o mar.



contram nêsse pequeno canto do Mediterrâneo, comunidades que há bem pouco tempo quase nada sabiam da existência uma da outra. Neste país de superfície equivalente à da metade do menor Estado do Brasil — Sergipe — está se estabelecendo uma população heterogênea de mais de um milhão de hebreus de diversas procedências, tendendo a aumentar — e mais de 126.000 árabes, além de diversos outros grupos minoritários.

O novo Estado representa um baluarte da democracia no Mediterrâneo Oriental. Terminadas as lutas que teve de travar por sua existência, pode já se dedicar a atividades pacíficas. Devido à alta densidade do país, a agricultura que lá se pratica é de um tipo muito intensivo, empregando métodos mais modernos de cultivo, conservação de sólo e irrigação. Nas regiões em que o abandono era completo, onde a erosão levava tôda a terra fértil para o mar, começou-se a praticar métodos de conservação, que são um exemplo para todos os vizinhos, além de ser a maneira de conquistar o deserto, onde logo milhares e milhares se estabelecem, construindo vilas, cidades, indústrias. E' interessante como em tão pequena área se encontram tipos tão diversos.

Quem percorre hoje em dia uma das modernas ruas de Tel-Aviv, há de notar contrastes violentos nesta cidade que, pràticamente, só contém judeus. Negros enormes, de dentes alvos e musculatura, sorridentes e afáveis, descendentes de Israel, estabelecidos desde mais de vinte séculos na região de Gondar, na Abissínia, agora voltam para reconstruir seu Estado. Encontram-se tipos franzinos, bronzeados, de aparência tipicamente árabe. Geralmente são artesãos ou agricultores. Olhos negros, cabelos abundantes também escuros; provêm do extremo sul da península arábica — o Yemen — país exótico, até recentemente fechado aos olhos dos infiéis ocidentais. A pé, através do deserto imenso, chegaram a Aden onde aviões, engenhos para eles desconhecidos, os trouxeram a Israel aos milhares. Atribuiram seu regresso aéreo a um versículo bíblico que declara que até pelas asas das aguias voltarão os filhos ao seu lar...

Na babél de línguas que hoje se ouve em Israel, nota-se particularmente línguas européias, faladas por numerosos recém-chegados dos campos de deslocados. O árabe, por exemplo, é falado pelos yemenitas, marroquinos, algerianos e também pelos próprios árabes locais. Dialetos estranhos, falados por tipos não menos estranhos. Judeus do Curdistão, encravado entre a Rússia, Iraque e Iran, nação conhecida por sua combatividade, hoje trabalhando pacificamente para a construção e absorção de mais irmãos. Dos misteriosos países, apenas recentemente modernisados pelos russos, da região de Bokhara, Samarkand e Tashkente aparecem judeus, hábeis na confecção de tapetes e jóias. Das montanhas da Índia, e de remotas povoações do Afganistão chegam judeus vestidos exòticamente, de línguas diversas e vestes multicores. Com turbantes e sem eles, vestidos ocidentalmente ou não. Com mulheres veladas ou não. Com estes tipos que estamos habituados a qualificar de estranhos, misturam-se os judeus europeus, engenheiros, médicos, advogados, técnicos, mecânicos, químicos e muitos outros. Americanos do norte ou do sul recentemente imigrados, todos jovens, atraidos pelo ideal de construir povoações agrícolas no deserto do Neguev, no sul do país servindo como vanguarda pioneira de muitos que estão ainda por vir. E enfim, o tipo que deveria ser típico do país, mas não é o mais: o «sabra», isto é, o nascido em Israel, o produto de uma ou mais gerações de vida nacional na Palestina. Êste, geralmente menos poliglota que seus irmãos que chegam dos quatro cantos do mundo, assemelha-se muito aos camponeses de qualquer região: simples, afável, trabalhador. Fala geralmente apenas o hebraico com rudimentos de inglês.

O hebraico é um dos milagres da moderna Canaan. Considerado morto por séculos sem conta, repentinamente aparece como língua viva e moderna, usada em escolas, lojas, laboratórios, campos, na rua e em casa. Saiu dos gabinetes de rabinos eruditos e de sinagogas que o conservaram através do tempo, e rejuvenesceu extraordinàriamente, sendo o único denominador comum linguístico dos judeus provindos de tantos lugares. Poderá parecer estranho como se pode, por exemplo, falar em aviões, gravatas, ar comprimido, penicilina, eletricidade e muitas outras cousas que caracterizam o progresso do século, na língua da Bíblia. Umas palavras foram criadas de raizes hebraicas provindas da Bíblia ou de numerosas outras fontes literárias hebraicas, que se produziram através dos séculos. Outras derivadas do latim ou do grego, como o fizeram as outras nações, ao criar termos para si, e outras ainda, saidas da boca do povo, o maior filólogo, o ditador em modas de expressão, em cuja boca a língua é viva.



MORTOS enterrados no deserto, por ocasião da fundação de uma colônia. O ritual dêsse sepultamento é complicado para quem não o conhece e assiste pela primeira vez. Todos de cabeça coberta.



ESTAS MÃES levaram seus filhos de avião, desde Asmara, na Africa Oriental: «Até pelas asas das aguias os filhos voltarão a seu lar» — diz a Bíblia». Foi através das aguias de aço, com o auxílio das azas de poderosos navegadores do éter, que essa gente conseguiu chegar ao novo Estado que representa um baluarte da democracia no Mediterrâneo Ocidental. Ela vive em paz, finalmente.

★



Ao contrário do que se pensa em geral, a vida entre os diversos povos que habitam a pequena Palestina não é resumida em constantes lutas. Não se pode afirmar que os muçulmanos, indistintamente, se puseram contra o novo Estado. Os drusos representantes de uma nação numerosa que vive no sul da Síria e ao norte da Palestina, cuja religião é uma seita maometana, vivem perfeitamente integrados na vida normal do país, tendo participado na defesa de seus lares contra a invasão de mercenários. Os circassianos, emigrados do Caucaso há muito tempo, muçulmanos, que conservam, entretanto, suas características nacionais por endogamia, vivem na Palestina e Transjordânia, principalmente. Os circassianos, cidadãos de Israel, cooperam na construção e gozam de todos os direitos e deveres de qualquer cidadão do Estado. Os maronitas de Israel, seita cristã que constitui a maioria no vizinho Líbano, recentemente proclamaram sua lealdade ao Estado, renovando a aliança que Hiram, rei de Tiro, seu antepassado, havia feito com Salomão.

Os árabes que vivem no Estado e muitos dos quais voltaram recentemente aos seus lares depois da invasão dos sete países vizinhos, estão trabalhando em lugar destacado em novo Estado. Libertados dos senhores feudais, do nivel de vida muito superior ao dos árabes de qualquer dos paises vizinhos, com exceção do Libano talvez, cooperem de todas as maneiras possiveis com seus vizinhos judeus. Aprenderam métodos modernos de indústria e agricultura, fundaram também suas colônias coletivas e cooperativas, onde a agricultura intensiva é praticada de forma a se obter maiores beneficios possiveis para os individuos que vencem juntos as grandes dificuldades apresentadas pelo meio hostil: as pedras dos morros que séculos de abandono expuzeram, depois da lavagem dos sólos para o mar, os pântanos e os desertos. Os beduinos também tomam parte ativa na vida dinâmica de Israel. Auxiliados a desenvolver economia própria, montados hospitais e clinicas para tratar das numerosas doenças a que estão submetidos devido ao meio de vida que levam e à falta de higiene, os beduinos em muitos casos começaram a se sedentarisar, ocupando-se da agricultura.

Por estas cenas diárias da vida em Israel, pode se ter uma perceção mais exata do que foi a guerra que Israel se viu obrigado a travar pela sua existência.



TRABALHADORES JUDEUS e árabes, na estiva do porto de Jaffa, dão conta da sua taréfa sem o menor chóque entre ambos. Todos se libertaram dos senhores feudais e hoje se auxiliam mutuamente.



A SRA. MARGARIDA Lopes de Almeida, cujo milésimo recital de declamação constituiu a nota de arte mais expressiva da semana.



SENHOR! Venho dar-te a sorrir toda a minha alegria, minha imensa alegria, minha felicidade, meu riso, meu amor! Senhor!



TODOS VÊM a Ti para rogar, para pedir, para chorar, para implorar de Ti consolação, bençãos ou perdão. Eu não, Senhor!

AS MÃOS DE MARGARIDA

MIL vêzes a voz incomparável de Margarida Lopes de Almeida, poetisa e declamadora, se fêz ouvir dizendo os seus e os versos dos outros. Mil vêzes ela já arrebatou os mais seletos e cultos auditórios do país, e não só do país, mas do estrangeiro, até onde sua arte excelsa atingiu.

Foi como se pela primeira vez a ouvíssemos — e a víssemos — ungida de um sagrado espírito de arte, de requintada ternura, enchendo os ares de palavras que não se perdem neles e que se dirigem, afetuosamente, aos corações de quem a escuta. Pois Margarida é sempre outra, nova, diferente, sem se repetir, inédita na forma, aprimorada no sentido das coisas, repontando o bem e a felicidade de cada sílaba que seus lábios dizem, de cada pensamento que seus versos transmitem.

Foi uma festa que marcou e não se esquecerá tão cedo, a do milésimo recital que ela nos deu recentemente. Encheu-se a sala de gente amiga, dos bons e permanentes amigos de todos os tempos, e também da gente mais moça, que se deslumbrava com a sua presença e com a sonoridade de seues poemas.

Êste que serve de legenda às fotografias destas páginas, aliás incompleto por motivos técnicos, é de autoria da renomada artista patrícia. E diz-nos, com emotividade e beleza, de sua alegria de viver, de viver muito, para distribuir alegria e bem dizer a vida, na saudade de um bem que teve, e que é tão grande que há de iluminar, eternamente, mesmo a treva mais densa e mais profunda.

Na arte de dizer de Margarida Lopes de Almeida, suas mãos, suas incomparáveis mãos, sempre tiveram participação direta. Talvez inspirada nelas, um poeta — Ribeiro Couto — escreveu um poema, "O Desejo da Mão", que Margarida costuma dizer com a sua refinada expressão:

E' leve a minha mão... Leve... Com que leveza
a pena reproduz, quase que sem ruído,
mal tocando o papel aberto sôbre a mesa,
a melodia que desperta em meu ouvido!

Como a despetalar lentamente uma rosa,
a minha mão enamorada quando escreve
tem uma languidez de carícia amorosa...
Olha, vê como escrevo... A minha mão é leve.

Não reparaste? Ao ler-te um livro ingênuo e doce,
se a minha mão te aponta um pensamento lindo
toma o jeito da mão da enfermeira que fôsse
acomodar no leito um doente dormindo.

E esta mão que é tão leve, esta mão que é tão boa,
tem um desejo... Mas a pobre mão não se atreve...
Desejo de ficar sob a tua... Perdoa!
Era para sentir que a tua ainda é mais leve.



EU VENHO PARA DAR! Sobeja-me ventura, transborda em minha vida sól, fulgor, claridade, e meu sonho de amor e de beleza...



...FOI BEM MENOR do que a realidade. Senhor! Eu venho para dar! Recebe em tuas mãos, habituadas a colher préces, imprecações...



... QUE EMBORA a tomes, fica-me farta mésse para distribuir e para dar ainda! Quero que todos saibam minha alegria infinda! Quero gritar ao mundo que adoro a Vida que é boa e bela e forte e apetecida. Senhor! uma luz fulgurante os meus olhos inunda!



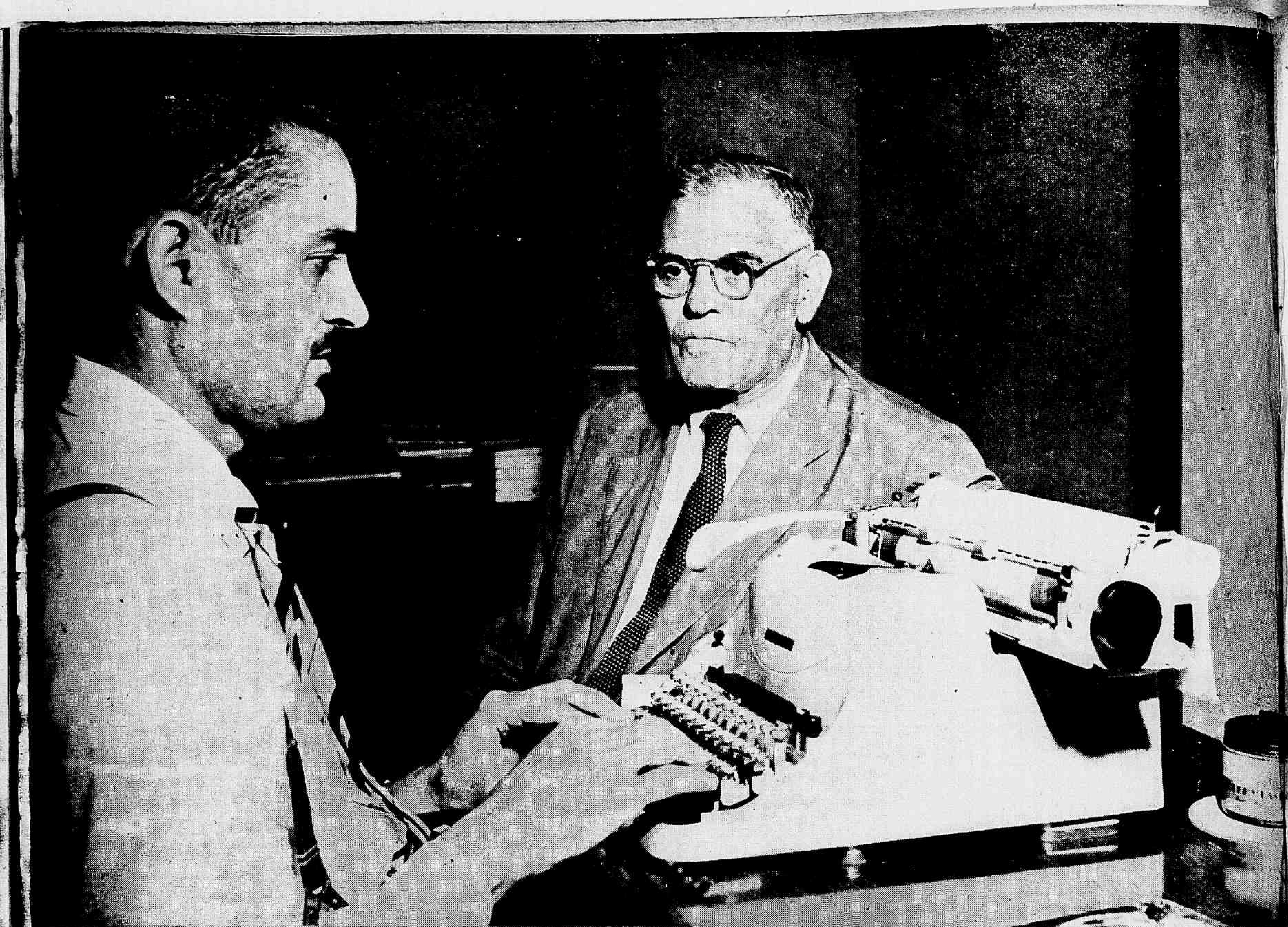
LÁGRIMAS E DESESPEROS, um ramo perfumado de lírios e de rosas, de cantos e sorrisos, de hossanas e de graças. Toma de mim...





... UM POUCO DE ventura para dares a cada criatura que na vida não conheça a glória de ser feliz! Tenho-a tanta, meu Deus...

TOMA-ME UM POUCO dessa luz, derrama-a sôbre aquele que é pobre de ventura, ou máu ou pervertido. E deixa-me dizer-te com fervor: Obrigada, Senhor, por ter nascido! Obrigada, Senhor!



— «MINHA CARTEIRA de habilitação para dirigir automovel foi assinada pelo dr. Washington Luís, em 1906, quando êle era chefe de Polícia em São Paulo, no govêrno do dr. Jorge Tibiriçá.» — informa Salvador Câmara. Não existindo ainda legalização para a função de chauffeur, foi registrado como «cocheiro», recebendo ordenado por essa verba.

O IMIGRANTE SALVADOR CÂMARA

PRIMEIRO "CHAUFFEUR" DO PALÁCIO DO GOVÊRNO DE SÃO PAULO ★ CARTEIRA DE HABILITAÇÃO COMO "COCHEIRO", ASSINADA PELO SR. WASHINGTON LUIS ★ LUTANDO NO CIRCO ★ QUANDO CHEGAVA A VEZ DE O EMBAIXADOR SERVIR A MESA AOS SEUS CRIADOS... ★ HERÓI DA GUERRA DE 1914-1918 ★ AS MEMÓRIAS DE UM "DIPLOMATA", AFINAL...

Por ROSALVO FLORENTINO
(Exclusividade News Press-REVISTA DA SEMANA)

POUCAS vêzes na vida do repórter assuntos para uma reportagem surgem assim, tão espontâneos como êste.

Desejávamos ouvir o motorista profissional, sôbre os seus problemas e os problemas do trânsito no Rio e para isso nos aproximamos de um senhor que se encontrava no volante de um moderno automóvel, entabolando conversação com êle. O assunto inicial perdeu todo o interêsse quando o sr. Salvador Câmara começou a nos contar episódios de sua acidentada carreira de motorista, cuja profissão vem exercendo há 42 anos, com proficiência, honestidade e, sobretudo, muita prudência.

PRIMEIRO CHAUFFEUR DO PALÁCIO DO GOVÊRNO

Salvador Henrique Câmara nasceu em Salucido, província de Cosenza, na Itália, em 1 de março de 1888. Com a idade de seis anos, em companhia de sua progenitora, deixou a pátria com destino ao Brasil, onde já se encontrava seu pai, residindo em São Paulo, na rua Santa Efigênia e aí passou os primeiros anos de sua mocidade, cheia de trabalhos e de sacrifícios. Aos 18 anos já era excelente mecânico, procurado pelas oficinas do ramo, o que lhe valia posição de destaque entre os companheiros.

Nessa ocasião o automóvel vinha revolucionando os meios de transportes e aparecia em São Paulo como objeto de luxo, sòmente acessível aos bem dotados de fortuna. Nem o Govêrno do Estado possuia um automóvel. Os coches, puxados a cavalos, em parelhas luzidias e bem aprestados, davam a nota de elegância, distinção e autoridade, nas ocasiões das festas oficiais. Mas o comércio de São Paulo, num gesto espontâneo e de solidariedade ao chefe do Estado, resolveu presentear o dr. Jorge Tibiriçá, então presidente, com um automóvel, a última marca do bom e do confôrto entre os povos adiantados. Dentro de poucos dias a lista de adesões estava completa e o automóvel, adquirido, era entregue ao presidente, em solenidade pública, com ruidosas manifestações populares. Mas que fazer com o automóvel no palácio, se êste não possuia chauffeur? O cargo ainda fazia parte do quadro do pessoal, e a criação de cargos, naqueles bons tempos, não podia ser feita assim, com as facilidades de hoje. Mas a solução tinha que ser encontrada: nomear um chauffeur pela verba de «cocheiro» do Palácio. Foi o que se fêz e foi assim que Salvador Câmara, convidado, exercendo nominalmente o cargo de cocheiro, tornou-se o primeiro chauffeur do Palácio do Govêrno de São Paulo.

A designação foi feita e o título de nomeação expedido pelo então secretário da Justiça e chefe de Polícia, dr. Washington Luís Pereira de Sousa. Começou aí a sua convivência com as mais ilustres personalidades da nossa história política.

FORA DO PALÁCIO

Mas o carro não pertencia ao Palácio, era propriedade particular do dr. Jorge Tibiriçá, e quando êste deixou o govêrno, afeiçoado ao seu chauffeur, convidou-o a acompanhá-lo. Salvador Câmara foi e cometeu, assim, o seu primeiro «êrro político». Se ali houvesse ficado estaria, há muito tempo, gozando de merecida aposentadoria. Com sua saída, o Palácio ficou novamente sem chauffeur e sem automóvel, o primeiro problema que Albuquerque Lins teve a resolver.

CARTEIRA PROFISSIONAL Nº 73

Publicamos em «fac-simile» a carteira profissional que deu a Salvador Câmara o direito de exercer a incerta carreira de motorista particular. Esteve pouco tempo com o dr. Jorge Tibiriçá. Em 1908 passou ao serviço de Carolino da Mota e Silva que, ainda estudante e rico, iniciava a sua carreira política. Em 1909 era chauffeur particular do superintendente da Light. De 1910 a 1911, cheio de esperanças e ilusões, deixou o Brasil para trabalhar na Argentina de onde regressou para esta capital, sendo chauffeur particular do conde Álvares Penteado, a seguir do conde Alexandre Ciciliano e depois do comendador Cantarelli, rico proprietário de terras no Jabaquara. Se os motoristas eram poucos, poucos, também eram os que possuiam automóveis, e guiar nesse tempo, com tôdas as desvantagens, não deixava de ser um agradável esporte.

LUTANDO NO CIRCO

Salvador Câmara não era, apenas, o mecânico experimentado, era também grande esportista, numa época em que o esporte não tinha alcançado o esplendor de hoje. O seu físico vigoroso tornava-o respeitado também, no bairro do Bom Retiro, onde residia, mas não se aproveitava disso, pois não era briguento. Certa vez, apareceu por ali, como era costume, um circo de cavalinhos, de cujo programa faziam parte lutas livres com o «valiente» do circo, um homem de físico avantajado, que andava nos boletins de reclame, desafiando adversários. Numa noite de espetáculo, tantos e tão desaforados foram os desafios feitos aos homens do bairro que Salvador Câmara, qual um cavaleiro da idade média, viu-se ofendido com aquilo e ainda instigado por seus amigos, apresentou-se como adversário para a próxima luta, anunciada com estardalhaço. Mas por sorte sua, a direção do circo entrou em entendimentos com o «perigoso» adversário propondo-lhe uma «marmelada». Salvador nunca tinha lutado, por isso mesmo «nunca poderia ganhar». Combinou-se uma «bolsa» de 30 mil réis para a sua «derrota» e êle passou a treinar com o próprio campeão e lutador do circo. A noite foi um sucesso de bilheteria mas constituiu um verdadeiro fracasso

REGNO D'ITALIA

MINISTERO DELLA GUERRA

Il Soldato Camera Salvatore

IL MINISTRO

Em 1914, deixou a esposa e os filhos brasileiros, indo lutar na Itália, pela defesa da pátria. Com a paz, voltou ao Brasil.

para o nosso «herói», que perdeu, com isso, boa parte do seu prestígio. E ao anunciar-se, após a «vitória» do campeão do circo, «se havia alguém que se apresentasse para a próxima luta», um gaiato, fazendo rir a tôda a multidão ali reunida, gritou: «Com o vencedor não, mas com o vencido eu luto até de graça!»

Além da derrota, a humilhação.

SERVINDO ÀS EMBAIXADAS

Foi esta, sem dúvida, uma das principais fases da carreira de Salvador Câmara. Iniciou a sua carreira de «diplomata» como chauffeur da embaixada inglêsa e depois da americana, quando no Rio o embaixador Morgan, do qual guarda gratas recordações. Com a vinda, para o Rio, da Missão Naval Norte-Americana, passou ao serviço sucessivo de três almirantes-chefes. Ao ser dispensado o serviço da Missão Naval, Salvador Câmara recebeu, das mãos do seu antigo chefe, um valioso documento assim redigido:

«Missão Naval Norte Americana no Brasil, Ministério da Marinha, Rio de Janeiro. A quem possa interessar:

«Certifico que Salvador Câmara, atualmente morador à rua General Severiano, n. 30, casa 2, esteve empregado como chauffeur do chefe da Missão Naval dos Estados Unidos, no Brasil, durante mais de oito anos e deixa êsse serviço agora pelo fato de ter sido dispensada a Missão Naval. Eu o considero um excelente chauffeur, porque as poucas vêzes em que êle podia ter acidentes manobrava prontamente para evitar colisões de quaisquer espécies. Além do seu serviço, como chauffeur, tem conhecimento sôbre todos os negócios importantes e sabe a sua posição nas cerimônias oficiais. E' muito inteligente em transmitir recados e solícito em prestar serviços caseiros de quaisquer espécies e nos parques. Eu o recomendo a qualquer pessoa que necessite de seus serviços de chauffeur, quer para serviço oficial, quer para condução de senhoras.

(a) **N. E. Ismen.** Contra-almirante da Missão Americana, chefe da Missão Naval no Brasil».

EMBAIXADAS HOLANDESA E URUGUAIA

De 1930 a 1933 esteve Salvador Câmara ao serviço do embaixador da Holanda no Brasil, o qual de tal maneira se afeiçoou ao seu chauffeur que ao retirar-se para a Holanda presenteou-o com o próprio automóvel, um «Packard» que havia sido comprado do senador Azevedo. Na mesma embaixada serviu ao novo ministro C. H. Shuller Tot Perrisum, ao qual foi recomendado por seu antecessor. Um fato pitoresco que atesta o espírito altamente religioso dos holandeses, nos relata Salvador Câmara. Nos dias de Festa de Reis, todos os empregados e serviçais da embaixada eram presenteados e convidados a participar de um jantar oferecido pelo embaixador. Êste e a embaixatriz e sua família, num gesto de exemplar humildade, serviam os seus empregados à mesa.

Da embaixada holandesa êle guarda, como relíquia, o seguinte documento:

«Legação dos Países Baixos. O abaixo assinado, secretário da Legação da Holanda no Rio de Janeiro, declara que o portador da presente, sr. Salvador Henrique Câmara, identificado pela carteira de matrícula da Inspetoria de Veículos, sob n. 1947, do Rio de Janeiro, e carteira de identidade da Polícia do Distrito Federal, é o chauffeur do sr. Ministro da Holanda no Brasil, Rio, 29 de setembro de 1933.» (assinatura ilegível).

Da embaixada holandesa passou ao serviço da embaixada uruguaia onde trabalhou com a mesma eficiência e dedicação.



IL MINISTRO DELLA GVERRA

DECRETA

Il Soldato Camera Salvatore

È AUTORIZZATO A FREGIARSI DELLA MEDAGLIA ISTITVITA A RICORDO DELLA GVERRA MCMXV-MCMXVIII

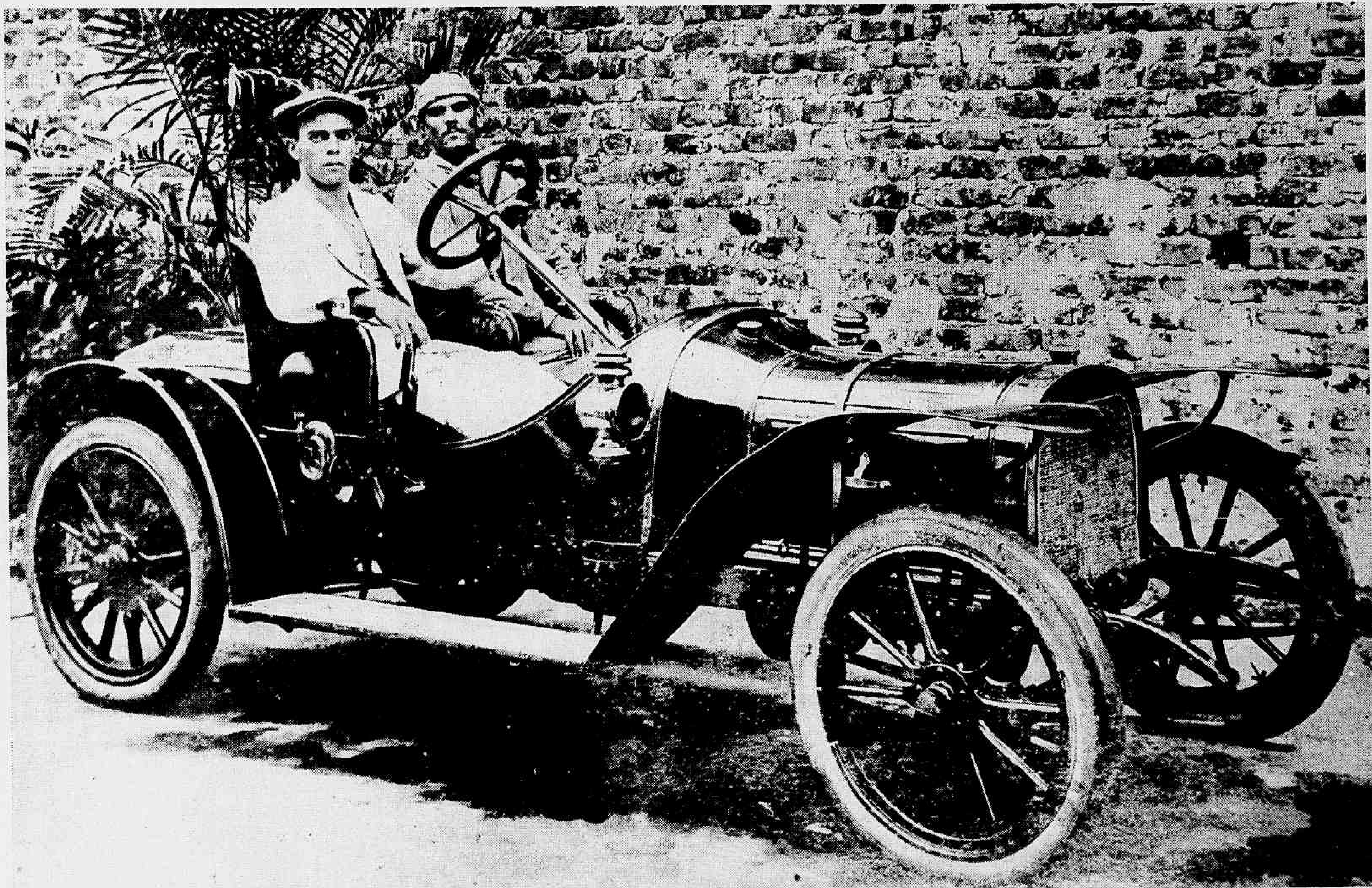
IL MINISTRO

DA GUERRA de 14-18, trouxe documentos comprobatórios de ter agido com bravura e denodo, no campo da luta, durante 4 anos.

HERÓI DA GUERRA 1914-18

Não foi esta a primeira vez que voltou à Europa, depois de ter vindo para o Brasil. Vindo de lá ainda criança, integrando-se na vida brasileira, pátria adotiva que muito

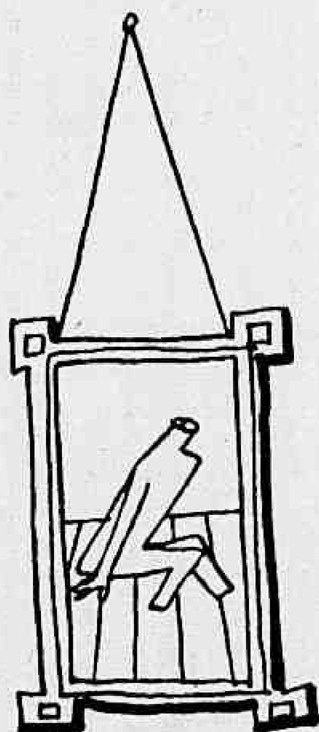
(Cont. na pág. 51)



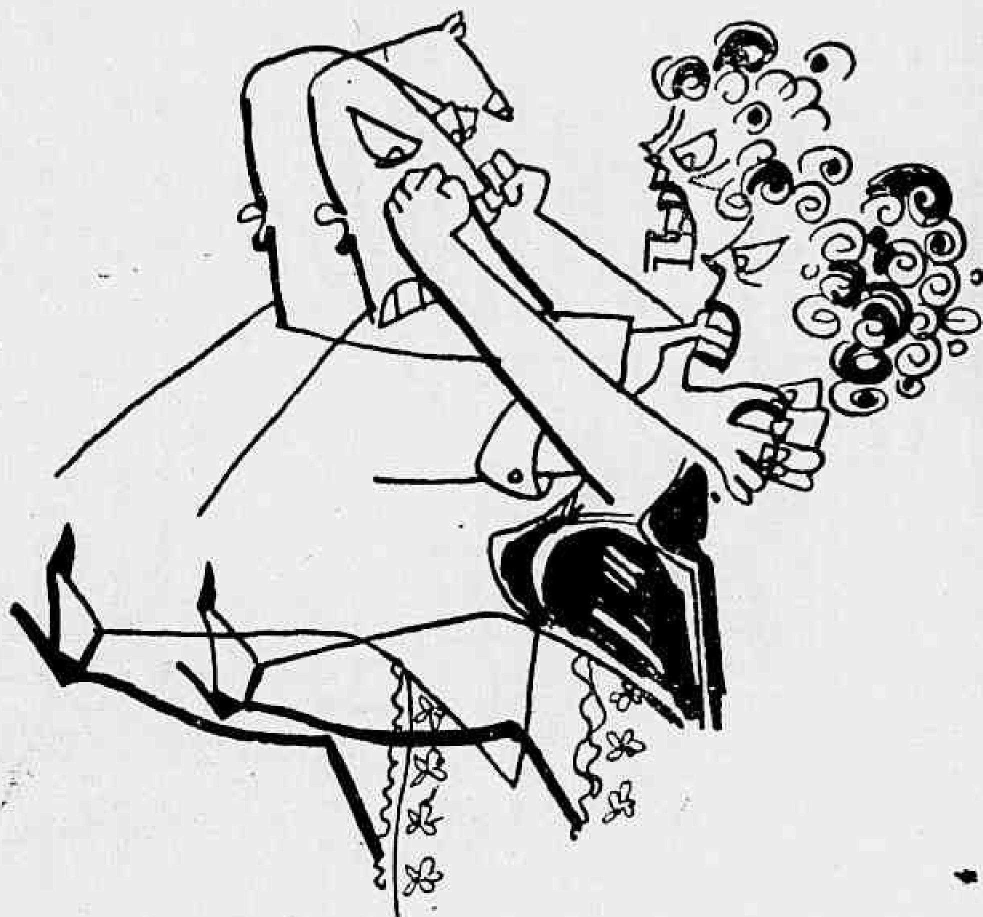
Êste foi um dos primeiros carros que vieram ao Brasil, dirigidos por Salvador Câmara em São Paulo. Sua carteira profissional tem o número 73, e até hoje exerce a mesma profissão, apesar dos seus 62 janeiros. Rui Barbosa, Pinheiro Machado e outros figurões políticos do princípio do século, foram transportados no carro que êle dirigia. Nunca sofreu desastre.

Nicodemus TENTA DIFERENCIAR TEORICAMENTE

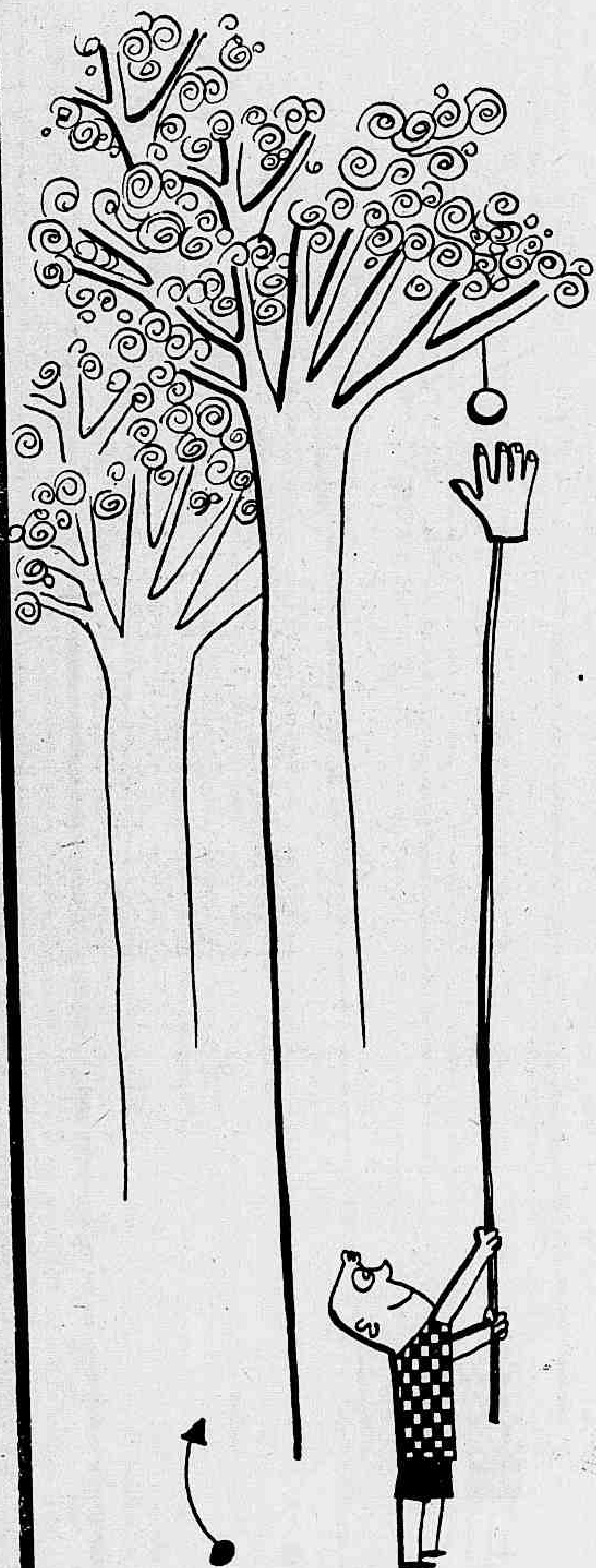
O nascimento



NASCEM DE UMA CABEÇA
A IDÉAS SEM PÉ
NEM CABEÇA...



... NASCE
A LUZ
DA
DISCUSSÃO



... NASCE COM
UM POUQUINHO
DAGUA
O FRUTO
NO GALHO
DA FRUTEIRA ...



... MAS
NO TERRENO ÁRIDO
DA VIDA
OS TÔLOS,
ÊSSES, NASCEM
SEM SER REGADOS ...

TU
TAMBÉM,
FILHO?

O prof. Oswaldo de Oliveira, da clínica médica da Faculdade de Medicina, fala sôbre cardiologia ao nosso companheiro

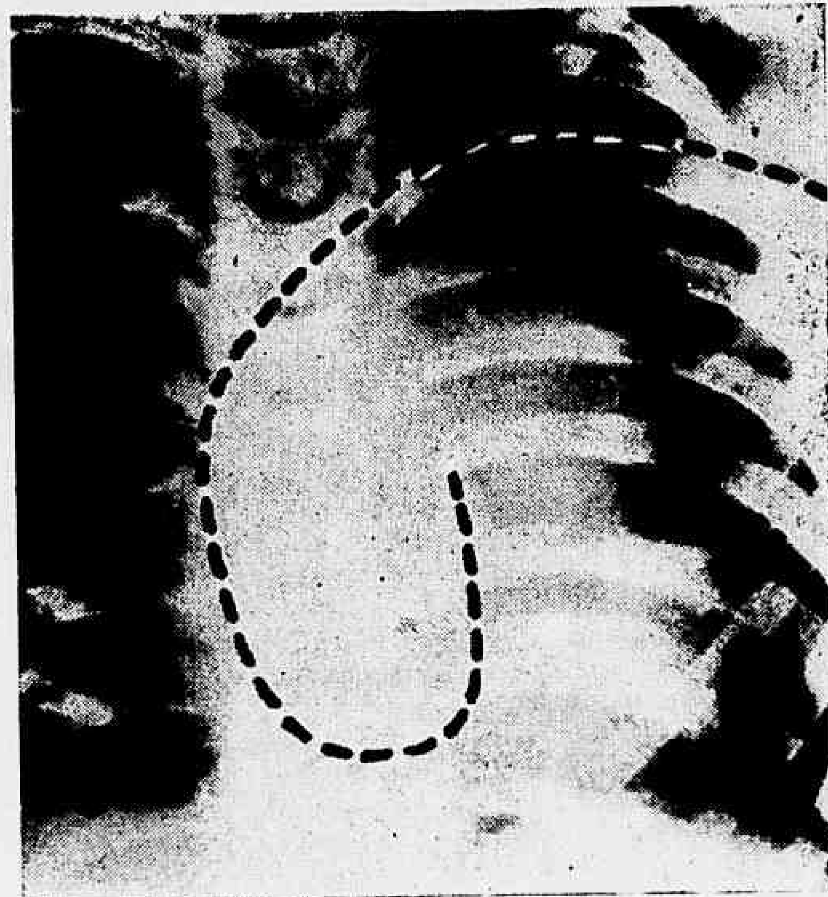
O CORAÇÃO E SEUS PROBLEMAS

A CARDIOLOGIA DE ONTEM E A DE HOJE ★ SINAL LUMINOSO ★ O CORAÇÃO E A ENERGIA ELÉTRICA ★ A SONDAGEM DO CORAÇÃO ★ OS MILAGRES DA CIRURGIA CARDÍACA ★ A CARDIOLOGIA E' UM MUNDO NA CIÊNCIA

O estudo das doenças cardiovasculares tem progredido extraordinàriamente nos últimos tempos, conseguindo a cirurgia cardíaca verdadeiras ressurreições. Resolvemos por isso ouvir a respeito do palpitante assunto a palavra do professor Oswaldo de Oliveira. Fomos procurá-lo em sua residência, onde, à maneira dos médicos europeus, recebe os seus doentes em consultas. Cercado de livros e quadros preciosos, num ambiente de arte e de estudo, aí nos atendeu com singeleza e amabilidade. O professor Oswaldo de Oliveira é grande autoridade na matéria; considerado pelos colegas o pioneiro da cardiologia no Brasil, dêles recebeu, no último congresso da especialidade, reunida em Quitandinha, moção de aplauso pelos seus trabalhos sôbre as doenças cardiovasculares.

O ilustre professor de clínica médica de nossa Faculdade de Medicina, responde às nossas perguntas acêrca da diferença entre a cardiologia do começo dêste século e a atual, confirma que ela é, realmente, muito grande e diz que, como todos os progressos da medicina em geral, essa enorme diferença resultou de múltiplas e importantes descobertas nas ciências acessórias. Outrora o médico se contentava em ouvir os ruídos do coração com o ouvido aplicado diretamente sôbre o peito do doente ou por intermédio do estetoscópio, e hoje se podem transformar êsses ruídos em variações de corrente e fazer-lhes o registro com o recurso do galvanômetro de corda: é a fonocardiografia. Com um microfônio sôbre o precórdio também tornou-se possível a transmissão dos ruídos à distância para audições coletivas, e mais ainda, a reprodução dêles em discos para demonstrações práticas. Foi, outrossim, imaginado um sinal luminoso da atividade cardíaca: microfônio no precórdio ligado a um sistema luminoso. O aparelho encontra-se nas modernas salas de operações: durante o ato operatório o cirurgião acompanha, no piscar de uma lâmpada, o pulsar do coração do paciente. Mas, em relação ao aparelhamento médico moderno, às observações instrumentadas, nada tão maravilhoso como o que se pratica nos centros de aviação ao selecionar os candidatos a aviador: com o telecardiofônio e a radiodifusão escutam-se de terra os ruídos do coração do indivíduo em pleno vôo.

Que dizer dos raios X e de sua utilidade na clínica? O emprêgo dos raios X como meio de diagnóstico clínico data do começo dêste século. Muito importa ao cardiologista saber das condições volumétricas do coração e da aorta. Antes da descoberta de Roentgen, o médico se valia da percussão na delimitação dos órgãos profundos, mas a precisão de seus resultados não estava ao alcance de qualquer um e ainda os mais dextros por vêzes não conseguiam alcançá-la. Hoje ainda se justifica a prática da plessimetria como recurso da simples alçada do clínico à cabeceira dos doentes, o primeiro a trazer indicações diagnósticas, dependentes, embora, da ratificação radiológica. No início da radiologia os aparelhos estavam longe do aperfeiçoamento moderno. Havia, então, as lâmpadas de aquecimento de Crooks de pequeno alcance e as imagens sofriam a ampliação decorrente da projeção cônica dos raios. Com os atuais tubos radiogênicos de Coolidge tornou-se possível a tele-radiografia, que anula a influência do cone de projeção. Atualmente, também, já é fácil fazer-se a cine-radiografia dos movimentos cardíacos; contudo, nos institutos de cardiologia dá-se mais importância à cimografia plana de Pleikart Stumpf. A profundidade das denteações cimográficas é bom elemento de apreciação do grau de tonicidade do músculo cardíaco. Até pouco tempo era só o que se pedia aos raios X. Ùltimamente, porém, os médicos se têm animado de coragem para praticar a angiocardiografia, isto é, a radiopacificação das cavidades do coração e de seus grandes vasos pelo cateterismo da aurícula direita, por meio de uma sonda introduzida em veia periférica, sob contrôle dos raios X, e injeção, através dela, duma substância de contraste; o corpo radiopaco chegado ao coração direito passa para a artéria pulmonar, atravessa os capilares do pulmão e vem ter às cavidades esquerdas do coração que assim, juntamente com a aorta e seus ramos, também são contrastadas. Daí duas fases na angiocardiografia: a destrocardiografia e a levocardiografia. O método de diagnóstico já é de uso corrente em vários institutos de cardiologia e é indispensável ao reconhecimento exato das lesões congênitas do coração passíveis dos brilhantes resultados da terapêutica cirúrgica. A sonda introduzida no coração presta-se ainda à colheita de sangue nesta ou naquela cavidade do órgão para dosagem do oxigênio e do gás-carbônico, gasometria sanguínea, conveniente à boa apreciação da maformação.



Sonda introduzida na veia mediana basílica esquerda. A extremidade está junto à válvula da artéria pulmonar.

Êsses novos métodos de exame modificaram a orientação dos médicos no tratamento dos cardíacos? Sim, mas não só êsses como outros mais que foram surgindo. Sirva de exemplo a esfigmomanometria. Até o começo do século atual não se dispunha de um aparelho que medisse satisfatòriamente a pressão do sangue nos vasos e hoje não há quem ignore a importância que tem a determinação da tensão sanguínea. Enquanto os cardiologistas da geração passada quase que só faziam empenho no diagnóstico das lesões do coração, diagnóstico anatômico, com a entrada na prática de diferentes esfigmomanômetro e diversas técnicas de medida da pressão sanguínea coincide maior interêsse dos clínicos pela capacidade funcional do órgão, pela eficiência cardíaca na circulação do sangue. Começaram então a se multiplicar as provas funcionais do coração.

Convém não fique esquecido que a atividade cardíaca também é apreciada por meio de traçados mecânicos e elétricos. A princípio só eram possíveis os primeiros: registro gráfico do choque precordial, do pulso arterial, das pulsações venosas e cardioesofagianas. Êste método gráfico, de difícil aplicação e reduzido alcance prático, aos poucos foi sendo desprezado depois que entraram na prática os traçados elétricos, a electrocardiografia. Há cêrca de um século já se havia verificado que as contrações cardíacas produzem correntes elétricas, correntes de ação, muito fracas, é verdade, mas passíveis de serem medidas pelo electrômetro. Muito mais tarde, em 1903, puderam estas correntes ser registradas no galvanômetro de corda imaginado por Einthoven. Do novo aparelho de exploração clínica serviu-se Lewis, cuja obra de 1911 é o marco inicial de nova era no estudo da cardiologia. De então para cá quantos progressos na técnica e nas interpretações electrocardiográficas! Como têm sido extraordinários os esclarecimentos prestados à clínica. Em 1930, grande impulso nas investigações com os trabalhos da escola de Wilson, início de fecundo período de produção científica em matéria de electrocardiografia: a determinação precisa dos chamados bloqueios cardíacos, o diagnóstico seguro dos infartos de miocárdio, o conhecimento indispensável de sua marcha evolutiva sob a ação do tratamento, etc.

Que se tem conseguido em matéria de tratamento dos cardíacos? Atualmente se conhecem as causas de muitas doenças do coração e podem elas ser combatidas eficazmente. Quanto aos distúrbios funcionais, o melhor conhecimento da ação dos cardiocinéticos tem permitido o seu emprêgo com melhores resultados. E com a notabilíssima descoberta dos antibióticos hoje já não se morre de endocardites sépticas.

E da cirurgia nas doenças cardiovasculares que se tem a dizer? Primeiramente, que o coração era dantes o espantalho dos cirurgiões, sempre receiosos da síncope cardíaca em seus operandos; daí a contra-indicação de qualquer intervenção nos indivíduos com insuficiência cardíaca. Depois se viu que há insuficiências do coração que só se curam com operações sangrentas, tais como as que ocorrem na mediastinopericardite calosa — operação da cardiolise, e em doenças da tireóide — ligaduras das artérias nutritivas

(Cont. na pág. 51)



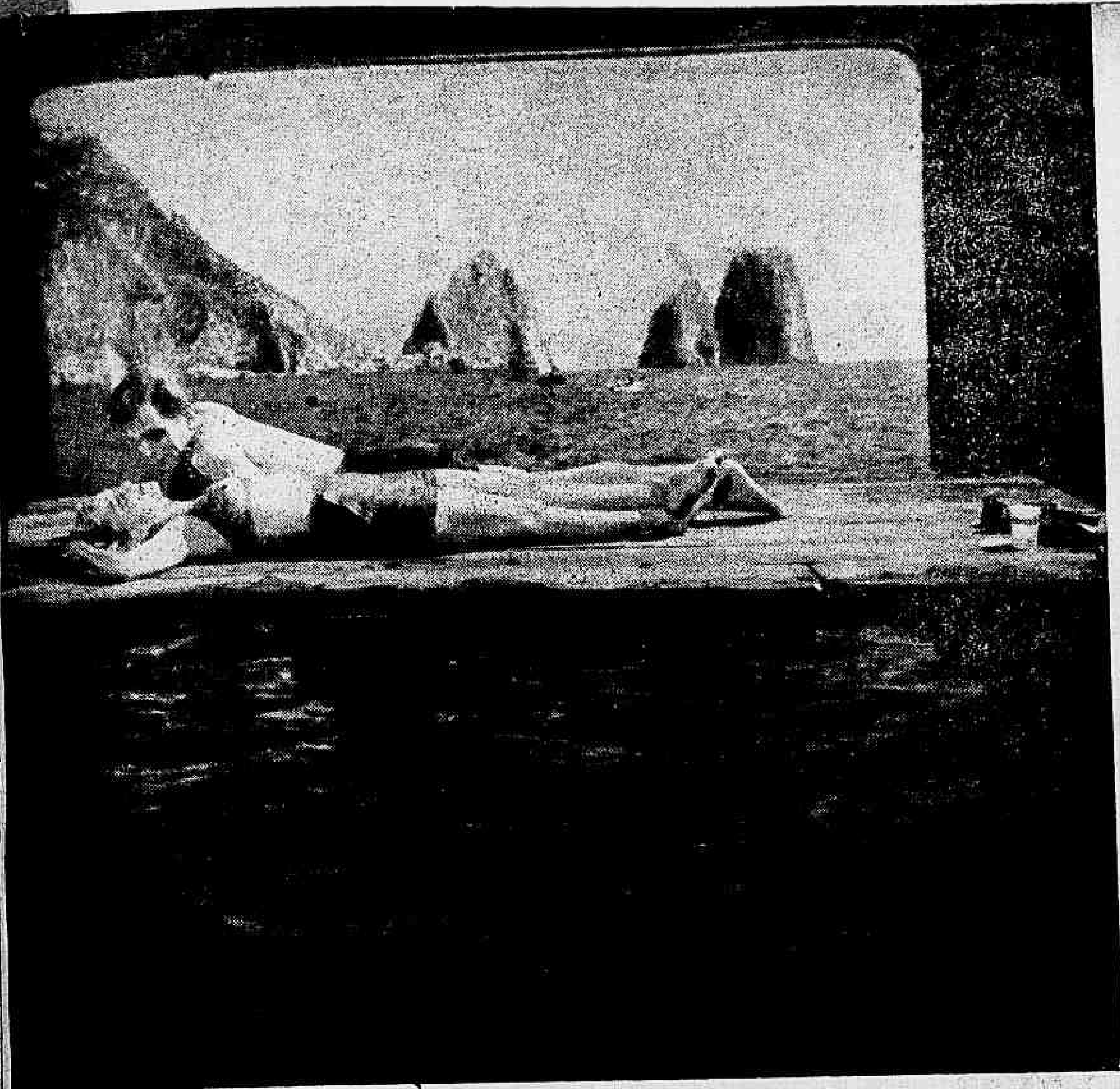
JEAN SIMMONS no «hall» do palácio em que se realizou o XI Festival Cinematográfico de Veneza, Itália. A atriz que fêz a Ofélia em «Hamlet», traz numa das mãos um «porte-bonheur» que lhe ofereceu Achille d'Angelo, o «mago de Nápoles», que, como no ano anterior, compareceu ao Festival para fazer o horóscopo dos presentes



ÊLES FORA DO ESTÚDIO

O Festival Cinematográfico de Veneza, recentemente realizado, foi pretexto para que alguns "astros" de renome internacional ali se reunissem e recebessem calorosas homenagens, as clássicas manifestações de aprêço em que os fãs são férteis. Mas a situação mundial não permitiu que de Hollywood maior número de artistas comparecesse. Ainda assim, o casal Robert Taylor-Barbara Stanwyck fêz convergir para suas pessoas as atenções generalizadas. Como é sabido, Robert Taylor está na Itália, desde algumas semanas, posando nos arredores de Roma, como protagonista do filme "Quo Vadis?", reeditado pela Metro com foros de super produção. E saudosa do marido, aproveitando um intervalo nas suas atividades de estúdio, Barbara Stanwyck havia atravessado o Atlântico, para ir ver de perto como iam

HENRI GUISOL e Suzanne Flon, ao se iniciarem as solenidades do Festival de Veneza, em companhia do produtor do filme «Rendez-vous avec la chance». A situação internacional criou obstáculos a um maior comparecimento de artistas norte-americanos. Êsse festejado par de «astros» franceses foi alvo de uma carinhosa recepção.



AQUI ESTÁ como se faz o truque dos filmes cuja ação transcorre em um país e que são rodados em outro. Vemos Joseph Cotten e Joan Fontaine posando para uma cena de «Aconteceu em Setembro», passado na Itália. No fundo são projetados panoramas de Capri, mas os artistas estão em Hollywood, em primeiro plano, na prancha ancorada numa piscina



ROBERT TAYLOR foi de Roma, onde estava filmando «Quo Vadis?», a Veneza, assistir à inauguração do Festival levando consigo a espôsa, Barbara Stanwyck. Aqui os vemos no refeitório do Albergo Excelsior, onde se hospedaram inúmeras personalidades do cinema. O Festival foi inaugurado com o desenho de Walt Disney «Cenerentola», inédito para nós.

sendo encaminhadas as filmagens da película ítalo-norte-americana. Logo os clássicos venenosos surgiram em campo, admitindo que o verdadeiro motivo dessa viagem fôsse uma certa desconfiança de Stanwyck — em relação a Elizabeth Taylor, protagonista feminina de "Quo Vadis?". Mas a boa harmonia do casal, que representa um dos pares mais bem casados de Hollywood, há de ter desnorteado por completo a malícia dos inefáveis bisbilhoteiros. Quanto a Elizabeth Taylor, é certo que sua presença em Roma tem lhe servido para uma notável publicidade. Os repórteres fotográficos, já cansados de bater chapas de entidades mundiais a propósito do Ano Santo, e agora que o Ano Santo se aproxima da sua fase final, distraem-se gastando filmes e mais filmes com pôses sempre novas e sugestivas da bonita artista. Ela vive a perspectiva de um grande triunfo, e se o filme histórico sair como é de esperar, um maravilhoso espetáculo, seu nome ficará incluído entre os das sumidades de maior relêvo na tela do mundo inteiro. Nestas páginas, os mais recentes flagrantes da vida de alguns famosos "astros", fora dos estúdios, na Europa e nos Estados Unidos.



GINGER ROGERS, com fingida indignação, aponta para a cinturinha frágil de Jink Falkenburg, durante uma reunião do Tennis Club de Long Island (Nova York), por ocasião das finais da «Copa Davis». A louríssima estrêla e Jink participaram no Torneio das Celebridades. Mas o cinto de Jink tem esta legenda: «Os homens preferem as louras...»





LAURENCE OLIVIER, depois de dez anos de ausência, volta aos EE. UU.. Aqui o vemos em Los Angeles, recebido pela espôsa, Vivien Leigh, que o precedera nessa viagem com o fim de organizar o nôvo plano de trabalho para ambos. Ela foi a heroína de «...e o Vento Levou», êle foi o herói de «Rebeca»



JEAN SIMMONS, à esquerda, acompanhada da irmã, Mrs. Parsonn, praticam esportes de piscina no Lido, Veneza. Jean é a maior revelação do moderno cinema inglês. Ao alto, uma convidada de honra no Festival, sra. Nora Sonsky, quando ia assistir o filme de Walt Disney, «Cenerentola», premiado no certame



NOVAMENTE Jean Simmons e a irmã, agora banhando-se nas águas tépidas do Lido, em companhia de amigos que aparentemente ministram, a ambas, lições de natação. Entre as muitas artistas que compareceram à bienal veneziana, essa foi a que maior publicidade alcançou, muito concorrendo para tanto, a «performance» que lhe proporcionou o filme «Hamlet»



COLUNA DE FRENTE de grande gala, no famoso certame italiano. Da esq. para a direita, Jean Simmons, o diretor Gabriel Pascal, Barbara Stanwyck e Robert Taylor. Além dêsses ali se encontravam: Maria Montez, Rossellini e a sua última «descoberta», Arabela Lemaitre, etc. O casal Taylor-Stanwyck concentrou as atenções do público e dos repórteres italianos.



ROBERT TAYLOR e Barbara Stanwyck saíram do espetáculo antes de terminado, para não perder o avião especial da Metro, que nessa noite os devolveu a Roma onde estão filmando.



ESTHER WILLIAMS pintou os cabelos de negro para filmar «Canção do Amor Pagão» (lembram-se de Ramon Novarro?), e Jane Powell cortou o cabelo para dançar com Astaire.

LIVRAI-ME DO CASAMENTO

A balsaqueana com tipo de "brotinho" entrou decidida, irradiando altivez, no escritório do jovem advogado. O rapaz ergueu o olhar interrogativo e levantou-se:

— Às suas ordens, senhorita...

— Dr. Eduardo Menezes?

— Ao seu inteiro dispor. Queira sentar-se.

— Obrigada — disse a jovem sentando-se. — Li o seu anúncio de propaganda no qual afirma ser capaz de resolver qualquer caso judicial. Trata-se da anulação de um casamento — aqui a moça vacilou. — Bem... se o senhor pretende interessar-se pelo meu caso é preciso que me ouça sem interrupção e sendo assim, peço-lhe que feche a porta de seu escritório a fim de que ninguem nos venha incomodar.

Eduardo levantou-se sem nada responder, fechou a porta e voltou ao seu lugar, mergulhando o olhar curioso nos olhos interrogativos da moça:

— Pode começar.

— Meu nome é Maria Célia de Andrade... nome de solteira, naturalmente. Agora peço-lhe que examine êsses documentos — dizendo isto Maria Célia tirou da bôlsa duas fôlhas de papel que o advogado examinou cuidadosamente.

— Duas certidões de casamento e... ambas de Maria Célia de Almeida... com dois homens diferentes. São suas, não é mesmo? Bigamia...

— Trigamia, dr. Eduardo. Aí está faltando outra certidão...

Menezes franziu a testa. Com que então essa criatura jovem, com ares infantis, era simplesmente... trígama!

— Em poucas palavras lhe poderei prestar tôdas as informações necessárias.

— Precisamos ir com calma. A senhora diz pertencer-lhe estas duas certidões de casamento e ainda faltar uma terceira?

— Não senhor. A que falta é a segunda. A terceira é esta aí, onde o noivo é o sr. Hélio Rodrigues.

O advogado voltou o olhar para os papéis e ficou pensando. Jamais lhe viera às mãos um caso semelhante. Em pleno Rio de Janeiro lhe aparece uma constituinte envolvida em três casamentos, dois dos quais ilegais. E êle que pensara que só nos Estados Unidos fôsse possível um caso dessa natureza, em se tratando de uma mulher jovem ainda por cima, com cara de menina ingênua. Uma súbita curiosidade o invadiu. Interessava-lhe agora, mais do que qualquer outra coisa, conhecer a história de Maria Célia, que de antemão lhe parecia bem interessante.

— Por que não diz nada? — indagou a moça com uma ponta de preocupação.

— A senhora me poderia contar como aconteceu tudo isto...?



— Vai demorar um pouco. Está disposto a ter paciência?

— E' preciso que eu a tenha. Conte-me tudo desde o princípio.

— Muito bem. Começou em 1935, tinha eu 15 anos então, quando me foi impôsto pela família, um casamento que eu considerava odioso. O senhor compreende... eu estudava ainda, não sabia o que os namorados conversavam e embora sentisse tremenda curiosidade de conhecer o sedutor mistério do namôro não havia tido coragem de animar nenhum dos possíveis candidatos. Sonhava com o meu príncipe-encantado que idealizei um rapaz alto, elegante, simpático e alourado. Não o vira ainda entre os rapazes meus colegas de classe e sabia com segurança que não podia ser aquêle homem vinte-e-cinco anos mais velho do que eu, baixote e deselegante. Mas eu era apenas uma criança lutando contra um destino adverso, representado pela minha mãe e minha avó, que não me davam uma folguinha com sua "ladainha": — "Maria Célia, deves aceitar o Justino para marido. És uma moça pobre e inexperiente e êle te ama com todo ardor dos seus quarenta anos. Não deves chutar a sorte que te acena com um casamento tão feliz". A princípio, acreditando que acabassem por desistir de tal propósito, diante da minha indiferença, não me preocupei muito; depois, quando o sr. Justino entendeu de fazer cenas de ciúme, não me deixando o direito de conversar com minhas amigas e com minha própria irmã, não permitindo um momento de prazer em minha vida e se eu cantava como costumava a fazer antes (qual a moça que não o faz?), êle logo se revoltava porque quem passava na rua poderia escutar a minha voz, compreendi que eu precisava lutar contra o iminente perigo de perder minha liberdade, dignidade e o que era bem pior: os meus ideais. Declarei que não me casaria com o sr. Justino, gesto que foi apoiado por meu pai. Meu pai! Senti tanto entusiasmo ao sentir o apoio de meu pai que esqueci inteiramente que êle nada poderia contra minha mãe e minha avó, nesse setor.

— Como assim? Seu pai não a poderia proteger contra êsse casamento?

— Infelizmente, não. O sr. Justino comprara grande parte do enxoval e meu pai não possuía dinheiro disponível para indenizá-lo, embora não lhe faltasse desejos de fazê-lo. De qualquer modo desfiz o meu noivado, afirmando que estava farta de semelhante farsa. Senti o coração como um passarinho liberto da gaiola. Cantei com tôda a emoção de que minha alma foi capaz. Livre! Livre! Eu estava livre daquele odioso martelo que ameaçava a minha cabeça. Ingenuidade, a minha. Durou bem pouco a minha venturosa ilusão. O sr. Justino ia em casa todos os dias e chorava no seio de minha avó, que era sua fervorosa e gratuita cúmplice nesse duelo sentimental. Digo mal quando falo em duelo, "complot", isto sim. Certo de que suas lágrimas nada conseguiriam, pois me recusava a vê-lo, o sr. Justino passou às ameaças. Disse a vovó que me mataria se eu não o desposasse. Zombei de suas palavras e o desafiei a cumpri-las. Minha mãe ficou desesperada, mas eu não cedi. Justino resolveu dar seu último golpe: Mataria meu pai se êste não me obrigasse a desposá-lo. Foi o clímax: Minha mãe adoeceu de mêdo e seu único remédio seria o meu sacrifício. Como resistir? Sim. Como continuar lutando se a vida de minha mãe dependia de mim? Sepultei meus sonhos dourados, minhas ilusões e a imagem do meu príncipe-encantado e curvei a cabeça ao sacrifício. Meu casamento durou sòmente um ano, como não podia deixar de ser. Foi um ano de tortura sob a tirania de um homem doentiamente ciumento. Aos dezesseis anos a moça atinge o seu ponto máximo de sedução, mesmo quando não é bonita, e eu não o era. Possuía saúde, vivacidade e juventude e isso é o mais importante em uma vida. Todos pensavam que eu era filha de Justino, a quem eu continuava a chamar de

(Cont. na pág. 48)

Novela de LYSA CASTRO



O TAXI LONDRINO E O «FIACRE» parisiense, num curioso contraste em que se defrontam os séculos. Paris de hoje é uma cidade de contraste. No Quai D'Orsay, um taxi londrino, habitual visitante de Paris, emparelha com um «fiacre». Na outra foto, linda vista do famoso monumento que foi erigido em memória da Raínha Vitória, e a tôrre do «Big-Ben»

DE LONDRES A PARIS
NUMA CORRIDA DE TAXI



"WEEK-END" EM PARIS, UMA DAS COISAS MAIS COMUNS... ★ PASSEIOS AOS LUGARES PITORESCOS DA CAPITAL FRANCESA, VERSALHES, HOTEL, REFEIÇÕES, **DRINKS**, E ATÉ "FOLIES BERGÈRES", TUDO POR 25 LIBRAS ★ OS TAXIS DENTRO DO AVIÃO ★ SURPRÊSA NAS ALDEIAS FRANCESAS

(Copyright da News Press-BNS para a **REVISTA DA SEMANA**)

TOMAR um taxi em Londres para se divertir num fim de semana em Paris será dentro de pouco tempo uma das coisas mais comuns do mundo. O motorista Leslie Wightman, proprietário de três carros "Austin" novinhos em folha, está levando cinco passageiros em cada um dos seus automóveis desde o centro da cidade até o aeroporto de Lympne, onde os passageiros, com taxi e tudo, são embarcados em um avião cargueiro que os leva através do Canal da Mancha até a cidade de Le Touquet, na França; e de lá, os taxis vão rodando até Paris.



TURISTAS INGLÊSES, depois de visitar o Palácio de Versalhes, dirigem-se a um restaurante para uma refeição. Nesse serviço de taxi Paris-Londres, os passageiros não se preocupam com o «relógio», pois tudo está incluído no preço base: 25 libras. Na foto abaixo, um polícia do tráfego dá explicações a uma pedestre, enquanto detém um motorista infrator.

VINTE E CINCO LIBRAS APENAS

O passeio começa na sexta-feira à tarde, quando os taxis deixam Londres. E, no continente, os passageiros são conduzidos aos sítios mais pitorescos dos arredores de Paris e Versalhes, com hotel, refeições, "drinks" e uma visita às famosas "Folies Bergères" pelo preço total de £25. Naturalmente, as compras e outras despesas extras correrão por conta do freguês, mas em compensação, enquanto o carro estiver rodando de acôrdo com o programa prèviamente fixado, os passageiros não terão que se preocupar com o "relógio" do taxi...

TAXIS DENTRO DO AVIÃO

O vôo através do Canal é feito a bordo do gigantesco avião cargueiro "Bristol", que leva dois taxis de cada vez e faz a travessia em vinte minutos, permitindo assim um cruzeiro completo de Londres a Paris em menos de dez horas.

SURPRÊSAS

Aos poucos os aldeões ao longo da famosa Route Nationale I vão se acostumando com a passagem dos taxis londrinos, mas os parisienses ainda se detêm espantados com a presença dêsses carros.



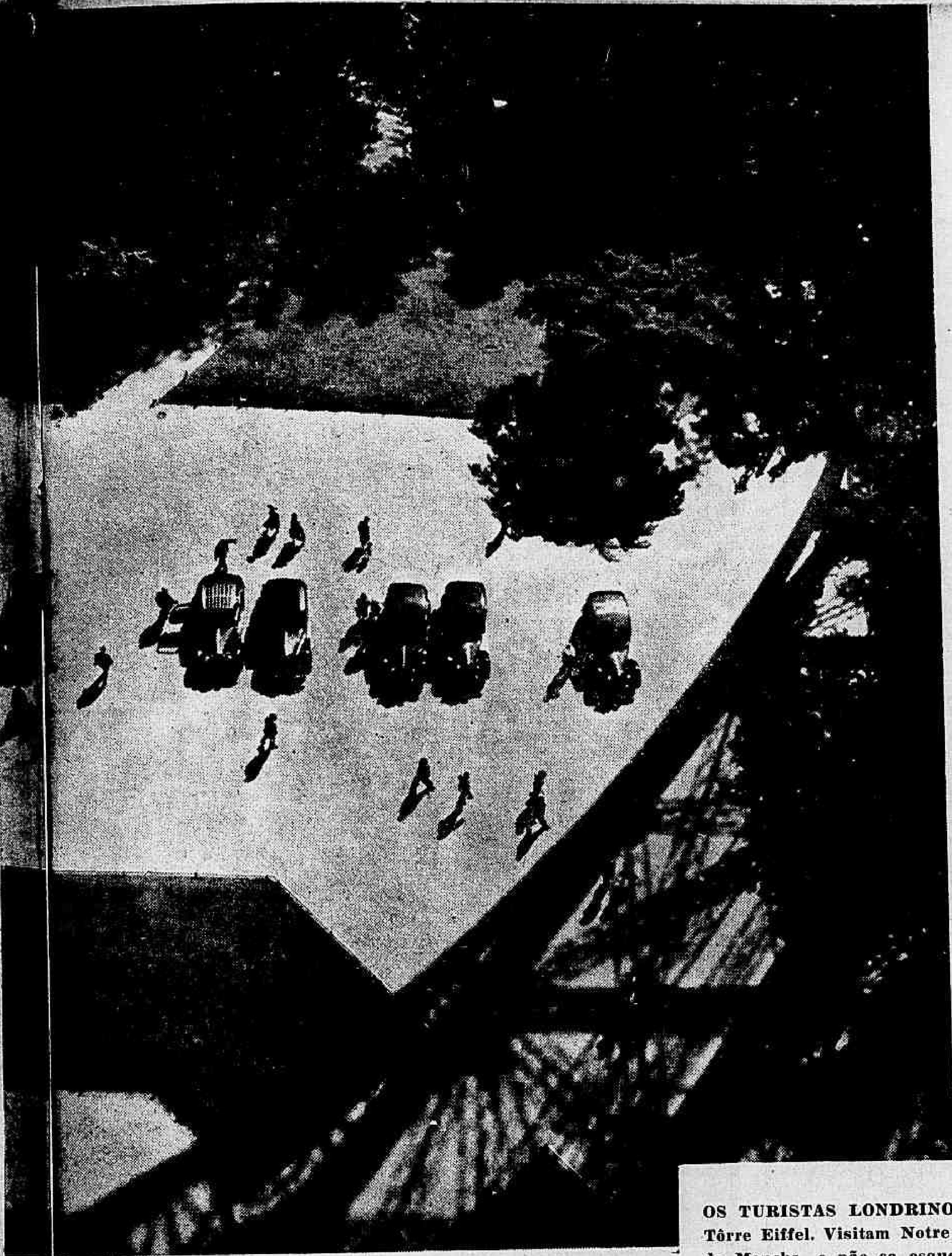
Leslie Wightman e seus dois motoristas dirigem os três automóveis e fazem-se ainda de guias e hospedeiros, agindo de maneira a tornar o "week-end" alegre e divertido e sem os aborrecimentos de viagem. No grupo que estamos focalizando havia americanos e inglêses todos em busca de um só objetivo: um "week-end" diferente...

Aí está um resultado com o qual, nem Santos Dumont, nem Bleriot, o primeiro aviador que atravessou a Mancha em avião, jamais pensariam: meter automóveis num cargueiro aéreo e ir flanar com os mesmos pelas ruas de Paris, como quem vai ali e já volta.

Não sabemos de maior meio de estabelecer a paz, a amizade e o respeito entre duas nações, do que êste que os franceses e inglêses estão fazendo agora com o serviço de taxis Londres-Paris. Unir os povos pela comunicação rápida, fácil e barata, eis o "ovo de Colombo" que deveria ser aplicado por todo êste mundo complicado e incompreensível.

Os parisienses, naturalmente, com as folgas em dólares de que já dispõem, poderão imitar os senhores inglêses e dar um pulo sôbre o Canal e chegar à capital britânica, com as mesmas facilidades com que estão visitando Paris, americanos e inglêses lá do outro lado de Calais.

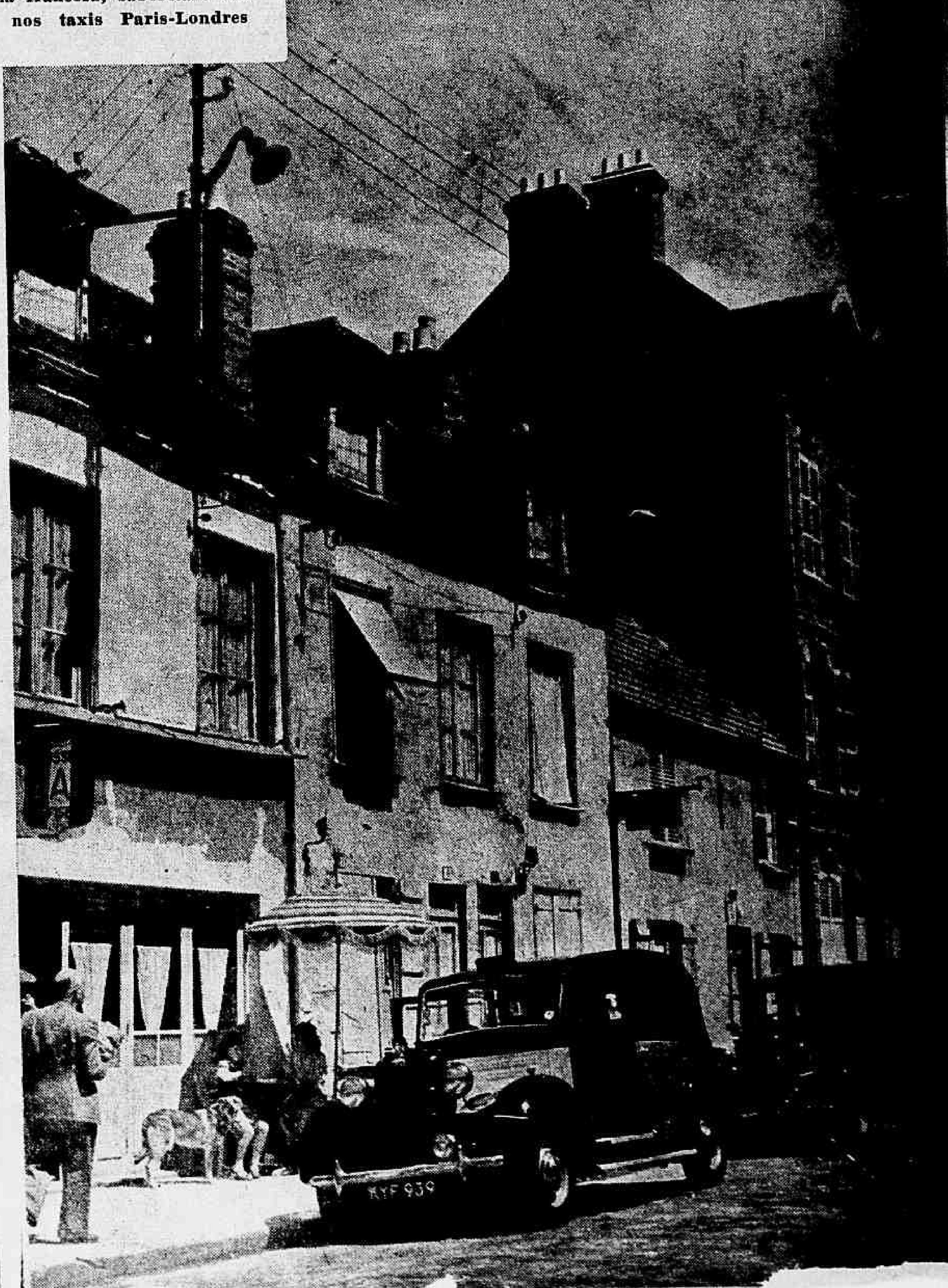
DE LONDRES A PARIS NUMA CORRIDA DE





OS TURISTAS LONDRINOS deixam os taxis e sobem a Tôrre Eiffel. Visitam Notre Dame, e rumam para o Canal da Mancha, e não se esquecem de suprir-se de gasolina. Adiante param numa cidadezinha francesa, saboreiam um lanche e regressam à pátria nos taxis Paris-Londres





O Voluntario nº 44

ORLANDO MATTOS

NAQUELA manhã chuvosa, os 52 voluntários da velha terra dos Taipas postaram-se, em fila, defronte do Paço Municipal. Era chegado o histórico dia em que partiriam para a capital da Província de Minas. Dali seriam mandados à Côrte, de onde marchariam para os campos de guerra do Prata. Paissandu caíra em poder dos brasileiros. Glorificava-se o heroísmo dos defensores do forte Coimbra. Tudo isso viera acentuar ainda mais o patriotismo daqueles voluntários — descendentes diretos dos bandeirantes que primeiro pisaram as margens do Caruru.

Sob uma chuva fina que enevoava tudo, os patriotas deixaram o Paço e saíram cantando pelas ruas, em frente a cada uma de suas próprias casas. Em meio à chuva, a multidão não podia mostrar suas lágrimas. Mas, por certo que em cada peito havia um soluço sufocado de despedida, e uma aura de saudade contagiava todos os olhares. Ao estacionar o préstito em frente à casa do tenente Azevedo, foi feita a entrega da bandeira "Voluntários da Pátria" aos 52 rapazes. Foi quando um certo doutor e poeta pronunciou estas palavras, de que sòmente os nossos avós se lembram:

— "Voluntários de minha terra! Levai êste pálio como um penhor de glórias! Honrai a legenda que nêle rutila — "Voluntários da Pátria". E, quando lá nas terras do Sul, doerem em vosso coração as saudades da terra de vosso berço; quando, por entre o sibilar dos mosquetes e o ribombar da artilharia, se desenhar ao vossos olhos a imagem da família que deixais, — levantai vossa bandeira e lutai, lutai como heróis, como mineiros! Adeus, patriotas serranos! Deus vos salve!"

A chuva deixara de cair. Um sol amarelo viera doirar, por um instante, aquêles semblantes macerados pela emoção da partida. Um punhado de corações ia conhecer o "delicioso pungir de acêrbo espinho"...

O voluntário n. 1 abraçou-se com a bandeira e disse que por ela estava "pronto a derramar a última gôta de sangue". E os seus colegas fizeram a mesma coisa diante do povo comovido, que se ajoelhara, rezando em silêncio. Só o Florêncio de Andrade, o voluntário n. 44, não imitou o gesto. Em vez de abraçar a bandeira, foi abraçar, primeiro, a Margarida, a morena do córrego do Caruru. Era a sua noivinha. Ela beijou um amor-perfeito e colocou a flor beijada na lapela do Florêncio. Aquela atitude pitoresca provocou sorrisos. Mas os sorrisos se orvalharam de lágrimas, quando se ouviu o "Hino dos 52 voluntários", alguns de cujos versos diziam assim:

"Não ouvis o clarim do combate
Que medonho se trava no Prata?
Não ouvis o trovão da batalha,
O estalar do mosquete que mata?
E' a guerra que vil estrangeiro
Provocou à nação brasileira.
Bandeirantes da Pátria, marchemos
Em defesa de nossa bandeira.

E tu, berço da infância doirada,
Nossa terra gentil, Pitangui,
Aceita o nosso adeus, que partimos
Suspirando, saudosos, por ti."

A onda popular invadia as ruas, as ladeiras, os caminhos. Tôda a cidade queria assistir, compadecida, ao adeus dos 52 heróis. E êles partiram, cheios de si, diante das lágrimas da multidão.

As ruas estavam coloridas de flores e fôlhas de mangueira. Nas janelas, nas árvores, nos morros, lenços se agitavam, no derradeiro adeus daquele pedaço de chão dos gloriosos descendentes de Domingos Rodrigues do Prado. Por fim, aos sons do Hino da Independência, os voluntários se foram, pouco a pouco, mergulhando no nevoeiro da estrada larga, rumo de Contagem. De povoação em povoação, chegaram, mais tarde, a Ouro-Prêto e, depois, à Côrte, dali partindo, uns para Mato Grosso, outros para a Zona Platina.

★

Florêncio, o voluntário n. 44, ainda não se tinha conformado com a partida. Não que fôsse covarde. Achava simplesmente que não tinha jeito para guerreiro. Inscrevera-se como voluntário apenas para "ter cartaz" aos olhos da noiva. A bem-amada veria nêle, certamente, um herói. Mas, dessa vez, enganara-se.

E agora, bem se lembrava do instante da partida, — daquele diálogo que tivera com ela:

— Florêncio, por que você "virou" voluntário? Foi pra me abandonar?...

— Pensei que você gostasse, Margarida.

— Florêncio, eu amo a Pátria também. Mas, por enquanto, ela não precisava de você. De que me valeria um herói num homem morto?

— Pensei que você gostasse...

— Não gostei, não...

— Pois então voltarei, Margarida. Arranjarei um motivo, uma doença qualquer. Meu coração, por exemplo, anda tão fraco...

Aquela conversa ficava agora ressoando aos ouvidos de Florêncio, misturada ao beijo de despedida que lhe bailava no pensamento. Seu amor era muito. Mas a sua coragem era pouca. Amava a vida e a paz. Queria sempre viver sem ambições particulares, no sossêgo de seu comodismo sem lances nem aventuras. De qualquer modo, porém, teria de enfrentar agora a dureza da caserna, as cruezas da guerra. Esforçara-se por não ser aceito. De nada valeu: consideraram-no constitucionalmente apto. Fizeram-no envergar a farda e jurar bandeira. Dias depois, era incorporado num pelotão e enviado, ao lado de seu conterrâneo Marcelino, o voluntário n. 49, para o campo de batalha do Sul.

★

Fugindo a uma noite tempestuosa, a patrulha de mosqueteiros, de que Florêncio era componente, alojara-se numa furna de montanhas, em terreno do inimigo.

Naquela loca, ouvindo o trovão ecoar nos despenhadeiros, o voluntário meditava, pálido, depauperado. Seu espírito inquieto oscilava entre dois perigos — a deserção e a guerra. Fazia, às vêzes, por adaptar-se um pouco àquela vida infernal. Mas era, por índole, assombrado e mal podia furtar-se, em certas situações, ao desejo de fugir e desertar. Entretanto, as notícias de vitórias brasileiras em Curuzu e Curupaiti, e durante a passagem de Itororó, começaram a incutir certa calma e mesmo algum entusiasmo em Florêncio.

Ùltimamente, como soldado de Caxias, o voluntário n. 44 ia até adquirindo as características de um bravo. De resto, certas atrocidades do inimigo bárbaro, que arrancava orelhas e decepava mãos aos brasileiros, para levá-las como troféus de glória à presença dos caudilhos paraguaios, — já sucitavam no coração do recruta profundos desejos de vingança.

Naquela noite, à medida que se foi aplacando a tempestade, dezenas de canhões paraguaios, nas fortalezas do Chaco, entraram em ação, a vomitar cnamas na treva. A luta recrudesceu em Lomas Valentinas.

Marcelino, o chefe da patrulha, ergueu-se da loca escura e convidou:

— Vamos para frente, rapazes? Precisamos ver o que há na redondeza de Peribebuí. O Caxias quer cercar aquela praça a qualquer momento.

— Vamos embora! — responderam, dispondo-se a varar a escuridão.

Ao romper a madrugada, num vale de araucárias, a patrulha pôs-se em descanso à beira de um riacho. Precisava refazer ali as suas fôrças com um banho. Para segurança de seus colegas, Marcelino ficara de vigia no topête da encosta. Florêncio e os outros cruzaram seus mosquetões no solo e começaram a despir-se, cantarolando.

Não haviam ainda penetrado na água, quando um ZZZ agudo sibilou no vale. Uma chumbada acabava de atingir o boné de um companheiro, atirando-o de um galho ao riacho. Os soldados relancearam os olhos em tôrno e, com as calças mal seguras pelas mãos, correram a apanhar os mosquetões. Mas já não era possível: estavam cercados pelo inimigo. Das moitas laterais, surgiram verdadeiros bugres, de armas em punho, rodeando-os palmo a palmo. Ainda outros clavineiros irromperam de um caniçal do vale, das samambaias, das grotas, e foram-se abandoando ao redor da patrulha.

De súbito, num desvario de fanáticos, entraram a massacrar os brasileiros indefesos, esfaqueando-os um a um. Marcelino, de sentinela, a pouca distância, conseguiu fugir à chacina, abalando para o outro lado do vale. Quanto a Florêncio, pouparam-lhe a vida, talvez por motivos estratégicos. Precisavam de um brasileiro para lhes revelar certos planos a respeito do cêrco de Peribebuí. Levaram-no, então, de olhos vendados.

No setor paraguaio, um caudilho lhe gritou aos ouvidos:

— Sabeis "endonde" está Caxias?!

Florêncio balanceou a cabeça, num resmungo. O caudilho lhe deu uma bofetada, vociferando:

— "Hablad, perro"!... "Endonde" está Caxias?

O voluntário balanceou de novo a cabeça, em silêncio. O caudilho avermelhou-se de ódio. Soltou uma cachinada diabólica e deu uma ordem a seus homens. Florêncio foi manietado. Açoitaram-no friamente, até que êle, recalcando as dores e invadido de crispações nervosas, desfaleceu.

Ao recuperar os sentidos, novamente sentiu reboar aos ouvidos o mesmo grito sinistro:

— "Endonde" está Caxias?

O voluntário, ofegante, moveu os lábios espumosos e, a custo, proferiu:

— Matem-me! que um brasileiro não sabe trair! Serei vingado, pois hoje mesmo os senhores verão Caxias...

O caudilho tomou um ar sombrio. Algo de macabro estava para acontecer. Era, talvez, o fim de um pobre voluntário.

Escancarando a bôca a Florêncio, de cujo peito fustigado minavam pingos de sangue, feriram-no de morte, submetendo-o a uma agonia dolorosa. E, ante o espectro ensanguentado do brasileiro, os fanáticos do caudilho gargalhavam como loucos.

Na tarde daquele mesmo dia, dava-se o cêrco à praça de Peribebuí, o ponto nevrálgico da luta. Uma avalanche de ferro, labaredas e pedras destruiu para sempre o reduto de última esperança dos paraguaios, e o seu chefe supremo foge, deixando seu povo e sua terra à mercê dos vencedores.

Era a última etapa da guerra.

★

Algum tempo depois, dos 52 voluntários daquela cidadezinha dos Taipas, perdida na solidão das serras, bem poucos tiveram a felicidade de voltar ao sossêgo de seus lares e seus campos.

E, novamente, aquelas ruas tortas se encheram de bandeirolas e flores, para receber os nossos heróis.

Margarida, a noiva do Florêncio, embelezou-se tôda, também, para ir esperá-lo com um ramilhete de violetas. Nem de leve supunha ela que uma desilusão iria machucar-lhe o coração povoado de sonhos e saudades...

Quando os voluntários apontaram, um a um, na volta do caminho pontilhado de flores e bandeirinhas verde-amarelas, a banda de música recordou o "Hino dos 52 voluntários", e Margarida sentiu ferver dentro do peito a angústia de quem chora por seu amor perdido.

Êle, o Florêncio, não voltara com os outros. Ela não tinha fôrças para ver mais nada. Ia voltar de mãos vazias, coração vazio, olhos rasos d'água, com o ramilhete de violetas borrifado de lágrimas, machucado entre os dedos hirtos.

Ninguém reparou naquele gesto, porque outras mulheres choravam pelo mesmo motivo.

De repente, uma companheira chamou por ela:

— Ó Margarida! Olhe ali o Marcelino! Vamos dar um abraço nêle!

Puxaram-na pelas mãos, radiantes de emoção, e levaram-na ao Marcelino, o voluntário n. 49.

— Meus olhos estão cansados de procurar você, Margarida! — disse êle.

— Perdão, Marcelino. Não suporto mais... deixe-me chorar...

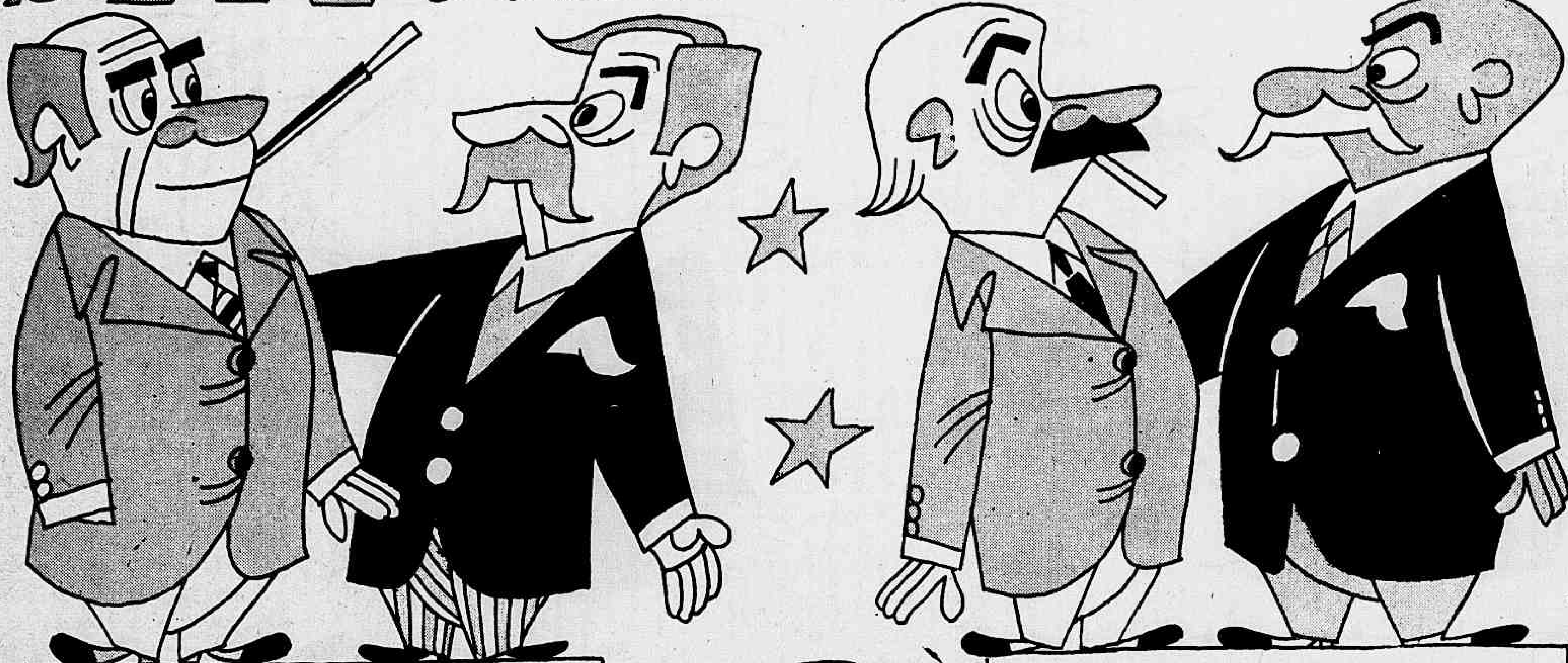
— Chorar, por quê? Eu trouxe uma lembrança para você. Veja: é esta medalhinha que encontrei no bôlso do Florêncio.

Soluçando, Margarida mal pôde pegar na relíquia, que trazia o retratinho dela. No

(*Cont. na pág. 48*)

Conto de EUGÊNIO MORATO ★ Ilustração de ORCAUDO MATTOS

SETE dias em REVISTA

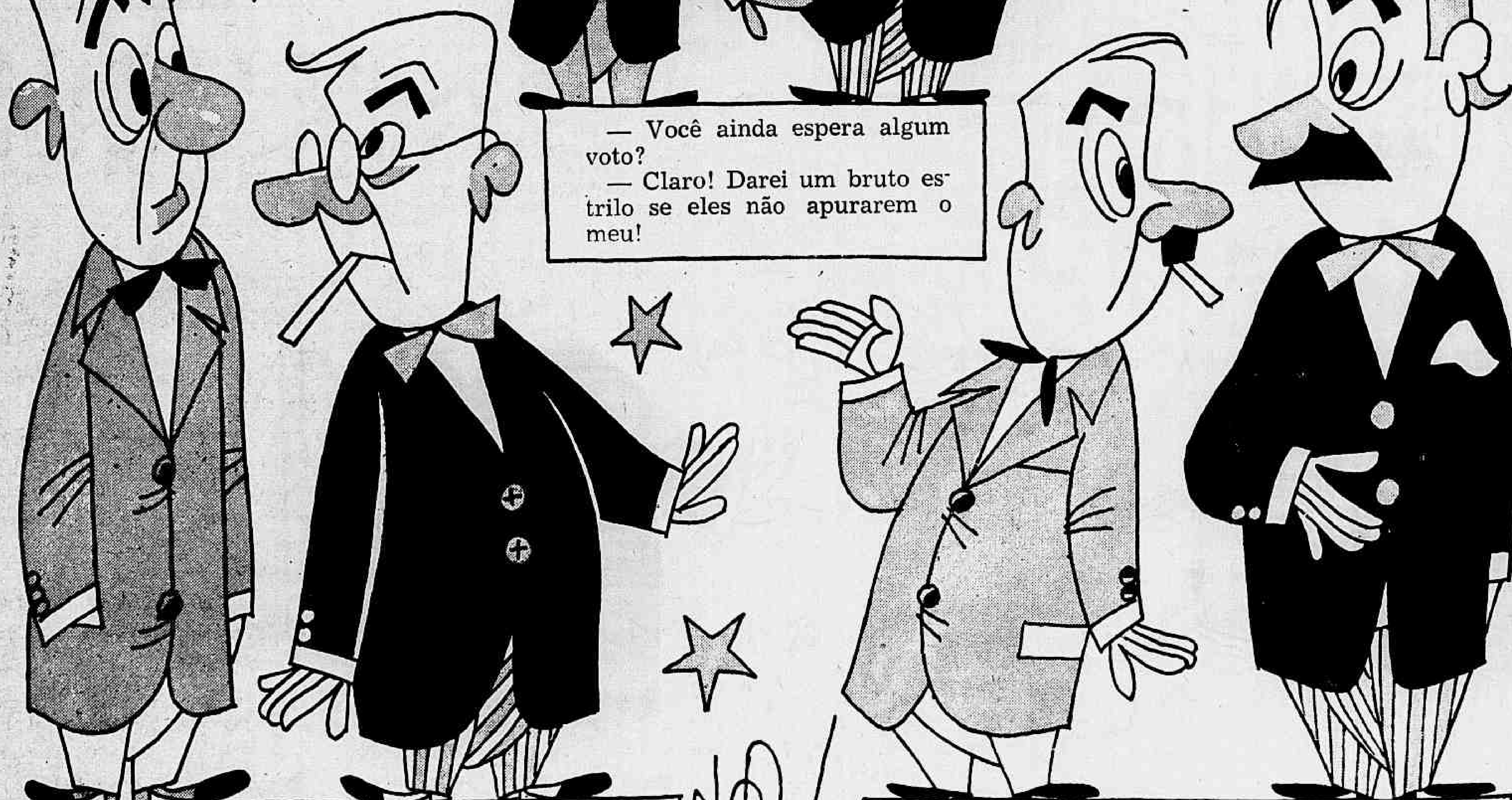


— Então os americanos atravessaram o paralelo 38?!
— A vitória de Mac Arthur não tem paralelo...

— Nesta eleição, em vez de urnas, adotaram sacos
— Sacos de surprêsas...



— Você ainda espera algum voto?
— Claro! Darei um bruto estrilo se eles não apurarem o meu!



— Como cabo eleitoral, consegui eleger três candidatas. A rainha do comércio, a rainha dos operários e a rainha das manicures!

— Estou alarmado com a contagem!
— Você é candidato?!
— Não. Sou **torcida** do Vasco...



A GUERRA MODERNA dá, um consôlo a quem a faz: é mais rápida a assistência aos feridos. Aqui está um soldado recebendo a visita do sacerdote e uma carta da família, que o distrái

ULTIMOS FLAGRANTES

EM outras guerras, a participação da mulher ficava limitada ao serviço de retaguarda, piedoso e nobre, na Cruz Vermelha e seus derivados. Iam as mulheres acompanhando os militares heróicos, para suavisar-lhe as dôres e a cada um deles prestar assistência médica, desde que tombados no campo da luta. Mas a evolução tem se refletido também nêsse particular: enfermeiras não faltam, nas campanhas da guerra contemporânea, levando o confôrto espiritual, remédios e os curativos, aos que pagam tributo de sangue. Outras, porém, vão armadas, iguais aos homens, de unifórme, quais seus irmãos de destino, aprendem a manejar o fuzil, a defender um posto estratégico. E abrem fôgo, matando e morrendo como qualquer irmão de armas. No «front» coreiano, a bravura dessas jovens tem sido largamente reconhecida pelas autoridades da ONU e pelos norte-americanos. Trata-se de uma campanha em que sacrifícios não são poupados. E quem menos se poupa aos perigos da luta, são as coreianas meridionais, ungidas do mais sagrado entusiasmo pela defesa do sólo pátrio contra o invasor comum.



SOLDADOS AMERICANOS avançam, enquanto mulheres e crianças vão para a retaguarda



NA ESTAÇÃO de Pennsylvania, o tenente Joseph Kelly despede-se dos seus dois filhos



NAO ESTA BEIJANDO as noivas — mas as mãesinhas queridas, êstes reservistas americanos do famoso Corpo de Fuzileiros. O flagrante foi obtido na estação de Boston, quando a composição em que êles seguem para o «front» estava em cima da hora. As senhoras Noel e Cronin quiseram beijar, pela derradeira vez, os filhos queridos, e não houve jeito, senão pôr em prática êsse malabarismo. No interior do carro, outros fuzileiros seguram as pernas dos rapazes para não perderem o equilíbrio, e os beijos foram dados sem maior perigo. E' notável o espírito de compreensão das famílias «yankees», reconhecendo a imperiosa necessidade da ausência dos mais jovens da casa. E todos têm a convicção serena e firme de estarem de volta ainda êste ano

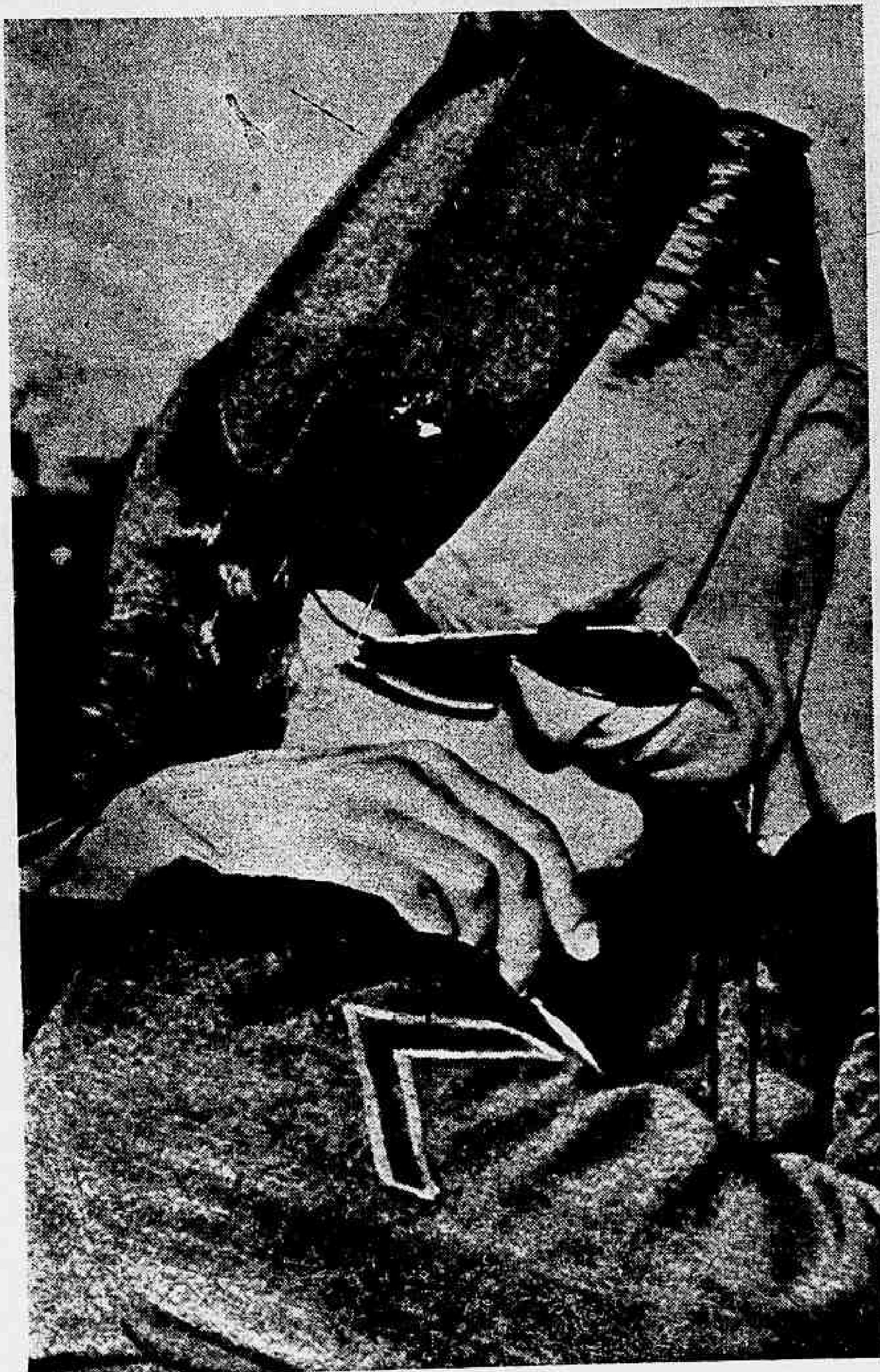


OS COMUNISTAS de Mao-Tse-Tung, em Cantão (China), formam pelotões femininos com jovens de apenas quinze anos, como se vê na gravura superior. — Em baixo, uma jovem do corpo feminino da Marinha americana, pela primeira vez, entra em contacto com um fuzil do Naval Technical Training Command — e ela achou muita graça!





DUAS COREANAS, em luta, preparam-se para usar a metralhadora sob seus cuidados, enquanto os homens estão munidos de fuzis. São do batalhão «Kelly's Boy», da Coréia meridional, organizado pelo oficial americano Paul J. Kelly e se destinam a lutar em casos de emergência maior. Denotam grande combatividade. — Em baixo, à esq., marido e mulher despedem-se, ambos a serviço da nação americana do norte: êle no exército, ela auxiliar de infantaria da marinha. Separam-se pela primeira vez e não podem esconder a forte emoção que os domina. À direita, as mulheres da Coréia meridional, filiadas à tropa do «Kelly's Boy», durante uma ação contra os guerrilheiros vermelhos. Essas jovens foram mobilizadas voluntàriamente, aprenderam com rapidez as técnicas de guerra e, dotadas de extraordinária fôrça superior ao homem, investem, com vontade, contra as tropas invasoras da sua pátria.





A VIDA DE CATARINA BRESHKOVSKY

(1844 — 1934)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

I

EM 1904, quando Catarina Breshkovsky chegou a Boston na sua primeira visita à América, afirmou de passagem que na sua longa viagem de trem pelo país não tivera nada para comer durante um dia inteiro. Um dos jornalistas que a entrevistavam expressou seu horror; mas a avòzinha da Revolução Russa riu sem ligar muita importância ao caso.

— Oh, um dia! O que é um dia?

Que era um dia sem se alimentar para uma mulher que se consagrara a uma vida de fome, de exílio, de privação e de frio? Como São Francisco, ela renunciara a uma existência faustosa para abraçar a pobreza. Ao contrário de São Francisco, porém, fôra sentenciada a cinqüenta anos nos campos gelados da Sibéria, como prêmio à sua atitude.

II

Ekaterina Konstantinova Breshko-Breshkovskaia — um nome tão soberbo para uma senhora tão humilde! — era um produto da nobreza russa e da aristocracia polonesa. Quando criança, tinha uma índole fogosa e um coração terno. Certa vez, com a idade de três anos, bateu na mãe com uma vara, passando depois o resto do dia a chorar e a se castigar por seu "pecado". Uma criança estranha, bem diferente das outras, dos filhos dos ricos fazendeiros de Tchernigov. Mas, também, seus pais eram diferentes dos outros pais. O obeso Duque Baratov, por exemplo, homem cujo "deus estava em sua barriga", e que fêz fortuna vendendo seu cereal a vários comerciantes ao mesmo tempo, recebendo paga de cada um deles e a nenhum entregando a mercadoria. E quando os comerciantes se queixavam, mandava-os prender por porem em dúvida a honestidade da nobreza. Ou a Condêssa Shivia, que numa única estação gastava duzentos mil rublos com o pateta do seu filho, Fedia, e açoitava os camponeses quando êles se lastimavam de que seus filhos não tinham pão suficiente. Êsses e essas nobres eram muito patriotas... à custa das vidas dos seus servos. Mas os pais de Katya encaravam seus servidores como "criaturas de corpo e alma" como êles. Nunca os açoitavam, nem os deixavam morrer de fome, nem os submetiam a desnecessárias humilhações.

— Sua fazenda é uma república, Constantino — caçoavam os fidalgos vizinhos.

E como uma pequena republicana é que Katya foi educada. Repartia suas gulodices e brinquedos com os filhos dos servidores. E às vêzes, para desânimo de sua mãe, voltava para casa sem o casaco ou o vestido.

— Mas não há necessidade de fazeres tanto, filha. Assim é demais! — objetava-lhe a mãe.

— Não se zangue, mãe. A senhora não nos mostrou na Bíblia uma passagem onde diz que se a gente tem dois casacos deve dar um deles aos pobres?

Como proteger os pobres, como lhes "fazer justiça", êsse foi o problema supremo da sua vida desde os oito anos; assim conta ela. Tinha um grande e, para sua imaginação infantil, bem viável sonho de emanicipação dos servos. Iria para a Califórnia, excavaria ouro às mancheias, voltaria rica para a Rússia e compraria um imenso trato de terra — "imenso como o céu" — onde todos os infortunados do mundo viveriam em casas confortáveis como a dela, com bastante alimento para comer e bastante roupa para se agasalharem.

E quando seus pais fizeram troça do sonho dela, fitou-os com cândida incredulidade na ignorância deles. Não sabiam que todos achavam ouro na Califórnia?

— Pode ser — respondeu o pai com um sorriso bondoso. — Mas a maioria dessa gente gasta seu dinheiro de modo *sensato*.

Katya meneou a cabeça enfàticamente:

— Só há um modo sensato de gastar o dinheiro: é fazer os pobres felizes.

III

Quando as outras jovens da nobreza saíam para as suas "tôlas noitadas" Katya ficava em casa lendo. "Eu odiava as mesuras, as adulações e os cerimoniais indigestos da decrépita flor da aristocracia... Preferia a sociedade livre de escritores como Voltaire, Rousseau e Diderot... Fiquei conhecendo a Revolução Francêsa de cor". E também a revolução alemã de 1848. Como a maioria das jovens da aristocricia russa, aprendera francês e alemão; não, contudo, para simplesmente *tagarelar* como as outras, mas para *pensar* em francês e alemão tão bem como em russo. Ficou versada na língua universal do pensamento. Abandonara sua idéia infantil de ir cavar ouro na Califórnia. Havia uma espécie melhor de exploração a ser feita. Começou a desenterrar idéias na Rússia. Abriu uma escola para camponeses. "Eu achava o camponês uma criatura abjeta, ignorante... Êle só sabia pensar na sua cabana de barro e no seu cantinho de terra... Quanto ao govêrno, êle só sabia que na paz lhe devia dar dinheiro, e na guerra, a vida". A assim chamada "libertação dos servos" significaria completa indigência na liberdade em lugar de semi-indigência na escravidão. Pois que o govêrno lhes tirara a terra à qual se haviam ligado na sua servidão. Gado atirado, sem pasto. "Se me tiram minha terra, como posso alimentar meus filhos durante um inverno russo?" Mas o govêrno, em vez de ajudar os camponeses, "fazia-os vergarem açoites de cnute" por causa das reclamações dêles.

"Agora eu via quão ineficazes eram meus esforços como mera professôra", escreveu Catarina. "Senti que tremendas reformas econômicas e políticas deviam ser feitas". Mas que espécie de reformas? Suas idéias não se tinham até então apurado. Sua visão social ainda era a de uma liberal, e não a de uma radical. Queria corrigir, e não extirpar. Conheceu um jovem liberal como ela, e casou com êle.



CATARINA BRESHKOVSKY

— Uma coisa sensata — afirmou sua mãe. — Agora te aterás a uma vida respeitável, como convém à tua condição. O arroio buliçoso se tornará um plácido lago.

Um dia, porém, ela travou relações com um revolucionário, um jovem e elegante príncipe que renunciara às suas propriedades e aos seus títulos para trabalhar no meio dos pobres. "Durante horas êle debateu comigo os problemas que se precipitavam sôbre nós. Suas palavras crepitavam como fogo". O nome dêsse ardoroso príncipe era Peter Kropotkin.

O espírito de Catarina estava agora preparado. Para se ensinar os camponeses, deve-se viver no meio deles, ser um deles. Para ser compreendido, é preciso aprender a compreender. "Se alguém quer saber onde o sapato aperta, é calçá-lo". Um dia ela falou ao marido sôbre a sua resolução de se dedicar a uma vida de sacrifícios.

— Está disposto a me acompanhar?

Seu marido era um idealista, mas não mártir. Respondeu:

— Não. Não estou disposto a ir a tais extremos.

— Bem; então vou eu sòzinha.

Não obstante estar em vésperas de ser mãe, deixou o confôrto do lar e enveredou pela estrada que ia dar fatalmente na prisão ou no exílio, talvez mesmo na morte. "Se preciso fôr, estou pronta a morrer pela causa que abracei".

Foi primeiro para Kiev, onde ficou com sua irmã Olga, que enviuvara, até lhe nascer o filho. Ganhou o seu próprio sustento como preceptora, percebendo uns cento e quarenta rublos por mês. Empregou suas noites "fazendo agitações pró advento do Novo Dia". Quando lhe chegou o nenê, deixou-o aos cuidados do irmão dela e da cunhada. "Meu coração se dilacerou em mil pedaços". Mas ela fizera sua escolha. "Vi que não podia ser mãe e continuar uma revolucionária". E não estava isolada na sua decisão. "Entre as mulheres que lutavam pela liberdade russa havia muitas que preferiam ser guerreiras batalhando por justiça do que mães das vítimas da tirania".

Com o fim de se preparar para a sua missão revolucionária, aprendeu a tingir e pintar, e pôs-se em campo com dois companheiros, Masha Kalenkina e Yakov Stepanovitch. Masha aprendera o mesmo ofício que ela, e Yakov se dispusera a ser sapateiro. Foi no verão de 1874 que os três "inflamados paladinos", disfarçados em camponeses, encetaram sua carreira de promotores da Revolução Russa.

Tinham se munido de falsos passaportes. O de Catarina a descrevia como uma camponesa da província de Orlov com 40 anos de idade — na verdade tinha apenas 30, mas ela entrançara o cabelo, enrugara a pele e se embuçara para parecer dez anos mais velha. Usava enormes sapatos de cortiça de vidoeiro, uma grossa blusa de estôpa, uma saia de tecido grosseiro, e uma jaqueta preta apertada por um cinto vermelho.

— Uma camponesinha delicada — observou um trabalhador quando êles tomaram um barco no Dnieper. — Mas onde arranjou mãos tão macias e elegantes?

— Servi na casa de um opulento nobre — explicou ela — e êle só me deixava fazer os serviços mais leves.

O trabalhador piscou os olhos com um sorriso astuto.

— Compreendo.

Desembarcaram na cidade de Techerkass e partiram pelos caminhos lamacentos, indo de cidade em cidade e de aldeia em aldeia. Para Catarina foi uma odisséia de tormentos. As plantas dos seus pés ficaram com bôlhas, os alimentos da campanha a enojavam, e a mochila pesava-lhe sôbre os ombros "como uma tonelada de tijolos". E as casas de pouso! Telheiros enfeitados com teias de aranha, atapetados com bicharedo, e ventilados por buracos de rato. Certa vez, quando Catarina tìmidamente sugeriu que gostaria de lavar o assoalho do seu alojamento, a hospedeira ponderou:

— Pegue um pouco de estêrco fresco do campo e misture com calcário. Dá um bom produto para limpeza.

Antros escuros, escuros e lúgubres, lúgubres espíritos. "Não é o govêrno que é responsável pelos nossos sofrimentos", diziam os camponeses; "os nobres é que são culpados".

— Mas e o Czar? — perguntou Catarina, tentando instilar nelas o germe de uma idéia.

— O Czar, que Deus o proteja, é nosso paizinho. Somos filhos dele. Êle nos quer bem.

— Mas êle não está do lado de vocês. Está do lado dos nobres.

— O nosso pobre paizinho não sabe quanto nós sofremos. Os nobres não lhe contam nada. Se ao menos alguém lhe dissesse isso!

— E por que vocês mesmos não lhe dizem?

— Êles não nos deixariam falar com êle. Assim é que êle não sabe de nada. E que pode êle fazer, que Deus o proteja, se não sabe de nada?

E assim por diante, sempre a mesma coisa. Era impossível arrancá-los dêsse círculo vicioso de uma única idéia. O paizinho era bom mas não conhecia a situação, e os nobres conheciam mas não eram bons. Catarina procurou despertá-los por meio da palavra impressa. Avisou aos camponeses que iria ler alguma coisa para êles. Espalhou-se o rumor de que era "alguma coisa" era o "lindo capítulo" que o Czar inserira no livro das leis e que os nobres haviam arrancado fora.

— Afinal ela vai nos mostrar o que o Czar disse de verdade!

Quando Catarina chegou para ler, porém, assegurou que não eram "papéis sacros roubados do livro da lei" que ela trouxera para êles.

— Tenho outros papéis, escritos por homens que realmente querem bem a vocês. Êsses homens têm descrito as injustiças que vocês vêm sofrendo, os ultrajes cometidos contra vocês, e os direitos que vocês devem exigir como sêres humanos.

E em seguida leu para êles a história chamada *Moisés e seus quatro irmãos*, um panfleto revolucionário apresentado em forma de alegoria adocicada. Os camponeses ouviram boquiabertos.

— Santo Deus, que palavras bonitas!

— E quanta verdade que contém!

— Se o nosso paizinho ao menos pudesse ler elas!

— Êle havia de castigar os nobres e tomar o nosso partido!

Catarina fêz o que pôde para lhes explicar que estavam errados.

— Não são os nobres sòmente que têm a culpa da miséria de vocês. São os nobres e o destino... e o Czar.

Os camponeses a encararam espantados. Em seguida, silenciosamente, um por um, retiraram-se da barraca.

No dia seguinte um polícia veio examinar o passaporte dela. Investigou-o bem e depois disse:

— Então é uma camponesa de Orlov?

— Sou.

— E sabe escrever?

Ella fêz que sim com a cabeça.

— E ler — êle fêz uma pausa para causar efeito, e logo sibilou — imundícies revolucionárias?

Mas Catarina não se deixou intimidar.

— Não foi imundície o que eu estive lendo

(Continua na pág. 49)

Poesia feminina da China

Algumas traduções de poesia feminina da China, feitas diretamente do chinês, e de autoria, também, de uma poetisa, Chiang Sing:

DE CHU SHU-CHEN

Deixaste cair na poeira a tulipa vermelha
[que te dei
Apanhei-a: estava branca.
Em tão rápido momento
[illegible] nevado sôbre o nosso amor.

DE LI CHING-CHAO

Imensa tristeza, sonhos, entrecortados,
o relógio dágua parou; a emanação do
[vinho
me aborrece; da almofada da felicidade
só se evola frieza.
O biombo está voltado para a Aurora.
Quem varreu do limiar de minha porta
as emurchecidas pétalas vermelhas?
O vento da noite chegou.
Na flauta de jade, modulo suaves notas;
onde estará o meu Senhor?
A primavera já se foi,
— como poderia êle deixar de regressar
[ao lar?
Às nuvens que passam, confio minha
[paixão,
meu desejo
em demanda de um caminho
que os leve ao Deus do Sol.

Chiang Sing, a quem devemos as lindas traduções acima, publicou, não há muito tempo, «A Flauta de Lin-Tsu», um livro encantador, de poemas de inspiração chinesa, escritos em português, prometendo-nos para brêve outro livro e uma peça de teatro infantil, ainda de colorido chinês, ambos trabalhados com aquele espirito e aquela sutileza que a artista patricia sabe manter, quando se touca de lotus e põe seu evocativo costume asiático, para tratar os velhos têmas do lendário e misterioso Oriente.

L Y S E





NAS REUNIÕES ELEGANTES

NOS teatros e boites é que se revela no mais alto gráu a elegância feminina, através dos trajes exibidos; estes modelos destinam-se a estas ocasiões. Lindo vestido de cetim lavrado. Mangas franzidas e decote baixo, saia godé com grande pano solto atrás. Costume de seda escura com saia bem justa e casaco cintado com bolsos laterais. A gola e os punhos terminam em ponta. Vestido preto com saia justa e corpo recortado, coberto por gáse na côr da pele.







MODELOS DE HOLLYWOOD

CONTRIBUINDO para a elegância das mulheres de todo o mundo, Hollywood apresenta sempe uma variada e sugestiva série de interessantes modelos. Nesta página temos algumas das mais recentes criações da terra do cinema. À esquerda em cima, Ava Gardner, com um maravilhoso modêlo em cetim branco, com o busto e parte da saia todo bordado em brocado de pedras, missangas e fios de ouro; em baixo, Jane Russell apresentando outro modêlo para à noite, êste em tafetá preto com «pois» em veludo aplicados, finalmente; à direita, Irene Dunne num costume para viagem e novamente Jane Russell num modêlo esportivo. — (Fotos R.K.O.)











EM PRETO E BRANCO

EM todas as estações usam-se combinações de branco e preto em traje para todas as ocasiões. Estes modelos discretos apresentam muita harmonia na combinação dos dois tons. Vestido com saia justa; grande gola e punhos em faile branco. Modêlo sem alças e com uma tira de faile branco contornando o corpo e caindo pela saia. Dois modelos juvenis, enfeitados com viezes e flores em branco. Vestido de veludo, com grande laço e acessórios em branco. Modêlo para tarde com saia bem justa, decote baixo, gola e punhos em fazenda branca, armada.











VESTIDOS PLISSADOS

CONTINUAM muito em moda os plissados nos vestidos. Estas são algumas sugestões de costureiros franceses e italianos. Vestido simples, inteiramente plissado, criação de Jeanne Lanvin. Vestido sem mangas com grande gola, e saia plissada até ao busto, modêlo de Jean Patou. Modêlo de duas peças com saia plissada e casaco solto. Vestido com corpo justo, cintura comprida e saia plissada. Dois modelos para tarde com o plissado da saia transpassado.



HÁ sempre necessidade de modelos novos que tenham graça e originalidade, para renovar o guarda-roupa das crianças. Estes modelinhos por certo agradarão. Dois vestidos em tafetá. O primeiro tem uma pala de lese enfeitada com renda. O segundo tem o corpo todo em lese e as mangas e o decote enfeitados com babados de renda. Conjunto em tafetá quadriculado. Saia franzida e bolero bem curto, usado com blusa de seda. Vestido de tafetá, com bordados em linha de uma só côr.

MODELINHOS



Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

DESODORIZE O SUOR SEM PREJUDICAR A SAÚDE

ANADORAN tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.

ANADORAN SEREIA
o desodorante perfeito

Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda. Republica Perú, 326 - Rio
Sino

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

. Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ...
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00





WEEK-END NA

FILETS DOBRADOS

Tome 2 k de camarões, amarre com barbantes os 12 mais bonitos, e leve a cozinhar todos juntos, retire as cascas do centro, deixando as cabeças e caudas dos 12, esticados. Descasque os outros e divida em duas partes, uma picada e outra socada. Tome 2 k de bom peixe e tire 12 filetes finos sôbre o comprido, achate bem, dobre em três, e arrume em uma frigideira com 1 colher de manteiga, 1 cálice de vinho branco e ½ xícara de água. Leve a cozinhar lentamente. Retire os filets e no môlho junte 2 colheres de farinha de trigo tostada noutra de manteiga, os camarões socados, 2 colheres de parmezão ralado, 2 gemas, e leve ao fogo para tornar mais espêsso ainda e faça 12 bolas achatadas e aplique sôbre os filetes. Tome os camarões picados, junte ao conteúdo de



uma latinha de champignons um pouco do caldo dos camarões, engrosse e reserve. Tome um prato que vá ao forno, derrame no fundo o môlho reservado. Deite por cima os filetes recheados, polvilhe de queijo ralado e leve ao forno por poucos minutos. Arrume ao redor dos filetes de camarões cozidos com as cabeças e caudas, e sirva com pirão de batatas.

BOLINHAS DE BATATAS

Cozinhe em água e sal, ½ k de batatas descascadas. Passe pelo passador, deixe esfriar, e amasse com 150 gr de farinha, 1 ôvo e 1 gema. Enrole como cobrinhas de 1 dedo de grossura e corte em toros de 2 cm. Faça bolinhas como avelãs, passe em ovos batidos.

BIFES DE MÔLHO

Tome 1½ k de carne e corte 12 bifes iguais. Leve a tostar numa caçarola uma colher de banha com 1 cebola picadinha. Ao refogar os bifes, molhe com 1 xícara de água, tempere de sal, junte alguns tomates, cheiro e 4 cenouras em rodelas. Leve a cozinhar em fogo lento. Logo que estiverem macios junte ½ colher de manteiga e esmigalhe as cenouras para engrossar. Na hora de servir, pode juntar ao môlho, pedacinhos de conserva, champignons, azeitonas ou ovos cozidos em fatias. Para variar, pode também juntar um cálice de vinho e 1 colherzinha de môlho inglês. Sirva sôbre fatias de pão torrado com manteiga.

POLENTA "AU GRATIN"

Três colheres de fubá, 4 colheres de farinha, 1½ colher de semolina, 3 colheres de sultanas, um pouco de sal, bastante gordura ou manteiga, leite e nata. Misturam-se todos os ingredientes muito bem e despeja-se esta massa em uma fôrma grande untada com manteiga. Leva-se ao forno para assar.

RESTOS DE ARROZ

Com restos de arroz, preparam-se bolinhos juntando-se-lhes um ôvo e um pouquinho de farinha. Frigem-se em gordura bem quente. Restos de arroz também podem ser aproveitados na sopa.

ARROZ COM FUBÁ

Uma xícara de arroz, 2 xícaras de leite, 1 xícara de água, 1 punhado de passas, um pouco de sal. Cozinha-se tudo durante 10 minutos, juntando-lhe em seguida uma xícara de fubá. Mexe-se muito bem, deixando-se cozinhar por mais 10 ou 15 minutos. Em uma caçarola deitam-se 2 colheres de manteiga, juntando-se-lhe 1 colher de farinha, mexe-se muito bem, acrescentando-se em seguida o arroz cozido e deixa-se refogar tudo por mais algum tempo em fogo brando.

RISI-PISI

Risotto, ervilhas, môlho de camarão. Prepara-se o risotto que se mistura com igual quantidade de ervilhas refogadas em manteiga. Antes de servir, cobre-se com um môlho de camarão. Pode-se servir também êste môlho. Serve-se como "hors-d'oeuvre" ou com linguiças.

RAVIOLI RUSSO

Massa de macarrão, 10 a 12 fatias finas de toucinho defumado, queijo parmezão ralado, manteiga. Estende-se a massa bem fina e com um copo cortam-se rodelas, cujos bordos se pincelam com ôvo. Frigem-se as fatias de toucinho ligeiramente em manteiga, pulverizam-se imediatamente com queijo ralado, enrolam-se e colocam-se sôbre as rodelas. Dobram-se os ravioli, apertam-se as beiradas e colocam-se em água fervendo com sal, onde devem ficar por 15 minutos, tiram-se, deixa-se escorrer bem a água e cobrem-se com manteiga derretida.

BÔLO DE BICARBONATO

225 gr de manteiga, 4 a 5 ovos, 500 gr de farinha de trigo, 7 gr de bicarbonato, 15 gr de ácido tartárico, casca ralada de limão, 1 pitada de sal, 250 gr de açúcar, 3/10 de litro de leite. Bate-se a manteiga com as gemas e o açúcar bem batidos, juntam-se os outros temperos, e aos poucos a farinha de trigo, o leite, o bicarbonato e o ácido tartárico. Adicionam-se as claras bem batidas, um pouco antes de ir ao forno; coloca-se a massa numa fôrma bem untada e polvilhada com farinha de pão e assa-se em forno quente.

BÔLO DE MILHO

½ litro de leite, 250 gr de farinha de milho, 250 gr de açúcar, 250 gr de farinha de trigo, 2 colheres de chá de fermento em pó, 1 ponta de faca de canela, 1 colher de café de bicarbonato, a casca ralada de um limão, e um punhado de sultanas.

Cozinha-se o leite e despeja-se sôbre a farinha de milho, deixando-se assim descansar uma noite. No dia seguinte juntam-se os outros ingredientes, mistura-se tudo muito bem, põe-se a massa numa

NA COZINHA

fôrma untada e assa-se em forno regular.

Pode-se cobrir o bôlo com glacé de açúcar. Pode-se também, se quiser, juntar 1 ôvo à massa.

ENROLADOS

6 ovos, 160 gr de açúcar, 140 gr de farinha de trigo, 1 colherzinha de fermento em pó e marmelada.

Batem-se as gemas com açúcar, junta-se a farinha peneirada com o fermento e as claras batidas.

Põe-se a massa em assadeira forrada com papel untado e leva-se a assar por 8 ou 10 minutos. Tira-se do forno e vira-se depressa sôbre uma tábua sêca polvilhada com açúcar; espalha-se uma camada fina de marmelada e enrola-se em seguida. Cobre-se depois com um creme de manteiga ou com glacê de limão.

TORTA RIO-GRANDENSE

200 gr de açúcar, 200 gr de farinha de trigo, 200 gr de amêndoas descascadas e raladas, 2 colherinhas de fermento em pó, 4 ovos e 200 gr de manteiga.

Misturam-se o açúcar e os ovos, aos poucos, à manteiga bem batida; depois juntam-se as amêndoas e a farinha peneirada com o fermento. Põe-se a metade da massa em uma fôrma untada e polvilhada com farinha de pão, espalha-se uma geléia qualquer, despeja-se por cima o resto da massa, alisa-se bem e leva-se ao forno moderado.

MÔLHO ESPUMOSO

Prepara-se um môlho maionese, ao qual se acrescentam 5 a 6 colheres de sopa de nata batida. A nata deve ser juntada à hora de servir. Êste môlho vai muito bem com aspargos e peixe.

OVOS COM TOMATE

(*um para cada pessoa*)

Com uma colher, tiram-se as sementes de um tomate e enche-se o mesmo com môlho maionese até o meio. Deita-se em seguida, sôbre êste môlho, um ôvo cozido e descascado, cobrindo-se tudo com môlho maionese e pepinos em conserva.

PÊRAS COM CREME DE BAUNILHA

Em uma vasilha, põem-se uma camada de creme de baunilha, uma



de fatias de pêras, outra de creme e guarnece-se o prato com cerejas ou pêras partidas.

LARANJA À CAPUCHINHA

(*uma laranja para cada pessoa*)

Recortam-se as laranjas em bicos, extraindo-se-lhes a polpa com todo o cuidado. Picam-se as polpas, misturando-se-lhes um pouco de Maraschino, introduzindo-se em seguida novamente na cavidade da laranja. Sôbre estas polpas, coloca-se uma pêra em compota, enfeitando-se com um pouco de creme Chantilly e uma cereja.

SALADA DE LARANJAS E BANANAS

Descascam-se e picam-se oito laranjas e 6 a 8 bananas. Misturam-se-lhes 200 gr de açúcar e um pouco de Maraschino ou vinho branco. Deixa-se descansar a salada, durante 1 hora, em lugar fresco. Serve-se em taças.

REFRESCO DE CAFÉ

Bate-se um ôvo, misturando-se 3 colheres de café frio. Em um copo, deita-se uma colher de sorvete de baunilha e sôbre êste sorvete, derrama-se o ôvo batido com café. Enfeita-se com creme Chantilly e serve-se imediatamente.

PONCHE CARDEAL

Levam-se ao fogo 600 gr de açúcar com muito pouca água, retirando-se do fogo assim que o açúcar estiver bem derretido. Em seguida esquenta-se uma garrafa de bom vinho tinto, ao qual se junta suco de 4 laranjas e a casca ralada de 1 laranja. Mistura-se com o açúcar e leva-se para gelar. Por fim, cortam-se 6 laranjas em fatias que se juntam também ao ponche. Serve-se gelado. Ao servir, pode-se juntar ao ponche alguns pedacinhos de gêlo.

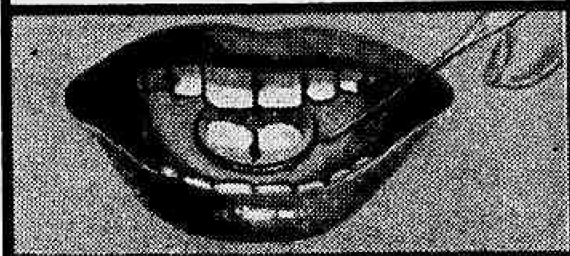




Sorriso que irradia saúde é o da KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES!

Somente KOLYNOS as combate DESTES 3 MODOS

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superfície dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-304

A SAÚDE DO BEBÊ

CONVERSANDO COM AS MÃES

DR. SABOIA RIBEIRO

PORQUE a mortalidade infantil é sensivelmente menor entre as clásses abastadas do que entre os menos favorecidos de meios?

A essa pergunta pode-se responder, simplesmente, lembrando a maior abundância de recursos ao alcance dos ricos, e principalmente a melhor higiene do lar e possibilidades de dispôr de um bom leite para o bebê. Noutros países um bom leite de vaca é coisa perfeitamente exequível; porém, entre nós, raro isso acontece. Na prática, sòmente sua substituição por um bom leite em pó constitui o recurso aconselhável, e isso nem sempre está ao alcance do pobre que, assim, desde cêdo, lança mão do leite de vaca, de qualidade às mais das vêzes suspeitosa, e outras misturas nem sempre adequadas à idade e às necessidades da criança. Se, portanto, a supressão do peito, embora condenável, não trás à criança maiores riscos quando existe a possibilidade de lhe ser dado um bom leite em pó, entre as clásses abastadas; já entre as mães pobres as conseqüências, muitas e muitas vêzes, são as piores para os pequeninos, por expô-los aos riscos das infecções intestinais, a que não poucas sucumbem, pelo fato de passarem ao uso de um leite geralmente suspeito, ou misturas lacteas suspeitas e mal formuladas.

E' essa diferença do leite que vai influir, de um modo diverso, na mortalidade infantil de uma clásse e outra, menor, então, nas clásses abastadas, maior nas clásses menos favorecidas. Não se deve concluir, entretanto, que a mães que possam alimentar seus filhos com um bom leite insuspeito, como o são, na verdade, os leites em pó de boas indústrias, seja permitido furtar-se ao dever de amamentar seus filhos ao seu próprio seio, mesmo possam entregá-los aos cuidados de uma nutriz contratada. A êsse respeito escreveu um grande pediatra êstes conceitos que merecem aqui transcritos:

"Tôda mãe que não nutre o próprio filho cava, dêsde o primeiro ano, entre ela e a criança, um vazio que, mais tarde, jámais se conseguirá preencher".

Já se tem discutido muito, por outro lado, sôbre a possibilidade, mesmo, de, com o leite, transmitir a nutriz certos atributos de sua própria índole e faculdades intelectivas, senão seus instintos hereditários.

As afinidades se estabelecem, por vêzes, de tal fórma, que até o primeiro sorriso da criança pode ser a cópia fiél do sorriso da ama ou criada.

"Sua mímica facial obedece à influência direta das pessoas que a circundam".

E mais incisivamente aquêle pediatra inda escreve:

"Aquilo que se chama amor materno inato e se interpreta como expressão de laços especiais entre a criança e a mãe, representa, apenas, conseqüência de adaptação reciprocamente adquirida. A criança só reconhece e estima a pessoa que dela cuida e estima.

Para o bebê alimentado por nutriz ou entregue à ama seca, a mãe se torna pessoa estranha, não obstante tôdas as relações e parentescos. E tanto mais se afasta a criança desta, quanto menos com a mesma estiver em contacto".

CORREIO DAS MÃES

L. R. J. Fora — Essas convulsões de seu bebê não parecem ser devidas a vérmes, como pensa, e é o que geralmente pensam em face das convulsões infantis. Para a idade de seu filhinho, a causa deve ser outra e deve assisti-lo por médico.

O dignóstico de espasmofilia parece-nos muito forçado. Entre nós a espasmofilia é moléstia que constitui verdadeira curiosidade clínica.

N. P. Nesta — Os vómitos em játo tratam-se com êxito pelos meios puramente médicos, mas que requerem mão segura, ajudada, sem dúvida, pela própria família.

M. R. Itaperuna — Faça o seguinte horário: 7 — 10 — 13 — 16 — 19 e 22. Dê antes de cada mamada 20 a 50 gramas do seguinte mingáu às colherinhas:

200 grs. de leite de vaca.

200 grs. de água.

6 colheres de chá com farinha. Coser até ficar duro, conservando em lugar frêsco.

Ao dar as porções, amornar e adoçar levemente, e dar as colherinhas.

Nota — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à REVISTA DA SEMANA, com menção desta secção, ou seja, SAÚDE DO BEBÊ, Rua Visconde de Maranguape, n.º 15. — Rio.

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL



Tudo quê o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

A vida de Sarah Bernhardt

(Cont. do número anterior)

Trabalhou, amou e triunfou. Os nomes dos seus amantes e aduladores "compreendiam um indice biográfico dos grandes franceses do século dezenove". E o único que se mantivera obstinadamente contra a arte dela, foi certa vez convidado a entrar no camarim de Sarah e dêle saiu como seu adorador e escravo.

VI

Tornou-se a atriz principal da Comédie Française. Dentro daquelas "paredes sagradas" esperava-se que alguém interpretasse os clássicos Racine e Corneille, e nunca que se falasse mais do que num sussurro diante da estátua de Molière. Sarah, por temperamento, "adaptou-se tão bem à atmosfera oficial da Comédie Française como Whistler se adaptaria à da Royal Academy". Imagine-se Beethoven gastando a vida como primeiro violinista numa orquestra sinfônica, dedicado a um inteiro programa de Haydn e Mozart, e nunca ousando tocar uma nota de sua própria composição! Um gênio deve fazer ruídos e sons de que um precioso não gosta. Os diretores da Comédie Française não gostavam da espécie de vida que Sarah levava, nem da espécie de publicidade que conseguia. Mas quando a Comédie Française visitou Londres, as platéias britânicas ficaram malucas com o desempenho de Sarah. Foi por Sarah que os espectadores chamaram, e não pela Comédie. Na noite de estréia, levada a um estado de histeria pela tremenda ovação que recebeu ao aparecer, Sarah representou seu papel de Phèdre como uma "deusa ébria"; e quando o pano caiu, ela tombou ao chão exausta e vomitou sangue. No dia seguinte, contra as recomendações do médico, saiu da cama e tomou uma carruagem para o teatro. Porque naquela noite estava escalada para aparecer em outra peça. Desmaiou três vêzes no seu camarim. Medicada com ópio, desempenhou a sua parte semi-narcotizada, omitindo tôda uma cena, no seu abalo. Representou o resto, entretanto, de maneira tão pungente, que os outros atores borraram seus cosméticos "com os rios de lágrimas que verteram".

Fora do teatro ela insistia em levar seu filho ilegitimo, Maurice, às mais escolhidas reuniões dadas pelas mais escolhidas rodas de Londres. E sempre pedia para ser introduzida como "Mademoiselle Sarah Bernhardt e seu filho".

Isso não estava de acôrdo com a tradição clássica. A gerência da Comédie cen-

(*Continua na pág. 48*)

COMO ECONOMIZAR ELETRICIDADE

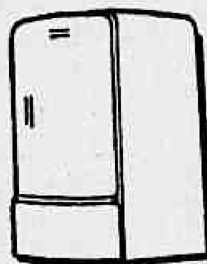
dentro de seu consumo máximo permitido



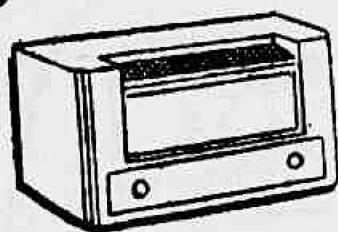
Se a Sra. vem seguindo nossos conselhos poderá controlar seu consumo de eletricidade.

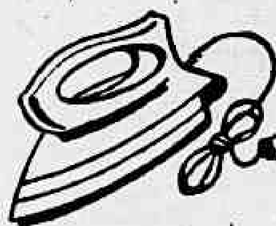
NÃO SE ESQUEÇA DE QUE

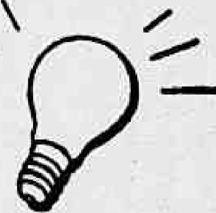
Sua Enceradeira — deve ter as escovas sempre limpas, ser inspecionada periòdicamente e funcionar sòmente quando as dependências da casa estiverem prontas para o enceramento. Assim consumirá cêrca 2,4 kWh durante 8 horas de trabalho.



Sua Geladeira — deve ser descongelada semanalmente, ter sempre as portas fechadas, e, nos dias frios, o ponteiro do mostrador de contrôle mantido entre 1 e 2. Com o desligamento automático do motor, ao atingir a temperatura desejada, o aparelho consumirá cêrca de 1 kWh por dia







Seu Rádio — deve ser desligado quando a Sra. estiver conversando com visitas.... quando estiver ocupada em afazêres domésticos... quando sair e quando for deitar-se... Um rádio de 5 válvulas ligado 10 horas diàriamente consumirá até 15 kWh por mês.

Seu Ferro Elétrico — deve ser ligado sòmente quando as peças a ser passadas estiverem preparadas e desligado sempre que a Sra. tiver que atender ao telefone... Um ferro elétrico trabalhando durante 2 horas consome até 1 kWh.

Suas Lâmpadas Elétricas — devem ser acêsas, ou mantidas no lustre, sòmente quando forem realmente necessárias, e devem ser apagadas sempre que a Sra. sair de uma dependência da casa para outra... 3 lâmpadas de 40 Watts cada uma, acêsas durante 100 horas por mês, consumirão cêrca de 12 kWh.

Mesmo que a Sra. possua enceradeira, geladeira, ferro elétrico e rádio, poderá usar êstes aparelhos sem ultrapassar o seu consumo máximo permitido, sem sacrifício do confôrto de seu lar, se proceder com moderação e com o devido cuidado. Afim de controlar rigorosamente os seus gastos de eletricidade, habitue-se a ler seu "relógio de luz" e aproveite para verificar também o consumo de seus aparelhos domésticos. Para informações sôbre o método de ler seu "relógio de luz", consulte o folheto impresso com as instruções que a Light já distribuiu.



ECONOMIZE ELETRICIDADE

"Que surprêsa desagradável"

quando se encontra no armário uma roupa roida pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas, nem cheiro.

Use a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

O VOLUNTÁRIO Nº 44

(Cont. da pág. 33)

verso, lia-se uma frase que a alma simples do voluntário n. 44 lhe havia ditado, na certeza da morte: "Margarida, morri pensando em ti".

Marcelino esboçou um sorriso triste e tentou convencê-la:

— Não sofra tanto assim, menina. O Florêncio não morreu. Só que não pôde ainda voltar. E' verdade que estêve para morrer... Mas chegamos a tempo de livrá-lo dos paraguaios que o torturavam.

— Marcelino! E' verdade o que diz?...

— Como êste sol que brilha! O Florêncio está quase tão vivo quanto eu, Margarida. Vou ser franco: você apenas sentirá saudades da voz que êle tinha...

— Como assim, Marcelino? Por Deus, fale!

— Florêncio perdeu a palavra para sempre, Margarida, porque os paraguaios lhe cortaram a língua...

A vida de Sarah Bernhardt

(Cont. do número anterior)

surou-a com veemência pela sua "indiscrição"; e ela se demitiu.

— Está desertando — disseram-lhe os amigos.

— Estão enganados — respondeu ela. — Estou apenas mudando de acampamento.

Tinha pôsto à prova a verdadeira fôrça da sua capacidade e sonhava com as futuras possibilidades da tragédia muito além dos limites da Comédie. Dirigiria seu próprio teatro, selecionaria ela mesma seus dramas, daria suas próprias interpretações, sempre experimentando, ousando, impressionando... e triunfando.

VII

Fêz uma excursão à América com o fim de introduzir sua arte no Novo Mundo. E os habitantes do Novo Mundo acorreram em tropel para ver a espantosa francesa que pusera os negócios da Europa a girar tão vertiginosamente, que "as montanhas dançavam minuetos".

A imprensa, no entanto, fêz maus prognósticos. Os críticos lamentaram que o repertório dela fôsse preenchido por peças tão indecentes para serem exibidas em palco americano. Especialmente uma delas, de autoria de Alexandre Dumas Filho, "La Dame aux Camélias". Era a história duma *fille de joie* tísica. "Chocante, positivamente chocante!"

Quando Sarah chegou a Nova York, seus empresários advertiram-lhe que não representasse essa peça.

— Tem um nome desagradável? — disse ela. — Pois bem, vou mudar o nome. Podem anunciar nos cartazes que eu levo à cena "Camille".

Os puritanos tinham efetivamente lançado diátribes a seu tempo contra essa peça. Os teatros ficaram à cunha em cada espetáculo. Quando a peça alcançou Chicago, o empresário de Sarah Bernhardt escreveu ao bispo: "Excelência, sempre que eu visito sua cidade, estou acostumado a gastar quatrocentos dólares em anúncios. Mas como V. Excia. fêz a propaganda por mim, envio-lhe duzentos dólares para os seus pobres".

"Camille" foi uma sensação. A cena da morte da *fille de joie* tornou-se clássica. Ninguém jamais representara uma cena de morte como Sarah. Não obstante a maioria dos espectadores ignorar a língua francesa, viram a palidez no rosto da atriz, sentiram a agonia da sua frágil vida... e choraram lágrimas amargas pela sua morte.

E muitos dêles recordaram uma história que tinham lido nos jornais. Certa noite, em Paris, durante uma função, o contínuo entrara no camarim e se pusera a bradar: "Bernhardt morreu! Bernhardt morreu!". E o empresário e os atores acharam-na no camarim, estirada num divã, vestida de branco, as mãos cruzadas, uma mancha vermelha no queixo, e quatro grandes velas junto à cabeça e aos pés. Quando, porém, o diretor de cena deu sinal para descer o pano, anunciou a tragédia aos assistentes e voltou ao camarim para dar vasão ao seu pesar, Sarah se levantou, derrubou as velas com um pontapé, e exclamou rindo endiabradamente: "Êste é o meu maior papel!"

Assim continuou a representar "essa Rainha da Atitude, essa Princesa do Gesto, essa Senhora da Expressão". No seu derradeiro espetáculo em Nova York, cinquenta mil pessoas compareceram à porta do teatro para se despedirem dela. E quando ela retornou à França, cinquenta mil pessoas foram aos cais de Le Havre dar-lhe as boas-vindas.

Em Paris uns quantos críticos continuavam a atacar seu *enfant terrible*. Mas um número igualmente grande de críticos chamavam-se a si mesmos de *Saradoleurs*, "cegos adoradores da Divina Sarah".

Alugou um teatro só para si e o denominou "Teatro Sarah Bernhardt". Aí atingiu alturas sem precedentes, tanto em popularidade como em escândalo. Ela se tornara o teatro, a arte dramática, a instituição da tragédia e da comédia, e a negligente doadora de si mesma aos seus também negligentes amantes. Fêz um giro pela Europa com oitenta malas que continham os seus adornos pessoais, e fêz vibrar as platéias com os melodramas de Victorien Sadou. Nada lhe acontecia mediocremente, tudo era ao extremo. "Em Gênova quase morreu; em São Petersburgo o público ficou louco por ela, os estudantes tiraram os cavalos da sua carruagem e a puxaram, e pagaram somas exorbitantes para conseguir lugar nos seus espetáculos; em Kiev foi insultada, e em Odessa apedrejada." Fêz impassíveis escandinavos desmaiarem vendo a dor que ela expressava no palco. Atraiu encômios do Príncipe de Gales, um insulto do govêrno alemão, e lágrimas do Czar russo. E ao voltar a Paris, usou jóias de mais de uma cabeça coroada da Europa.

"Sarah? Ah, sim, é a mais bela conquista do Demônio". Depois dos seus casos amorosos com os maiores homens de Paris, casou com o maior biltre da França. Era êle Jules Paul Damala, tão formoso e tão sem princípios como o próprio Satã. "Tinha as maneiras de um cavalheiro e o espírito de um chimpanzé". Era dado à morfina. Durante sete anos de vida conjugal deu a Sarah, "em vez de uma aliança, uma cruz para carregar". Afinal, consumido pelas suas dissipações, faleceu.

Se Sarah teve essa épica derrota no amor, alcançou, porém, uma épica vitória. Quando já andava acima dos cinquenta, meteu-se no seu último grande *affaire de coeur*, desta vez com Edmond Rostand, uma experiência que deixou atrás de si uma sequência dourada de recordações. Quando conheceu Rostand, êle era um poeta obscuro. Ela o levou nos seus passeios de carruagem, e êle leu para ela poesias e peças teatrais da sua lavra. Suas almas se expandiram e se compreenderam. E dêsse encontro espiritual é que nasceu o Rostand glorioso e rico, de "L'Aiglon" e do "Cyrano de Bergerac".

VIII

Sarah Bernhardt representou mil cenas de morte, mas sua energia de artista sempre iludia a morte. Trabalhava catorze ou quinze horas por dia, enquanto homens vigorosos perto dela fraquejavam. Citava como seu lema o provérbio: "O ótimo é sempre o inimigo do bom". Devia viver muito e muito, desempenhar mais e mais papéis na grande galeria dos dramas humanos — jovens e velhas, pecadores e salvadores, Hamlet e Tosca, Teodora e Joana d'Arc — sempre se esforçando por um amanhã melhor após um ontem bom. E assim, para espanto dos seus médicos, essa atriz doente e de alma imortal prolongou sua existência até os setenta e nove anos.

Anos atrás ela tivera uma queda ao representar Hamlet, e se originara uma flebite numa das suas pernas. Nos anos seguintes, a perna se encolheu, e o sofrimento daí resultante transformou cada hora que passava no palco num verdadeiro martírio. A inflamação na sua perna se alastrou. E em 1915, quando estava nos setenta e um anos, os médicos lhe avisaram que se fazia necessária uma amputação. Ela se submeteu de bom grado ao suplício. Daí em diante passou a representar os seus papéis sentada numa cadeira de rodas. Mas o esplendor da sua voz e a magia da sua arte não foram reduzidos pela limitação do seu movimento. Pelo contrário, assumiram uma intensidade trágica maior do que nunca. A memória dos homens evocou a luta de um outro titã, o grande compositor surdo cujo sofrimento era um impulso semelhante ao livre espírito do mundo.

Na sua cadeira de rodas foi levada (1916) à frente de batalha. Entreteve os soldados nas trincheiras. E êstes, derramando lágrimas por "Lá glorieuse Blessée", sentiram-se animados para os combates.

Quando por fim a morte a atingiu em 1923, Sarah estava explorando novo recurso para a sua arte. Fizera um contrato com um produtor cinematográfico americano. Mas estava doente demais para sair de casa; representava na sala de visitas. E quando não pôde mais sentar-se numa cadeira, sussurrou:

— Ficarei na cama... filmem assim mesmo.

E depois, a cena final da morte. Após uma representação com a qual ficava particularmente satisfeita, ela costumava observar: "*Le Dieu était là*". Ao evocarmos o grande espetáculo da sua vida, não diremos nós também: "Deus estava lá"?

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE SARAH BERNHARDT

1844 — Nasceu em Paris.
1856 — Foi batizada como católica.
1857 — Ingressou na Escola Dramática.
1862 — Estreou na *Comédie Française*.
1880 — Visitou a América e obteve sucesso em "La Dame aux Camélias" (Camille).
1882 — Casou com Jules Paul Damala.
1915 — Teve uma perna amputada. Continuou sua vida artística.
1916 — Representou para os soldados nas trincheiras.
1923 — Faleceu enquanto fazia um filme.

Seus papéis mais famosos incluem: Hamlet, Theodora, Tosca, Phèdre, Camille, Dona Sol no *Hernani* de Victor Hugo.

LIVRAI-ME DO...

(Cont. da pág. 28)

senhor. Mais de uma vez êle tentou contra a minha vida, cego por um ciúme inteiramente injustificado, pois meus princípios não admitiam sequer um inocente flêrte entre uma mulher casada e outro homem. Minha avó morava conosco e era testemunha de seus gestos desarrazoados. Seu arrependimento era evidente. Certo dia em que êle nos ameaçara, senti que minha avó colaboraria comigo na realização de minha fuga do lar. E já no dia seguinte, quando certo de que eu perdoara as suas injustiças e viajava para a cidade (estávamos no interior) sentei-me à borda da cama de vovó e pedi: "Vovó, vamos fugir?". Pela primeira vez minha avó concordou comigo. Às onze horas da manhã embarcamos em fragílissimo barco de pesca e rumamos para a cidade. Afrontando terrível tempestade que quase nos levou a pique, em plena baía, passamos pelo navio que o levava de volta à nossa casa e senti certo prazer em imaginar o que êle sentiria ao encontrar a casa vazia! Ao chegarmos, explicamos a mamãe o acontecido. A vovó, que fôra a maior defensora de Justino, era agora, a sua maior acusadora. A mamãe compreendeu a situação e ficou de contar tudo ao papai. Voltei a ficar feliz, embora com alguma coisa destroçada dentro de mim. Mamãe mandou-me com uma amiga para uma ilha distante, a fim de evitar maiores complicações se o Justino viesse me procurar. Mas êle não veio e eu gostei imenso do passeio. Aprendi a andar a cavalo e conheci as delícias do namôro. Pedro foi o meu primeiro namorado. Todos os meus sonhos voltavam um a um e meu coração batia feliz outra vez. Mas êsse namôro não foi adiante. Voltei para a casa dos meus pais. Certo domingo fui passear com meus irmãos menores e conheci um outro rapaz. O Luiz. Êste era muitíssimo gentil e precisou de muita habilidade e persistência para que eu respondesse às suas perguntas. Até que entabolamos um namôro. Quando confessei ao Luiz que eu fôra casada, seu primeiro pensamento foi "comprar" o juiz para que êste desse sumisso à página do livro em que estava registrado o meu casamento, mas nada conseguiu. Certa vez êle me fêz uma proposta que hoje eu considero naturalíssima, dada a circunstância, mas que naquela tempo me parecera uma ofensa sem perdão. Terminou assim o nosso namôro e embora posteriormente êle houvesse feito tudo quanto lhe fôra possível para que eu reatasse o namôro não concordei, porque meu coração de borboleta insatisfeita pendia para outro lado. Agora era um jovem médico, louro, de olhos muito azuis, que confessara gostar de mim. Mas não durava muito a minha ilusão sentimental. Comecei a compreender que as coisas não poderiam

ser como eu desejava. Nenhum homem concordaria em namorar indefinidamente, contentando-se apenas com beijos discretos e eu não poderia conceder mais do que isso.

— Só a sua ingenuidade a fazia iludir-se assim.

— Hoje compreendo perfeitamente a situação. Fazia um ano que eu voltara à vida antiga, quando fomos para outra cidade do interior. Lá conheci um rapaz inteiramente diferente de quantos eu conhecera até então. As moças do lugar viviam a assediá-lo, o que muito o envaidecia. Levado talvez pela minha altivez quando em sua presença, o rapaz se deixou encher de amôres por mim. Passamos ao namôro que eu insistia em não deixar passar de beijos mais ou menos ardentes. Mais ousado do que os outros e ciente de que eu jamais lhe pertenceria sem que uma certidão nos permitisse tomar essa liberdade, resolveu que devíamos viajar até uma cidade vizinha, onde era conhecido, e um padre nos declarou marido e mulher. Agora, refletindo bem, chego à conclusão de que êste casamento de nada valeria, mas naquela ocasião era suficiente para unir-me ao homem que eu também amava. Esta é a segunda certidão que não lhe trouxe porque a perdi, mas que existe numa certa igreja perdida no interior do Brasil. Êsse meu segundo matrimônio durou quatro anos. Esquecia-me de dizer que só cheguei a realização dêsse casamento depois de uma série de incidentes provocados pelo rapaz diante de minha recusa, inclusive uma tentativa de suicídio por parte dêle, depois de eu ter afirmado ser definitiva a minha recusa.

— Quer dizer que seus maridos só o foram por ameaça de morte.

— Exatamente. Nunca compreendi êsse fatalismo. Se eu fôsse rica e bonita estaria explicado êsse fato, mas sou apenas "isto" que o senhor vê.

— "Uma "boa" mulher..." — pensou o advogado, logo em seguida acrescentando em voz alta: — Estou gostando de sua história. Continue.

— Muito bem. Quatro anos depois, aborrecida daquela vida de interior, sem atrativos e sem objetivo resolvi voltar para casa dos meus pais, mesmo porque êstes não haviam aprovado de modo algum o meu segundo casamento. Achavam que o rapaz era indigno de mim. Certa vez vieram contar-me que Danilo, êsse era o seu nome, estava de namôro com outra moça. Interroguei-o em presença dela, que por sinal freqüentava a nossa casa. Sua indignação pareceu bastante real. Jurou que jamais amara a outra mulher. Sòmente eu possuía o seu coração e que se êle confessasse a qualquer outra moça que a amava ela que se defendesse, porque não haveria sinceridade em sua declaração, porquanto seu amor continuava a ser sòmente meu. Dizendo isso em presença de minha presumível rival, desfazia minhas dúvidas que, aliás, eu queria conservar para ter fôrças de abandoná-lo. Um dia procurei-a e pedi-lhe que o conquistasse para que eu pudesse voltar à minha liberdade. Ela não perdeu tempo em transmitir-lhe o meu desejo e quando êle me interrogou, confirmei que meu coração já não o queria. Enfurecido ameaçou: "Se êsse desgraçado não me quer mais, eu o arranco a facadas..." Não me intimidei e dentro de alguns dias deixei a cidade com o apoio de meu pai e vim para o Rio de Janeiro, onde estou há dez anos.

— Agora entram os antecedentes do terceiro casamento...

— Exatamente. Cheguei ao Rio sem dinheiro, ou melhor, com 80$000 (oitenta mil réis) na bôlsa, um diploma de dactilografia e uma tremenda coragem de lutar. Comecei por uma fábrica de caixas de injeção, embora o anúncio a que atendi mencionasse uma vaga de escritório. Aprendi ràpidamente a fazer as tais caixas mas não aceitei a possibilidade de igualar-me às outras operárias, cuja linguagem e gestos deixaram-me estarrecida. Recebi o meu dia de trabalho e tratei de procurar outro emprêgo. Um jornal especializado prestou-me o seu valioso auxílio e assim consegui um outro emprêgo. Infelizmente, não me foi possível ficar ali por mais de cinco dias. Meu patrão era demasiado impulsivo e deixei o escritório como uma louca deixaria a camisa de fôrça. Não me atrevi a voltar nem mesmo para receber os meus dias de trabalho. Felizmente, veio a minha oportunidade e eu encontrei um emprêgo estável. Trabalhava lá há alguns meses quando conheci Hélio. Começou com um "trote" telefônico. Todos os dias êle me ia esperar quando eu deixava o escritório. Lanchávamos, e, em seguida, êle acompanhava-me até à pensão onde eu morava. Minhas duas companheiras de quarto achavam-no um "colosso". — Notaste como êle se parece com Errol Flynn? — perguntava-me uma. — Um marido assim é que eu gostaria de ter — afirmava a outra. Envaidecia-me escutando êsses comentários e conquanto sentisse o coração chumbado, indiferente para as coisas sentimentais deixava que minha vaidade triunfasse. Acontece, porém, que o passado ressurgia nas suas cenas anteriores.

Hélio foi-se deixando prender à minha indiferença e quando eu falava em acabar o namôro, vaidosamente êle perguntava se eu estava temendo apaixonar-me por êle. E o namôro prosseguia sem incidentes, quando, certa vez, Hélio apresentou-me uma carta assinada por uma ex-namorada. A moça, que era filha de fazendeiros e com um ótimo dote, queixava-se da indiferença do rapaz. Dizia estar ciente do namôro dêle com outra moça, mas esperava que voltasse e o destino os unisse para sempre. — "O que você acha?" — perguntou-me Hélio. — respondi calmamente que acreditava na sinceridade da moça e que êle devia voltar para ela, mesmo porque as vantagens que teria eram bem melhores, pôsto que eu não oferecia nenhuma, vivendo como vivia de um reles salário de Cr$ 300,00, que apenas dava para que eu não andasse descalça e comprasse fazenda barata com que eu mesma costurava meus vestidos a mão, por não dispor de máquina. Êle enlaçou os meus ombros e confessou que não me trocaria por cinqüenta mil cruzeiros. Descobri que sua família fazia certa oposição ao nosso casamento. Um de seus parentes chegara a dizer que, se êle gostava de mim que alugasse um quarto e fôssemos morar juntos. — Só serei sua depois de casada — declarei com firmeza.

— Êle sabia de seus casamentos anteriores?

— Não ocultei coisa alguma. Antes dêle eu tivera outro namorado para quem eu dera a informação de meu casamento como desculpa para terminar o namôro que, aliás, partia dêle sòmente, e sua pressa em desposar-me, fêz-me confessar tudo.

(Cont. no próximo número)

A VIDA DE CATARINA...

(Cont. da pág. 38)

para os camponeses. Foi uma coisa que os fará pensar.

— Bem, há de apreciar então uma oportunidade para pensar, não? Sei de um delicioso lugar retirado onde ninguém a incomodará.

Levaram-na para a *Cova Preta*, nome da prisão do local. "Quando eu descia", escreve ela no seu diário, "dois infelizes bêbados subiam aos tropeções. Fui empurrada para dentro, a pesada porta fechou-se com violência, e o ruído do ferrôlho ecoou na completa escuridão. Dei um passo à frente, e perdi o equilíbrio, pois o chão estava escorregadio por causa do excremento... Horrìvelmente doente, afundei num montão de palha e trapos. Momentos mais tarde recobrei os sentidos, sentindo picadas, e me levantei coberta de bichos. Me apoiei nas paredes e vi que estavam úmidas. Assim fiquei acordada tôda a noite no meio da Cova". Um lugar de fato capaz de fazer alguém pensar. "E isso", concluiu o trecho, "era o comêço da minha jornada à Sibéria".

IV

Durante dois anos ela foi removida de uma prisão para outra, e afinal enviada para o exílio na Sibéria. "Condenaram-me a cinco anos de duro trabalho nas minas, punição geralmente determinada a um homicida. Depois, cumprida a minha pena, tive de ficar exilada na Sibéria ainda por vários anos mais".

Colocaram-na numa *telega*, carroça provida de tolda, "apertada entre dois guardas". Por semanas e semanas o carro se sacudiu nas estradas sem parar mais do que dez minutos para um intervalo de descanso. A angústia da insônia. A pior das agonias, a perpétua vigilância. "Os guardas tinham ordens para não tirar os olhos dos prisioneiros". Em raríssimas ocasiões, ela tinha permissão, junto com outros prisioneiros, para dormir numa *etapa* — um cárcere à beira da estrada — "cochichólos rasteiros, fumacentos, infestados pelo escorbuto, pela tísica e pelo tifo... O reboco das paredes estava manchado de vermelho devido aos percevejos mortos pelos prisioneiros atormentados". Dormiam em longos bancos "desprovidos de roupas de cama". Através das paredes da sua cela, Catarina podia ouvir "o incessan-



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

atração!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A. Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A. Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Nat., Sup.	13,00	22,00	30,00
Jasmin Super ..	10,00	22,00	30,00
Violeta B. Sup.	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs, Sup	15,00	25,00	35,00
F. Amor, Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko, Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S. Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B. Super	21,00	35,00	40,00
Tabul, Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan. 5, Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N. Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R. Super	25,00	35,00	40,00
Narcise N. Sup.	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super ..	35,00	45,00	55,00
Rumores, Super	35,00	15,00	55,00
Escândalo, Sup.	35,00	45,00	55,00
Tabul GR, Sup	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF ...	50,00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF ...	85,00	105,00	125,00
Champagne LF	60,00	80,00	100,00
Des. Reembolso	9,00	9,00	9,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67

Sobrado

RIO DE JANEIRO

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos

te ruido dos grilhões, os lamentos das mulheres, o chôro das criancinhas doentes". Depois de uma noite de tortura, os "criminosos" foram atirados outra vez para dentro das *telegas*. Um milhão de exilados, tal o número de russos que o govêrno fêz atravessar os campos rasos de neve desde 1875 até 1900.

— Você me pede que conte cenas e casos — disse ela a um repórter quando visitou a América em 1904. — Mas olhe, nós estávamos tão ocupadas em pensar no nosso Sonho, que não tínhamos tempo para observar a miséria da nossa existência exterior".

Um incidente, entretanto, ela registrou. "Quando passamos por Krasnoyarsk, a mãe de um dos prisioneiros, um jovem estudante, tentou dar-lhe um beijo de adeus. Ela percorrera uma grande distância para fazer essa despedida. Mas os guardas não a deixaram se acercar dele. Empurraram-no para a *telega* e partiram a galope. Quando passei perto da mãe, pude ver o rosto enrugado e macilento dela. A velha caiu então junto à estrada".

Chegando às minas de Kara, Catarina verificou que os prisioneiros políticos eram condenados não a trabalho forçado, mas a um castigo muito duro, a ociosidade forçada. Depois de um enervante estágio punitivo em Kara, passou dêsse purgatório para o inferno de Barguzin, uma cidade gelada no Círculo Ártico da Sibéria. E todo o percurso de Kara até Barguzin, uma distância de mais de mil milhas, foi feito a pé. "Todos os prisioneiros tiritavam de frio; ninguém falava; o branco silêncio da imensidão de neve era apenas rompido pelo zunir do vento". Repetidas vêzes, enquanto se prolongava a silenciosa "marcha fúnebre", os caminhantes topavam com os corpos "descarnados e quase nus" dos exilados que haviam morrido no caminho.

— Não temos tempo para enterrar êsses suínos — disse lacônicamente um dos guardas certa vez.

Alcançaram Barguzin em fevereiro, com o termômetro marcando quarenta e cinco abaixo de zero. Outra sucessão de anos gélidos, a tremer de frio na ociosidade compulsória. Ela ansiava por ensinar os filhos dos seus companheiros de cativeiro, ou ao menos cuidar deles nas suas enfermidades. Mas isso contravinha as leis do Czar da Rússia. "Professôres banidos não têm permissão para tratar doentes". Nada a fazer, exceto ficar sentada horas e horas a planejar uma fuga.

Por fim arquitetou um projeto para escapar de Barguzin. Juntamente com três estudantes, pôs-se a caminho uma noite, guiada por um velho camponês siberiano que "fizera a viagem" muitos anos antes. Mas não demorou que o guia verificasse estar extraviado. Quando se achavam embrenhados nas florestas, de Taiga, cheias de rochas e despenhadeiros, o camponês coçou a cabeça e confessou que perdera o rumo.

(Cont. no próximo número)

O CORAÇÃO E SEUS...

(Cont. da pág. 23)

mento cirúrgico da persistência do canal arterial, do estreitamento da aorta e da estenose pulmonar simples ou associada a outras anomalias, de acôrdo com os ensinamentos de Gross, Crafoord e Blalock, e muitos condenados à morte têm sido reintegrados na vida.

Para terminar cumpre pôr em destaque a aplicação clínica de uma descoberta bem própria da era-atômica em que vivemos: o emprêgo dos isótopos radioativos do sódio na exploração da circulação periférica nos casos de arterite obliterante. Injeções endovenosas e avaliação das quantidades presentes, em vários níveis das extremidades, por meio do contador de Geiger. Dêste recurso do diagnóstico já se serviram os médicos inglêses na pessoa do rei George VI. A medicina ainda muito espera dos estudos da energia atômica.

ENXADRISTAS EM AÇÃO

(*Cont. da pág.* 13)

cifras! Seja como fôr, o jôgo é antiquíssimo, tendo entrado na Europa no século X, por mãos dos árabes. Sofreu modificações no decorrer dos tempos. Muito em voga estêve durante a Idade-Média, especialmente entre a gente culta, os frades nos mosteiros e os senhores feudais nos castelos. Alguns dizem que o primeiro torneio internacional se deu em 1851, quando venceu Andersen, alemão. Soultanbeieff, porém, diz que até aquela data devem ser considerados como campeões os seguintes: Ruy Lopes, espanhol, de 1570 a 1575; Leonardo da Cotri, italiano, de 1575 a 1587; Greco, italiano, de 1622 a 1634; Philidor, francês, de 1745 a 1795; e La Boudonais, francês, de 1834 a 1840. Quanto ao aparecimento e divulgação do xadrez no Brasil, nada há de positivo. Os que querem que seja ligado à primeira página de nossa história, dizem que Pedro Álvares Cabral gostava de jogar xadrez com o cronista da expedição, o famoso Pero Vaz Caminha. No fim do século passado sabe-se que foi Artur Napoleão, notável musicista, quem se incumbiu de revelar o jôgo aos brasileiros. Era jogado em nosso país, mas de maneira rudimentar, com ostensivo desprêzo para os livros que há muito eram publicados, especialmente na Europa. Foi êle o primeiro a escrever uma coluna só dêsse assunto na velha "Ilustração Brasileira". Dessa passou para a "Revista Musical" e, finalmente, por volta de 1866, fundou a seção de xadrez no "Jornal do Comércio", seção essa que divulgou de tal maneira o xadrez que permitiu a Artur Napoleão a realização de dois torneios. A êle devem os enxadristas o primeiro impulso em favor de tão atraente esporte. Outros afeiçoados, grandes jogadores e divulgadores, foram o Almirante Saldanha da Gama, o bravo marinheiro da jornada de 1893, Machado de Assis, o romancista, e, recentemente, Caldas Viana, Barbosa de Oliveira, Henrique Costa, exímio finalista e teórico, e Erich Eliskases, austríaco radicado no Brasil, João Sousa Mendes, Otávio Trompowski, Walter Osvaldo Cruz e Márcio de Freitas. A maioria dos enxadristas no Brasil é constituída por intelectuais, isto é, por pessoas cujas profissões liberais foram desenvolvidas através dos bancos escolares, nas academias e com os livros nas mãos. Isso mostra que o xadrez ainda não desfruta da popularidade que goza em outros países. Aliás, o incentivo e apoio oficial deixa bastante a desejar, limitando-se a uma verba de 50 mil cruzeiros anuais, insuficiente até para custear as despesas com o campeonato brasileiro, em que os competidores forasteiros recebem ajuda de custo para cobrir as passagens e a estada. Dentistas são os atuais campeão e vice-campeão. Há médicos, professôres, advogados, militares, industriários e alguns comerciários. Deve-se destacar a atuação do mais jovem dos concorrentes, Eugênio German, mineiro, estudante, com apenas 18 anos. Mocinho ainda e já veterano de competições de tal gênero, mostrando uma precoce queda para o xadrez. Especial menção merece o sr. Ari Camargo Silveira, último colocado na classificação, havendo perdido tôdas as partidas. Vimo-lo aceitar com o maior espírito esportivo tôdas as derrotas e permanecer em seu pôsto até o final, demonstrando um maduro senso de responsabilidade. Quanto ao sr. José Thiago Maugini, campeão-invicto, com 8 pontos e meio, obtidos em seis partidas ganhas e cinco empatadas, resumiremos suas atividades enxadrísticas. Dedicando-se a êsse esporte desde 1937, tomou parte no torneio internacional efetuado no Brasil em 1939, com a presença do campeão mundial Alexandre Alekine, que jogou uma simultânea com trinta tabuleiros, sendo o único a vencer o famoso mestre. Em 1941, representou o Brasil no torneio internacional "Águas de S. Pedro", vencendo a taça "Caldas Viana". Em 1942, foi vice-campeão brasileiro, Em 1944, representou o Brasil no torneio realizado em Assunção, Paraguai, obtendo o primeiro lugar na prova "Carapé". Em 1947, foi campeão individual carioca. Em 1948, venceu a prova clássica "Caldas Viana" no torneio internacional de Pôrto Alegre. No ano passado, pela terceira vez consecutiva, venceu a prova "Caldas Viana", obtendo a taça definitivamente. Essas as principais marcas da carreira de enxadrista do atual campeão brasileiro.

Pouco divulgado é em nosso país o xadrez. Considerado por muitos jôgo dificílimo, inútil, não goza da popularidade que tem em outras nações. Na Espanha é incluído no currículo das escolas primárias e secundárias. Na Argentina algumas regiões o incluíram nas distrações de alunos de tôdas as idades. Nos países centro-europeus e na Rússia é onde mais se faz sentir a influência do xadrez. A Iugoslávia é a campeã mundial por equipe. Grandes figuras foram Capablanca, cubano, e Alekine, russo naturalizado francês. Após a morte dêste, o título de campeão mundial foi conseguido por outro russo, Botwinik, em 1948. Em certos países os torneios são realizados por mais de 30.000 pessoas, às vêzes, em praça pública, em tabuleiros gigantes, em que as peças são vivas, isto é, representadas por pessoas caracterizadas. Há partidas relâmpagos, de dez minutos no máximo, e enfadonhas partidas de mestres, com mais de quatro horas de duração. Nos torneios, nas primeiras duas horas devem ser executados 36 lances, e após um movimento o jogador aperta o botão de um relógio especial que começa a contar o tempo para o parceiro até êsse fazer por sua vez o lance em resposta. Joga-se xadrez por correspondência, pelo telégrafo, pelo rádio. Dizem os entendidos que aproxima os povos e que aumenta a compreensão de gente de idiomas diferentes. Na opinião de Leibnitz o xadrez é uma ciência, na de Goethe é a ginástica da inteligência, na de Reti é uma arte em formação. E' de se desejar, portanto, maior divulgação para êsse esporte.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO

Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

MÚSICA

O ROMANCE DA ÓPERA

ROBERTO LIRA FILHO

JÁ tivemos oportunidade de aludir à importância do rádio na divulgação da boa música. Aludimos, então, ao aparecimento de inúmeros programas de caráter cultural, ao microfone de várias emissôras. Falamos, também, a respeito da maior liberdade que, nêsse terrêno, tem a Rádio Ministério da Educação, por não estar prêsa a uma organização comércial, podendo desenvolver, sem qualquer restrição, um plano completo de informação e esclarecimento. E é inegável que justamente isso tem sido feito, pois a lúcida e operosa direção emprega, alí, a experiência e a habilidade de seus redatôres em iniciativas que seguém um roteiro de divulgação sistemática.

Podemos apontar uma série de programas de especial interêsse, sob o ponto de vista musical. Não aludiremos aos recitais, a transmissão diária de peças sinfônicas — que constituem parte importante dos trabalhos da Rádio. Preferimos registrar a originalidade de programas como o da sra. Hilde Sinnek que acompanha a evolução do canto, estudando a obra dos diferentes compositores no que diz respeito à música destinada à voz humana. Queremos reservar, ainda, espaço para um comentário especial sôbre o romance da ópera, narrado pelo prof. Ayres de Andrade.

O ROMANCE DA ÓPERA

O prof. Ayres de Andrade começou com a história do piano, acompanhando "biografia" daquele instrumento, na produção musical de vários séculos, com ilustrações musicais criteriosamente selecionadas, explicadas em palestras nas quais a erudição se revelou sob atraente e elegante forma literária, numa prosa leve, acessível, tudo sem prejuízo do rigôr e da precisão dos dados ministrados, em lições tão proveitosas quanto agradáveis.

Passando a tratar da ópera, o prof. Ayres de Andrade manteve o mesmo sistema, que obtivera sucesso animador, na primeira série. Na biografia de um gênero tão rico de aspectos sugestivos e pitorescos, o prof. Ayres de Andrade não deixou de empregar seu estilo cheio de vivacidade na exposição do enrêdo de cada drama lírico, demonstrando, não raro, uma fina irônia, ao narrar as peripécias sangrentas de alguns entrechos muito do gôsto do século XIX e, especialmente, dos românticos. Além de uma informação completa sôbre a obra de cada compositor estudado e dos sempre oportunos trechos musicais ilustrativos, o prof. Ayres de Andrade acrescenta uma apreciação sucinta mas compléta da contribuição musical de cada personalidade estudada. E' especialmente aí, no julgamento de valor artístico de cada compositor que melhor se observa o equilíbrio, a segurança e o bom gôsto do prof. Ayres de Andrade. Sensibilidade fina e sutil, êle sabe enquadrar cada figura na sua época e no seu meio, e valiando, com um critério imparcial as posições dos compositores na hierarquia artística.

Não podemos deixar de recomendar a admirável página sôbre Debussy e Ravel, na qual o prof. Ayres de Andrade deu um resumo do sentido da obra focalizado, conseguindo, ainda, explicar, com extraordinária simplicidade o encanto esquivo de entre tons e matizes, que é o colorido musical peculiar de Debussy.

Por outro lado, além de exprimir-se com fluência, o prof. Ayres de Andrade, lendo, ao microfône, o seu próprio texto, revela o desembaraço de um "speaker". Entre as atividades da Rádio Ministério da Educação, portanto, o programa do prof. Ayres de Andrade é mais um ponto de especial interêsse, num quadro geral de realizações especialmente valiosas tôdas orientadas no sentido de cumprir a finalidade principal da emissora, que é a utilização dos recursos técnicos, com que está aparelhada, a bem da cultura e do progresso do Brasil.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

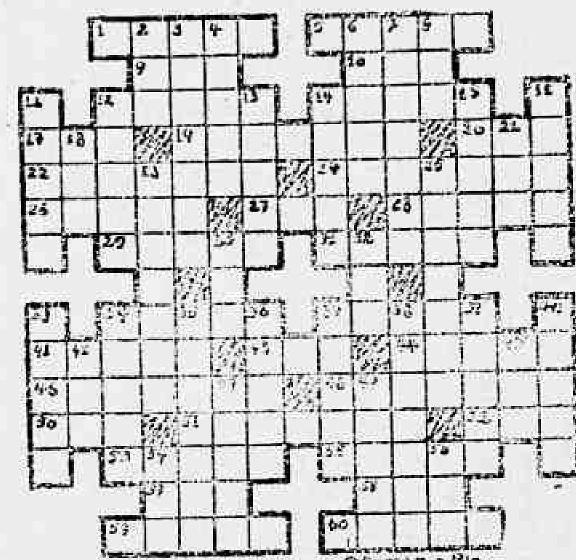
DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D * FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

PALAVRAS CRUZADAS

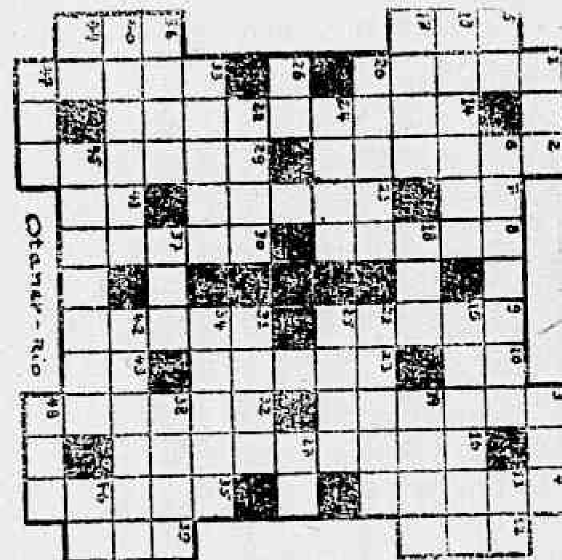
PROBLEMA Nº 25 — PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Burro de um ano — 5. Te-s.g.u.s — 9. Boa doutrina — 10. Suniam — 12. Tripas de sardinha, que servem de isca — 14. Raios da roda do engenho de açucar movido por água — 17. Planta labiada, espécie de jepipi — 19. Pessoa meiga — 20. Cidade da Indo-China — 22. Soar festivamente — 24. Orvalhados — 26. O mesmo que arué — 27. Instrumento de música chinês, espécie de lira — 28. Tratamento que os escravos davam aos senhores (pl.) — 29. 5º califa abassida (765 — 809 A.C.) — 31. Árvore leguminosa — 34. Lobinho — 37. Firma — 41. Cabo com que se estendem as velas — 42. Siga — 44. Variedade de palmeira (pl.) — 46. Orgíaco — 48. Homem astuto — 50. Ave da família dos Caprimulgídeos 51. — Da aorta — 52. Cesto de bambú para medir cereais, na India Portuguêsa — 53. Brota — 55. Magnífico — 57. Molho — 58. Região montanhosa da colônia do Niger — 59. Diminuição dos diâmetros populares — 60. Tempestuoso.

VERTICAIS: — 2. Pega — 3. Ruminar. — 4. Abano — 6. Terremoto — 7. Extorquir — 8. Escolha — 11. Esgueirar-se — 12. Planta da família das Celastráceas — 13. Prefixo que entra na composição de várias palavras com a significação da carne ou polpa — 14. Superficial — 15. Higiênica — 16. Multidão — 18. Nacer — 21. Extase — 23. Pássaro da família dos Piprídeos — 25. Rabo-de-arara (pl.) — 30. Espécie de maçã vermelha — 32. Mau-humor — [illegible] — 34. Desgostos — 35. Próximo do mar — 36. Vai-se embora — 37. [illegible] — 38. O músculo do sorriso — 39. Acanhado — 40. Sonora — 43. Imensidão — 45 Tinhorão — 47. Vento sul (pl.) — 49. Retroceder — 54. Gênro de Maomé, do qual foi o seu primeiro vizir — 56. Gênero de plantas da família das Leguminosas.

PROBLEMA Nº 25 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Óxido de cálcio — 3. Semelhante — 5. Variação pronominal — 6. Corrigir — 11. Preposição — 13. Velhos — 15. Esfregado com areia — 17. Emblema — 18. Oceano — 19. Vantagens — 20. Um dos ossos do ante-braço — 22. Atraiçoar — 24. Cantigas populares em honra dos santos — 25. Atreva-se 26. Isolado — 27. Pronome pessoal — 28. Colocas — 31. Palhaço de circo — 33. Desfile de carruagens — 34. Imperatriz de Constantinopla — 36. Costume, maneira — 37. Afluente esquerdo do Reno — 38. Unidade de força eletromotriz — 40. Dispôr em modos — 42. Ato de correr lentamente — 44. Estuda — 45. Fábrica de tijólos — 46. Criminosa — 47. Grande porção — 48. Reza.

VERTICAIS: — 1. Não resistir — 2. Prejudicado — 3. Subir — 4. Leitor — 5. Sinal gráfico — 7. Grande massa — 8. Cálculos — 9. O mesmo que dartro — 10. Brisa — 12. Pedra de moinho (pl.) — 14. Que tem pés chatos — 16. Relativo a [illegible] — 21. Embarcação de recreio (pl.) 23. — Côr vermelha — 29. Pregador — 30. Ecoara — 31. Descalcei — 32. Abundante em neve — 33. Papar — 35. Segurara pelos élos — 36. Produto das abelhas — 39. Arbusto da família das Solonáceas — 41. Outra cousa — 43. Batráquio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Cá — Aremar — Garage — Ar As — Fá — Drelar — Cab'aram — Aro — Amo.
VERTICAIS: — Cara — Amar — Agrador — Rã — Ag — Pezaram — Subo — Par — El — Lá — Cá — Mó.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Publícola — Leonino — Il — Ce — Gio — Amo — Ignoram — Ne — To — Côr — Ota! — São — Api — Pangaravo — Estúrdias — Em — Ac — As — Os.
VERTICAIS: — Uliginosa — Beligerantes — Lo — In — Ci — Anomatopaico — Locomotiva — On — Ar — Oas — Cgum — Arda — Pés — Ar — Ess.

xxx

Colaboração e correspondência para: RED. de REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

O IMIGRANTE SALVADOR...

(Cont. da pág. 21)

ama, nem por isso esqueceu a terra estremecida, a longínqua Itália. Com o troar dos canhões em 1914, ao primeiro grito da pátria, alistou-se como voluntário para atender ao seu chamado.

A Itália entrou na guerra no mesmo ano em que se casara com Julieta da Silva Câmara, isto é, em 1915. Em 1917, era pai de dois filhos os quais não serviam de impecilho para que fôsse em defesa da pátria. A separação era penosa e por isso embarcou, sem que a família soubesse. Alegando que ia passar alguns dias na cidade fluminense de Campos, tomou o navio «Indiana» integrando o grupo de voluntários americanos, e enfrentou o perigo dos mares, dos submarinos inimigos. Com efeito, depois de sete dias de viagem o barco foi torpedeado e danificado, fazendo água. A custo chegou a Dakar, com 90 toneladas de água. Todos trabalharam, durante a viagem, com os salva-vidas amarrados à cintur, esgotandos o navio. Depois de 15 dias para reparo partiram para Gênova, comboiados por um «destroyer» francês. Foi para São Lucido e tres dias depois apresentou-se em Provença, tomando ao seu comando 26 voluntários. Seguiu para Girgento, na Sicilia, incorporando-se ao 5.º Regimento de Infantaria, sendo destacado para a Cia. 165 de Metralhadoras Anti-Aéreas. Recebeu 25 dias de instrução e foi incumbido do correio militar entre os comandos e os pontos avançados, na frente de combate. De como se portou na guerra dizem muito bem os diplomas e as medalhas que possui: Cruz do Guerra, Medalha de Campanha, Medalha dos Mil de Gênova (comemorativa do desembarque e recebida das mãos do poeta-soldado Gabriel D'Anunzio), medalha por ação em combate e prêmio de viagem por ter salvo um companheiro da morte certa, transportando-o ao ombro até um hospital inglês.

Depois do armistício, sentindo já saudades do Brasil e da família que aqui deixara, seguiu com a sua tropa para Bolonha, e em Roma tomou parte na grande parada em homenagem ao presidente Epitácio Pessoa, que ali se encontrava em visita oficial. Dada a baixa, seguiu para Gênova onde se encontrava a concentração dos soldados americanos, daí embarcando para o Brasil. Ainda que pareça impossível, quiseram impedir o seu retôrno, detendo-o como insubmisso, pois que, tendo vindo para o Brasil, não comparecera ao serviço militar, na época certa, deixando o sorteio correr à revelia. Nunca Salvador Câmara pensara nisso. Os seus serviços prestados durante a guerra eximiram-no de qualquer «crime» e deixaram-no vir em paz. Aqui foi recebido, com muita alegria, por sua mulher e os seus dois filhinhos. Mais cinco rebentos vieram, nos anos seguintes, aumentar a felicidade do casal. Hoje estão todos encaminhados na vida, quatro mulheres e três homens. Salvador sente saudades da companheira, falecida há seis anos.

MEMÓRIAS DE UM «DIPLOMATA»

Não é preciso dizer que sendo o decano dos chauffeurs do corpo do Rio, entrou em contacto direto com as mais eminentes personalidades políticas da época, quer estrangeiras quer nacionais. Mas «diplomata» que é, não quis Salvador Câmara fazer referência a nenhuma delas, senão que guarda, dêsse tempo, agradável memória. Recorda, particularmente, a campanha civilista encabeçada por Rui Barbosa, a quem ouviu falar muitas vêzes, empolgando as multidões. Muitas e muitas vêzes, também, levou políticos influentes à casa do Morro da Graça, residência de Pinheiro Machado, e lembra o seu assasinio «como se fôsse hoje», abalando todos os meios sociais e politicos da capital da República.

O CORAÇÃO

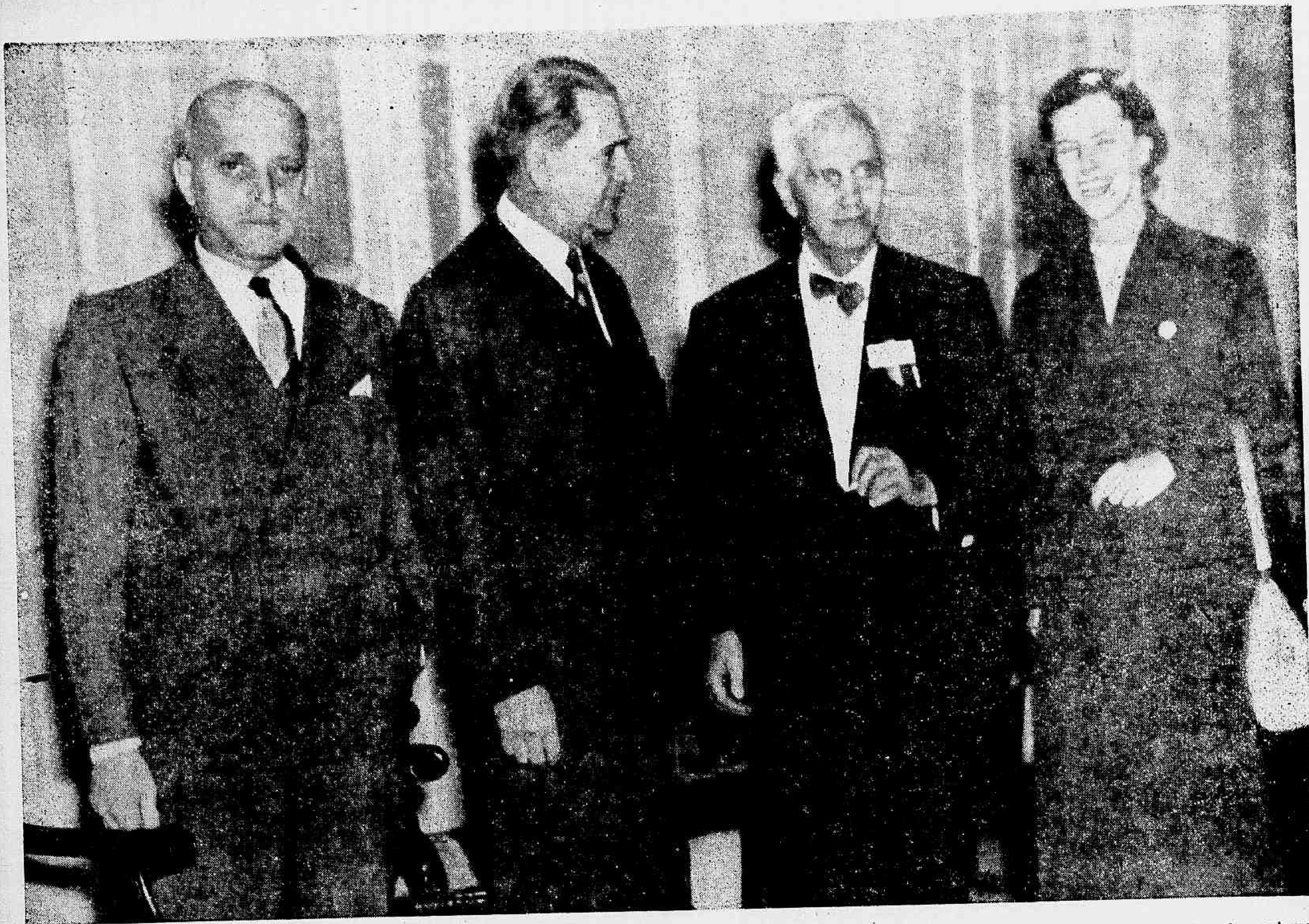
(Cont. da pág. 23)

desta glândula ou reseções subtotais da mesma. Ainda mais: outrora quem seria capaz de pretender operar indivíduo em plena crise de angina do peito, quando o coitado pode estar com a vida por um fio? Hoje, entretanto, há os que recomendam várias reseções nervosas ou então injeções paravertebrais de álcool, que não deixam de ser uma pequena intervenção. Também atualmente em muitos casos de hipertensão arterial se recorre a tratamento cirúrgico — reseções nervosas, prática esta com que os antigos nem sonhavam. Mas a maior conquista da cirurgia moderna em doenças cardiovasculares foi a alcançada no tratamento das lesões congênitas. Infelizes crianças, marcadas de côr azul, com maformações cardíacas, tinham os dias contados em meio de cruéis sofrimentos. Era impressionante a desgraça dêsses inocentes e mal se compreendia que a medicina não viesse em seu socorro. Maud Abbott foi a primeira a ter esperanças na cirurgia, convicta de que alguma coisa poderia ser feita em benefício dos condenados a um triste destino. Estas esperanças se tornaram uma realidade sobretudo depois que a angiocardiografia forneceu uma base segura à desejada correção das conformações viciosas. Na solução do problema clínico de tamanha importância, destaca-se o nome de outra mulher — Helen Taussig de Baltimore. E hoje já é corrente o trata-

(Cont. na pág. 56)



SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL
LTDA.
Av. Rio Branco, 128
Informações - Tel.
42-6060



Ao alto — Os srs. João Borges Filho e Júlio Moura, presidente e diretor do Jockey Clube, ao lado de Mr. Fleming e de Miss G.L. Hobbey. Em baixo — Flagrantes da «pelouse».



SOCIAIS DO JOCKEY CLUB

As tardes elegantes do Hipódromo Brasileiro constituem como sempre a nota de destaque das nossas reuniões mundanas. Nestes dias de temperatura amena, as tribunas e «pelouses» do magnífico prado da Gávea povoam-se de uma multidão entusiasta, onde o elemento feminino aparece dando um toque de graça e beleza inconfundíveis. E a diretoria da nossa grande sociedade turfista não perde oportunidade de recepcionar os visitantes ilustres que aqui aportam, como recentemente aconteceu com os cientistas Mr. Fleming e Miss G.L. Hobbey, descobridores da penicilina e da terramicina, portanto figuras de renome internacional. Nestas páginas vemos aspectos das últimas reuniões do Hipódromo da Gávea bem como da visita que ali fizeram aqueles dois distintos personagens da ciência médica mundial.





Os srs. João Borges Filho, Júlio Moura, Alfeu Ribeiro e Manoel Mendes Campos, num momento de palestra em um intervalo das corridas. Em baixo — Outros flagrantes da «pelouse».





ENTRE A PIEDADE E O AMOR

Dia a dia Kent melhorava. Se bem ainda estivesse parcialmente imobilizado, já não era aquela estátua com quem me casara...







Pensei que êle estivesse começando a interessar-se em mim e em nosso casamento. Mas jamais pensei que esquecesse Claire! Precisava ter-se casado com ela. Não é justo que a esqueça. Êle está amargurado!

Naquela noite...

Kent não me permite ir para seu quarto, Puppy! Tenho que sofrer calada e fazer minhas preces, com esperança...





No começo Kent estranhou o dr. Adams...



Meus nervos estavam em pandarecos. Quando o cão derrubou o abajur e provocou um estrondo como o de uma explosão, eu gritei.













NO PRÓXIMO NÚMERO: SURPRÊSAS DE UM CASAMENTO UMA HISTÓRIA INTERESSANTE E CHEIA DE EMOÇÕES

TUDO ISTO ACONTECEU

CAMA DE LUXO



nosso Código do Processo Civil estabelece que, em caso de penhora, a com os seus pertences, não pode ser tada na ação. Assim, como é muito odo que um indivíduo se deite numa sem colchão e êste sem travesseiros abeceiras, como dizem os sertanejos ordeste), fica-se sabendo que o credor ciente não pode levar o móvel em que eita para dormir o desgraçado deve- Já é um consôlo a gente saber que, em último caso, resta uma caminha para amenizar as mágoas. Entretanto, fique o leitor sabendo que, em se tratando de "camas de luxo", a coisa é muito diferente. Também ela vai com as outras... Quem o afirma? Os senhores juizes do Tribunal de Justiça do Rio em face do caso inédito pôsto agora à prova na 8.ª Câmara Cível. Um cidadão comprou a prestações uma mobília, e dentre os móveis, uma cama classificada como "de luxo". Sucede, porém, que não pagou como estabelecia seu contrato com o vendedor e êste lhe moveu uma ação para retomar tudo aquilo. O caso veio ao julgamento da justiça e ficou acertado que o credor podia levar tudo, menos a cama. Entretanto, o advogado do cobrador deu um pulo sôbre tudo que já se havia firmado como jurisprudência e provou que a cama do réu não podia servir de base ao julgado dos Tribunais, porque se tratava de móvel de luxo! E êste princípio novinho em folha de nosso Código de Processo Civil, acaba de ser firmado de pedra e cal, contra a opinião abalisadíssima do desembargador Espinola Filho, que achou que a cama, mesmo de luxo, devia ser excluída, uma vez que ao juiz não é lícito descumprir a lei sob fundamento de que seria iníquo cumpri-la. Direito Direito é bicho elástico...

MILAGRE POR ACASO



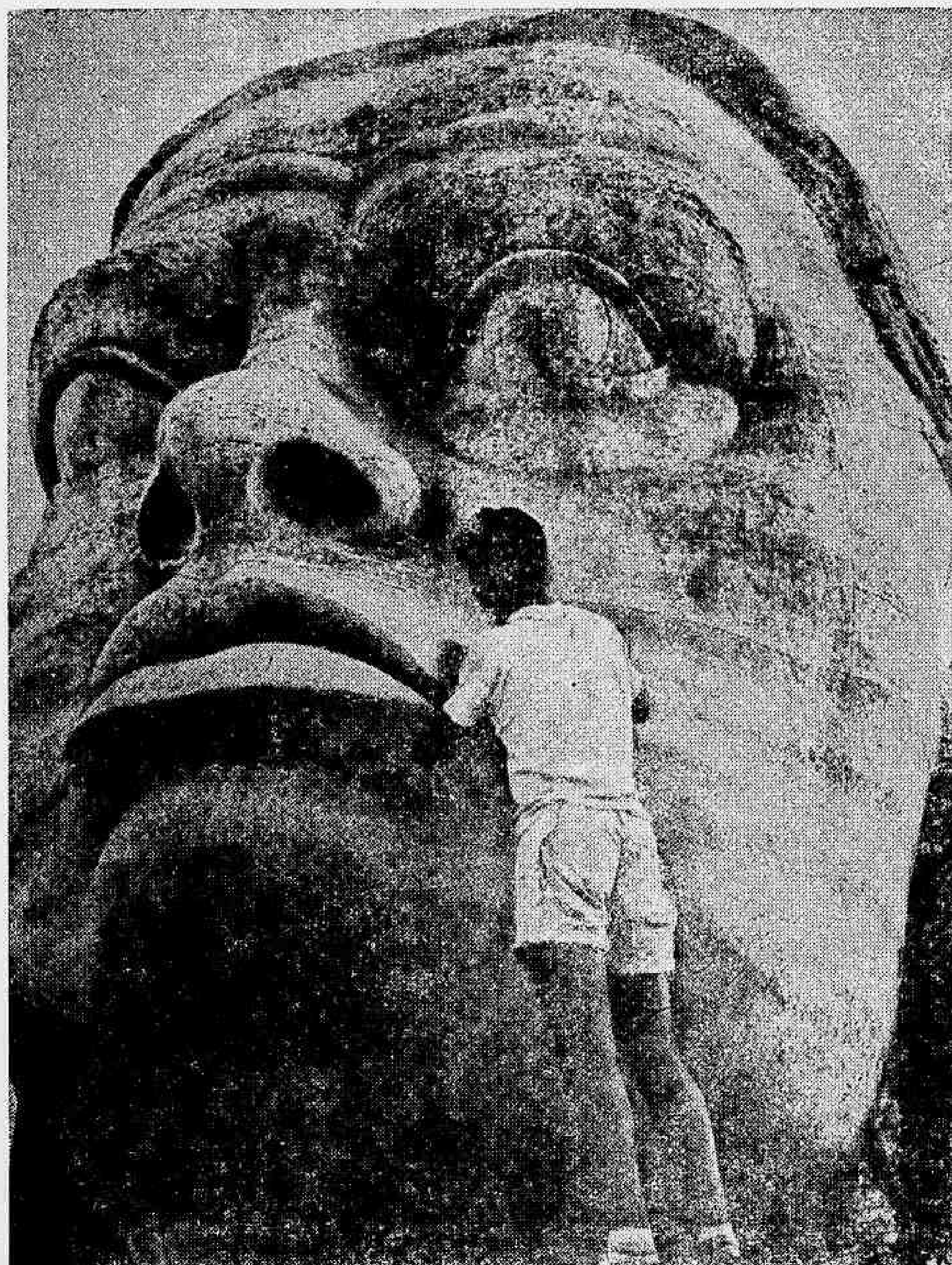
mecânico de rádio, F. J. Billington, de Londres, uniu-se ao padre polonês J. azewski e os dois se meteram a consum aparelho de emissão de ondas elé-, destinado a medir o estado de saúde indivíduos. O sr. Billington, que é um cedor profundo de coisas de rádio, veu que o aparelho, a meio metro de disa dos pacientes, registrava o estado aúde dos consulentes. Quando o cidadão estava "O. K.", com todos os seus órgãos em perfeita forma, o aparelho expedia raios elétricos com muita energia; mas, quando o indivíduo não estava com boa saúde ou mesmo enfêrmo, as ondas elétricas expedidas pela engrenagem eram fracas. Quando mais doente, mais fraquinhos raios do raio da máquina. Sabem, porém, os leitores o que sucedeu com essa geringonça? Uma coisa absolutamente inesperada! O aparelho para medir saúde passou a registrar o sexo dos que vão nascer, antes disso! Acontece assim: várias senhoras em estado de gravidez foram medir a saúde. A máquina funcionava excelentemente; mas ao lado das observações puramente clínicas, passou a registrar o sexo dos que estavam para vir. Mr. Billington e o padre Glazewski se entreolharam. Como seria isso? Então êles atiraram no que viram e mataram o que não viram? Foram aos médicos e mostraram o engenhoso aparelho. Os ginecologistas aplicaram a coisa e verificaram o mais completo êxito. A máquina, em verdade, descobre de que sexo é a criança que vai nascer! Mas, por uma questão de "segrêdo profissional" e de ética médica, estão todos com boca de siri: não dizem como é o milagre...



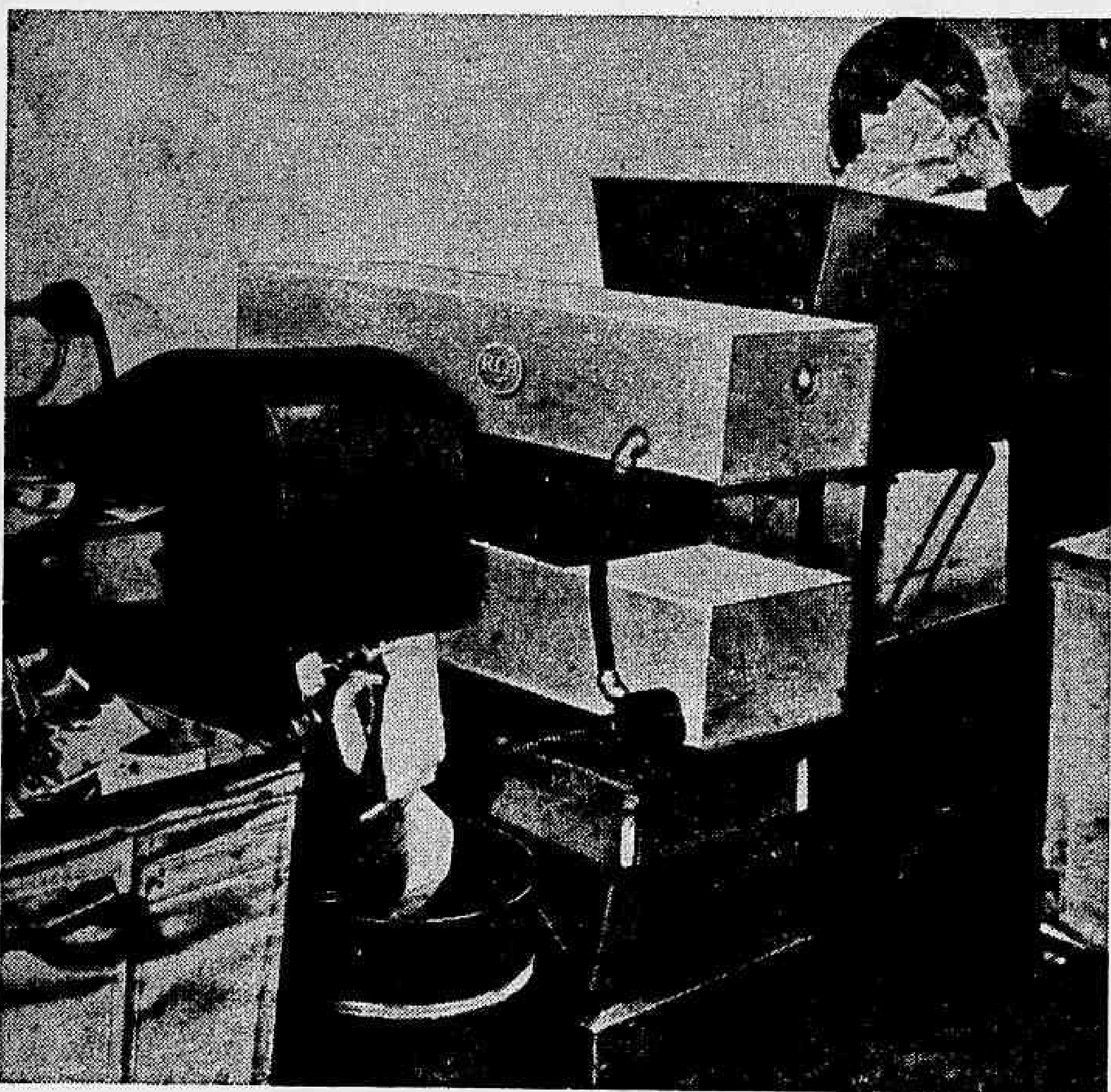
LANCASTER DISPENSA O "DOUBLE" — Numa das mais movimentadas ruas de Chicago, o ator cinematográfico Buster Lancaster, para atender a um desafio, viu-se na contingência de fazer êsse malabarismo. Aqui o temos, exibindo-se no tôpo de uma vara de regular altura, cuja extremidade inferior se apoia na cabeça e nos braços de um popular «forçudo». Lancaster, provou, assim, que nos seus filmes, dispensa de boa vontade os «doubles», quando tem de praticar malabarismos semelhantes. Com êle é na realidade, saltando abismos, galgando escarpadas e enfrentando os punhos do vilão ou as garras de uma féra indomavel. Convém frisar que antes de ingressar no cinema, Buster Lancaster foi artista de circo. E no circo aprendeu essas proezas que hoje o valorizam.



MORALIZANDO AS ESTÁTUAS — Quem percorre a Itália pela primeira vez, há de surpreender-se com o escancarado nudismo de certas figuras talhadas no mármore. Em Roma, Veneza e Florença, particularmente nesta última, o fato é comum. Mas agora, uma onda moralizadora está impondo o que mostra a gravura: um trabalho paciente, discréto e, afinal, subordinado às leis d arte, no sentido de «moralizar» as esculturas, notadamente as que foram erguidas no domínio mussolínico, por demais realistas e cruas. Essa delicada taréfa começou a ser adotada fazendo cobrir à grande estátua do Fôro Itálico (ex-fôro Mussolini), para estender-se a outras, que ostentavam, de certo modo, características por demais alusivas ao passado regime.



ESTA MÁSCARA GIGANTESCA foi construida diante do Palácio do Cinema, no Lido de Veneza e representa Aldo Fabrizi, o grande cineasta e interprete de «Prima Comunione», um dos filmes do Festival de Veneza. Mas, como na Itália dos tempos do fascismo o povo só se habituara a vêr tais homenagens ao «Duce», todo mundo que passava diante dessa máscara monumental pensava logo que se tratava de Mussolini. E não faltou quem erguesse o braço na saudação romana instituida pelo Chefe dos Camisas Negras, ou saisse a cantarolar a «Giovinezza». Os homenageadores de Fabrizi tiveram, então, que colocar um letreiro desfazendo o engano.



A MECÂNICA TEM PRODUZIDO verdadeiros milagres. Agora uma grande Companhia americana de publicidade, cujo movimento de correspondência recebida é fantástico, vendo que não era mais possivel abrir os milhares de cartas pelo processo individual, com espátulas, cortando com tesouras ou gilete, adquiriu uma máquina especialmente construida para abrir-lhe as cartas! A correspondência é despejada no recipiente à direita e sai aberta e selecionada automàticamente. As que vêm, eventualmente, com valor, são dirigidas para um outro recipiente lateral, como mostra a gravura dessa máquina singularíssima.

NOME LEGENDÁRIO



MUITA coisa sucede em matéria de eleição político-partidária. Mas esta que acaba de envolver o nome do sr. Eurico de Oliveira é mesmo de amargar. Não sabemos se o leitor observou esta duplicidade de nomes entre as chapas que disputaram cadeiras de deputados no Distrito Federal: Eurico de Oliveira, do PSP e Eurico de Oliveira do PRT. Nomes iguaizinhos na grafia e na prosódia. Se ainda houvesse um y em Olyveira, como se usa em Freyre, Jayme, Jacynto, estaria salva a situação; mas, infelizmente, o caso ficou muito ruim para o último Eurico de Oliveira, o do PRT. ..O fato é o seguinte: Eurico de Oliveira, candidato federal pelo Distrito Federal, fêz tôda a sua campanha a intitular-se "trabalhista", visando com isso a dois alvos: os votos do PTB e os do extinto PC. Veio a apuração e os juizes das respectivas seções decidiram contar tôdas as cédulas que continham apenas o nome do votado, sem as respectivas legendas partidárias, para o outro candidato, o homônimo do PSP, pelo fato de ter êle pedido registro do seu nome e de sua legenda, três dias antes do outro. E' mais uma curiosa lição eleitoral que deve ficar bem registradinha nos cadernos de notas dos senhores políticos com pretensões a legislativos. A prioridade eleitoral é também uma circunstância prevista na lei que rege a matéria. Se o sr. Eurico de Oliveira do PRT houvesse tido o cuidado de, em cada cédula distribuída, imprimir ou escrever a máquina as iniciais do partido, indicando, pois, a legenda, estaria salvo. Fica-se sabendo, que, nome legendário não é sòmente o de Moisés, Salomão, Gengis-Khan. Eurico de Oliveira também é...

QUE ESTRÉIA!

CLIFERIO REYES GUERRERO, um camponês de 19 anos, realizou na noite do dia 10 de outubro, um passeio aéreo que ficará na história da aviação comercial como uma das maiores façanhas. No momento em que um aparelho se preparava para decolar do aeródromo de Lamba, Cliferio agarrou-se fortemente à cauda do avião, conseguindo manter-se seguro sem que seus pés ou mãos tocassem os cabos do leme, razão por que o pilôto que o dirigia não notou nada de extraordinário. Subindo com tôda a sua carga normal e anormal, chegou o avião a quatro mil metros de altura, na travessia de 720 quilômetros entre Lamba e a capital do México. Em certa altura o pilôto, Jorge Cuzman notou que a cauda do seu avião estava demasiadamente pesada; mas, como tudo ia correndo muito bem, não pôde atinar com a causa. Os comandos estavam em ordem; o que fôsse, saberia êle quando descesse. Logo que aterrou, foi verificar o que se passara e viu, com grande surprêsa, um jovem camponês de pé sôbre o estabilizador horizontal direito, agarrado com unhas e dentes à borda do leme da cauda. Mas, pobre do mocinho! Em que estado de destruição estava! A roupa em tiras, o corpo gelado como se saísse naquele instante de um frigorífico. E' que êle estivera a mais de 4 mil metros de altura, sob a ação do frio e do vento mais intensos, sem agasalhos, sem um estimulador. Foi prêso; mas está muito contente. Realizou o seu grande sonho: uma viagem de avião!



HEROISMO ELEITORAL

AINDA vamos ler muita coisa edificante em tôrno de episódios das eleições de 3 de outubro. Aos poucos, vêm a público fatos curiosos, edificantes e, às vêzes, reprováveis. Um dêsses reprováveis foi o daquele eleitor que depositou no envelope uma fotografia de criança com a legenda: "Voto neste porque se contenta com balas". Haverá coisa mais idiota? Pensamos que as mesas apuradoras não deviam dar publicidade a tais exemplos, pois que, dando-se-lhes vulgarização, estamos contribuindo para estimular os imitadores e gaiatos sem graça. Nas eleições anteriores às de 3 de outubro, houve muita demonstração de banalidades. Cédulas com marcas de baton, outras com quadrinhas amorosas, mais algumas com ditos chistosos. Tudo isso é profundamente lamentável e demonstra que nosso povo precisa de mais educação política.. Uma eleição do caráter e das finalidades das de 3 de outubro, não é concurso de imbecilidades, programa de calouros diante de microfones de finalidades comerciais para dar prêmios a quem fôr mais "engraçado" ou ignorante. E' uma parada muito séria e exige de todos a maior circunspecção e respeito. Mas, felizmente, se há exemplos de desagradável efeito, outros se registram em favor de nossa civilização e muitas vêzes dados por gente do povo, de aspecto humilde. Vejam o caso daquela mulher, ainda jovem e não funcionária pública, que veio votar trazendo ao colo um filhinho de poucos dias de nascido. Sem poder assinar, nem depositar as cédulas no envelope, pois estava com as mãos ocupadas em segurar o filho, um fiscal do PTN se ofereceu para ficar com a criança, até que ela terminasse sua obrigação de cidadã. Êsse exemplo é uma tapona na cara dos que fazem do voto um motivo de graçolas e humorismos.



VIVA A POLIGAMIA!

UMA das sessões mais sensacionais a que já assistiram os delegados à ONU em Lake Success, foi a de 12 de outubro, data do descobrimento do Novo Mundo. Mas, não pense o leitor que a memorável sessão se tenha tornado célebre em virtude do inesquecível acontecimento que teve em Colombo o seu herói e mártir. Nada disso. Embora o dia fôsse o do descobrimento da América, a sessão da ONU se tornou extraordinàriamente interessante com o discurso longo e substancioso que fêz o delegado da Libéria no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Qual o tema dessa peça oratória? A defesa entusiasta da poligamia! Para fundamentar seus argumentos, o orador liberiano declarou em meio de grande silêncio, que o homem sempre foi polígamo. Desde o seu aparecimento sôbre a face do planeta, os homens, reis, imperadores, generais, doutores ou plebeus, sempre foram polígamos. E pergunta diante dos olhares estarrecidos de seus pares: "Quantas mulheres tinha o rei Salomão?" Como era de esperar, ninguém respondeu à arrasadora pergunta. E ninguém respondeu com medo de que o orador poligamista viesse encolhendo o tempo e chegasse até êles e descobrisse alguma malandragem dos mais conspícuos representantes dos povos das 59 nações unidas.



Mas, nós vamos dizer que Salomão possuía, segundo o Pentateuco e historiadores mais ou menos desocupados, mil mulheres. Entretanto, conforme podemos ler em seus epitalâmios bíblicos, havia uma dentre elas que lhe merecia tôdas as honras e preferências de bom espôso. As restantes 999 eram como jóias falsas de coroas de lata. Além disso, qual o mortal que suportaria nos tempos atuais, mais de uma mulher? Só em baton... Santo Jeová!

OU PAGA OU MORRE



O mais curioso caso de pedido de indenização acaba de ser registrado no fôro criminal do Rio de Janeiro. E' inédito, não sòmente aqui, como em qualquer parte dêste mundo. O estivador Gabriel Bonfim, vivia, há mais de dez anos, em companhia de uma mulher. Como ouvira falar em usocapião, achava que ela era sòmente dêle, embora não fôssem casados nas leis de Deus e na lei dos homens. Um dia, porém, sua beldade achou que não suportava mais o Bonfim e procurou um jeito de dar fim ao bom homem. Não é trocadilho. E' a pura verdade. Êle não se mostrou muito impressionado com a decisão unilateral da amada de tanto anos. A vida era assim mesmo. Um dia é da caça, outro é do caçador. Mas, lhe surgiu na caramiola esta idéia genial: "Pelas Leis Trabalhistas, o indivíduo que tem anos de serviço efetivo numa casa empregadora, tem direito a indenização. Logo... se êle estava em companhia dela por mais de 10 anos já, não podia ser "despedido" em justa causa, sem receber uma indenização". A lógica era de grande firmeza e êle se encaminhou para a casa de sua ex-amada. Entrou e lhe expôs o seu ponto de vista jurídico no campo do Direito de Família aplicado à Consolidação das Leis Trabalhistas. A moça ouviu o estivador e, fazendo cara de riso, respondeu que êle estava era sonhando. Não lhe daria um vintém. Êle insistiu. Queria dez mil cruzeiros, e se ela não aceitasse, seria multada e pagaria em dôbro. A jurisprudência dos tribunais estava a favor dele. Resultado: um tiro dele nela, felizmente, sem conseqüências e êle na cadeia. Quando sair vai exigir férias...

O DIÁRIO DE HUMBERTO DE CAMPOS



O grande escritor maranhense, Humberto de Campos, deixou o seu nome literário dividido em duas fases: uma, a da literatura jocosa, por vêzes imoral; a outra, a literatura das narrativas estéticas, leitura sadia, convidativa, dos contos, das memórias, da crítica. Não era escritor de purismos clássicos e seu vernáculo não primava pela estética da língua portuguêsa; mas, se a isso podemos dar o nome de falha na forma, e substância, a idéia, o conceito, eram incomparáveis. Humberto de Campos, nas "Memórias", deixou os seus leitores numa ansiedade indescritível. E' que, segundo suas disposições de antes de morrer, seu último volume, "O Diário de Humberto de Campos", só deveria ser dado à estampa em 1950. Isso determinou êle, oficial e pessoalmente, à Academia Brasileira de Letras, a 15 de julho de 1934. Teríamos, pois, que esperar dezesseis anos... Em 1949, os seus herdeiros firmaram com a "Editora W. M. Jackson", já divulgadora de outras obras do escritor, a edição dêsse último livro, de maneira que, êste ano que já se finda não passasse sem ser cumprida a disposição do autor. Mas... ao que parece, o caso não será assim tão fácil de ser realizado. Humberto de Campos está na iminência de não "ver" seu "Diário" dado à luz. Uma filha do morto acaba de levantar perante o juiz Ivan Lopes Ribeiro, esta gravíssima questão: "O Diário de seu pai contém coisas que lhe comprometem a memória, o nome e o nome de muita gente morta o ainda viva. Por êsse motivo, propõe que sejam queimados os originais da obra e esquecida a aventura literária do escritor". E todo mundo interessado no assunto já foi notificado pelo juiz. Falta agora invocar o autor, o dono da coisa.



ESTA ESTRANHA FIGURA vestida com hábito de franciscano e chapéu profano, é a famosa artista francesa Cecile Sorel, tendo ao lado uma graciosa turista norte-americana, pela qual o rei Faruk, então em França, demonstrou particular atenção. Cecile Sorel entrára, a 10 de agosto último, para a Ordem Terceira de S. Francisco, como noviça, no convento de Baiona. Mas, indo à sua casa de Biarritz, teve a inoportuna idéia de deixar-se fotografar diante de um altar de sua invenção, no qual havia muita cousa de natureza religiosa, com o que não concordaram os seus superiores religiosos. E Sorel foi expulsa. Mas, mesmo assim, ei-la, em Biarritz, com trajos de freira.

A LUTA CONTRA O CANCER é uma obstinação de todos os médicos e professôres de Medicina dedicados a essa campanha humanitária e salvadora. Não se pode calcular o número de pessoas atacadas pela terrível moléstia, havendo discussões e controvérsias no campo científico acêrca da maneira por que se transmite o mal. Agora mesmo, em Milão, a doutôra Clara Fonti Joles, dando prova de seu amor à ciência e à humanidade, realizou consciente e voluntàriamente em seu próprio corpo o contágio da moléstia que, segundo asseverou, é produzido por um "virus" inoculável e transmissível. E, para comprovar, fêz, em seguida, a cura da célula cancerosa num dos seios, registrando a regressão do mal.



A última excentricidade de Paris

HÁ em Paris, a cidade luz, a imortal Lutécia, o mais original dos clubes que povoam êste mundo de contradições. E' o Clube das Mulheres-Homens, criação de Frede, sua proprietária, funcionando na rua Ponthieu, em Montmartre. Frede procura convencer as suas clientes de que êsse negócio de vestir saias, blusinhas, fitinhas, rendas, aplicações e tudo o que a indumentária feminil aconselha, deve ser abolido. Em troca, tôdas as mulheres devem trajar *à la homme*, ter hábitos masculinos, dançar, beber, fumar, freqüentar lugares como qualquer marmanjo. O que atrapalha um pouco é a inflexão de voz; mas, segundo pensa Frede, com o tempo a garganta engrossa, o hipoglosso adere à idéia das calças e a voz sairá daquêle jeito. Frede não perde tempo e vai iniciando suas clientes nos hábitos masculinos. O clube se abre à meia-noite e é freqüentado pelas mais belas mulheres de Paris. Fecha às cinco da manhã. Entre os sócios e fundadoras mais famosas se encontram Marlene Dietrich, Rita Hayworth, a Duquesa de Windsor, bem como famosos artistas, políticos e intelectuais, como Churchill, J. Cocteau, Bing Crosby, Picasso, Elizabeth Taylor, etc.. Não é, pois, como pode parecer, coisa sem prestígio social. Mas, não sabemos se o velho Churchill chegou a bailar com alguma mulher-homem das diversões Frede. Que o assunto é curioso e provoca interêsse, não há dúvida. Aqui, nestas fotos, vemos: à esquerda, Frede dançando um samba com Janine Miller, de Chicago; em cima, Michele Berger, masculinamente acende o cigarro de Frede; em baixo, Lana Samara, festejada compositora de música, especialmente para jazz, canta uma canção à do meio, enquanto a outra mulher-homem, pela fisionomia, parece estar com vontade de quebrar-lhe uma garrafa na cabeça...

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A Espanha de Hoje...... 4/5
Enxadristas em ação (Sabino Canalini) 10/13
A moderna Canaan (Henri Mau). 15/17
O imigrante Salvador Câmara (Rosalvo Florentino). 20/21
De Londres a Paris numa corrida de taxi 29/31
A guerra na Coréia........ 35/37

LITERATURA

Worlds... worlds... worlds... (Edmundo Lys) 3
Semana Literária (Edmundo Lys). 8/9
Livra-me do casamento (Lysa Castro) 28
O voluntário nº 44 (Eugênio Morato) 32/33
A vida de Catharina Breshkovsky (Henry-Dana Lee Thomas). 38

HUMORISMO

Bom Humor 14
O Nascimento (Nicodemus) 22
Sete dias em revista — (THEO). 34

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro......... 6
A Semana em Revista.... 7
Personagem da Semana.. 7
A saúde do bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Correio da Revista........ 48
Música (Roberto Lyra Fº) 50
Palavras Cruzadas 51
Tudo isto aconteceu....... 55/57

ATUALIDADES

As mãos de Margarida.... 18/19
O coração e seus problemas. 23

CINEMA

Êles fora do estúdio...... 24/27

FEMININAS

Reuniões elegantes 39
Modelos de Hollywood.... 40
Em preto e branco 41
Plissados. 42
Modelinhos. 43
Week-End na Cozinha.... 44/45

FOLHETIM

Entre a piedade e o amor. 54

ILUSTRAÇAO

Orlando Mattos

BONECOS

Rafael

F O T O S

Sabino Canalini — News-Pres — Ipa — Arnaldo Vieira — Avulsas.

★

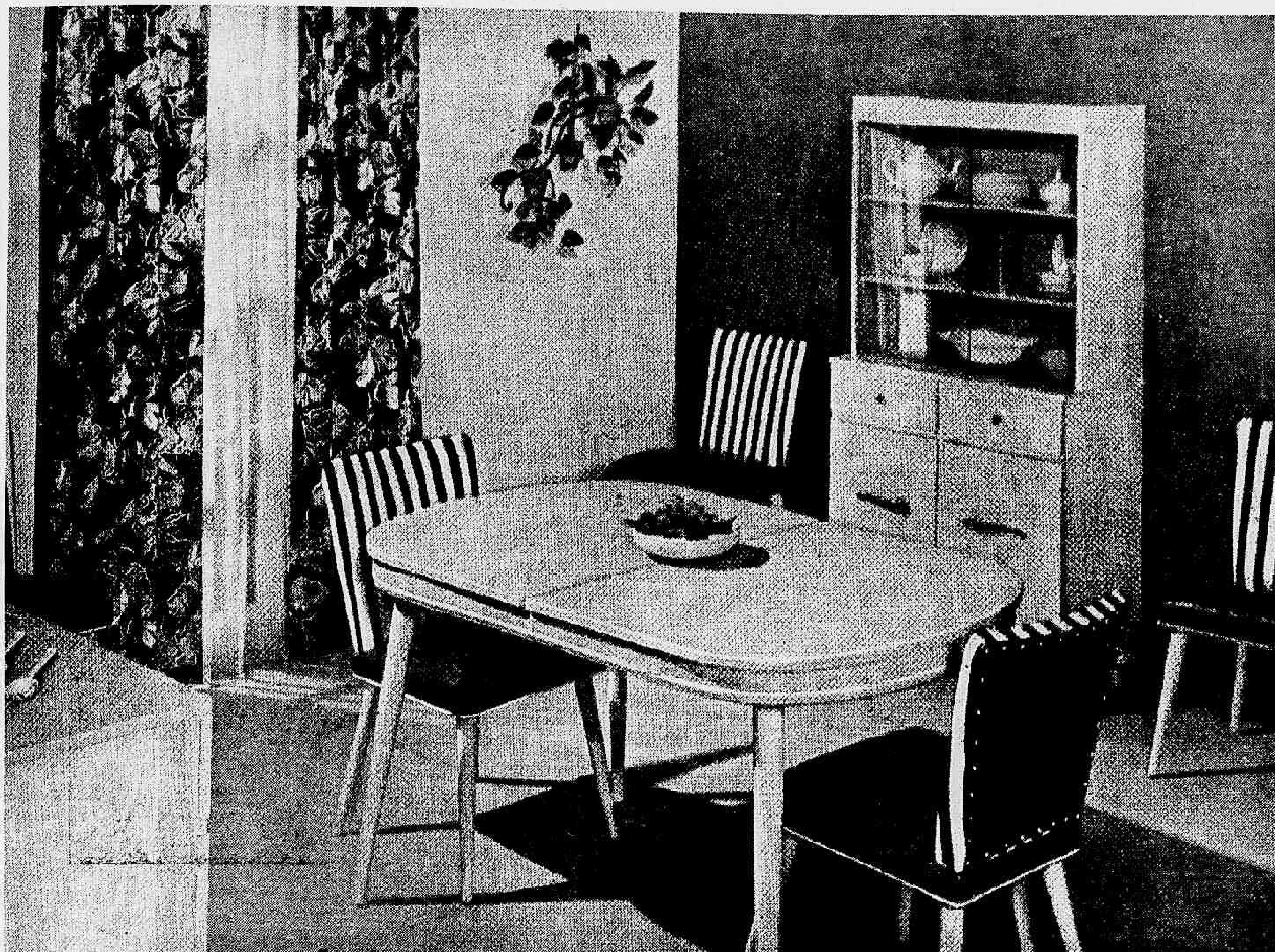
NA CAPA:

Ava Gardner
(Foto RKO)

Respostas ao teste

1—Onde está o Liceu de Artes e Ofícios.
2—Shakespeare
3—Pinheiro Machado
4—Anatole France
5—Aumentando
6—Nas faldas do Vesúvio
7—Pelo traçado em espiral
8—Ionosfera
9—Na Rússia (Sibéria com 130 toneladas)
10—B
11—Por acaso (1675, Inglaterra)
12—Elevado
13—250 quilômetros por hora
14—Presbiopia (dos 40 aos 45 anos)
15—Epifora
16—Moratória
17—Presidir aos movimentos da língua e faringe
18—Destacar as notas nitidamente
19—O Granbery (Juiz de Fora)
20—Porque nunca ouviram outra pessoa falar.

MOVEIS E DECORAÇÕES



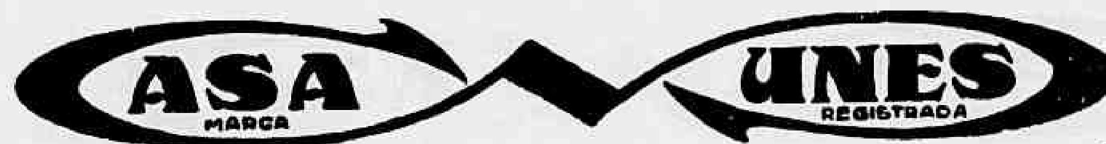
Especialidade em

GRUPOS ESTOFADOS

em couro, damasco,
gobelins, linho, etc.

TAPETES E PASSADEIRAS

lisos e com flores
em todos os tamanhos



65 RUA DA CARIOCA 67—RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**